

SUSIELE MACHRY DA SILVA

**ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ÁTONAS FINAIS E NÃO FINAIS NO
PORTUGUÊS FALADO EM RINCÃO VERMELHO - RS**

Dissertação apresentada como requisito
para obtenção do grau de Mestre pelo
programa de Pós-Graduação em Letras
da Faculdade de Letras da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande
do Sul.

Prof. Dr. Cláudia Regina Brescancini
Orientadora

Porto Alegre
Janeiro de 2009

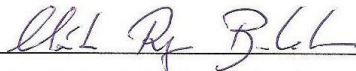
SUSIELE MACHRY DA SILVA

ELEVAÇÃO DAS VOGAIS ÁTONAS MÉDIAS FINAIS E NÃO FINAIS NO PORTU-
GUÊS FALADO EM RINCÃO VERMELHO - RS

Dissertação apresentada como re-
quisito para obtenção do grau de
Mestre, pelo Programa de Pós-
Graduação em Letras da Faculdade
de Letras da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 13 de janeiro de 2009

BANCA EXAMINADORA:



Prof^a. Dr. Cláudia Regina Brescancini - PUCRS



Prof^a. Dr. Maria José Blaskovski Vieira - UFPel



Prof^a. Dr. Leda Bisol - PUCRS

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade...

À minha família, especialmente a minha mãe, Maria Teresinha, e aos meus tios Imelda, Cecília e Amadeu, pela compreensão de minha ausência e pelo apoio incondicional.

À professora Cláudia Brescancini, pela dedicada e cuidadosa orientação, pelo seu exemplo profissional, pelas palavras de incentivo e, acima de tudo, por acreditar junto comigo na realização desta pesquisa. **MUITO OBRIGADA!**

Aos meus informantes, pela disponibilidade e contribuição para realização do trabalho.

Ao CNPq, pela bolsa integral concedida.

À família Alves, que carinhosamente chamo minha segunda família, pela acolhida, pelos preciosos ensinamentos e os muitos momentos de alegria e diversão.

Ao Rafael, pelo carinho e pelo conforto.

À Janaine, colega de apartamento, por compartilhar comigo esta experiência.

Aos colegas, funcionários e professores da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI, pela amizade, pelo apoio e pelos ensinamentos.

Às professoras Maria Thereza e Marisa, por quem tenho apreço especial, pelas belas palavras de incentivo e pela força. Obrigada!

À Geni e aos meus afilhados Anthoni e Cecília, pela preciosa amizade e pelo carinho.

À colega e também uma das minhas primeiras amigas em Porto Alegre, Ana Paula Alencastro, pela ajuda, pela leitura do trabalho, as valiosas sugestões, enfim...

OBRIGADA POR TUDO!

Às colegas de Mestrado, especialmente a Cris, a Queiti, a Rita, a Clarice e a Samanta, pela amizade e o companheirismo.

À professora Leda Bisol, pelas preciosas aulas de Fonologia e pelas contribuições para esta pesquisa.

À professora Regina Lamprech, por seus valiosos ensinamentos e pelas palavras de incentivo recebidas durante o curso.

Ao professor Marcelino, agradeço o privilégio de ter sido sua aluna.

*Minha terra é Roque Gonzales
Sob as bênçãos do intrépido herói
Padre Roque, fiel Jesuíta
Missionário, também mártir foi.
Lá das margens fecundas do rio
Quando o Santo tão logo avistou
As colinas e o bosque bravio
“Que beleza, meu Deus!”, exclamou.*

*Deus te salve ó Roque Gonzales
Terra amiga, de paz e valor.
Que teus sonhos, brilhantes realizes
Com as bênçãos do teu protetor.*

Bruno Klein

RESUMO

O presente estudo insere-se na área temática de Variação Lingüística e tem por objetivo descrever e analisar o processo de elevação das vogais médias átonas /e/ e /o/, finais e não finais, no português falado em Rincão Vermelho - RS, comunidade que faz fronteira com a Argentina. A amostra para a realização da pesquisa, constituída por catorze informantes, foi obtida a partir de entrevistas de experiência pessoal e da aplicação de um instrumento com perguntas diretas, destinado à coleta de proparoxítonas. Os resultados da análise estatística revelaram que o alçamento das vogais médias /e/ e /o/ em posição final e não final ocorre variavelmente, sendo que o alçamento de /o/ é mais freqüente que o alçamento de /e/ em ambas as posições. Foram selecionadas como relevantes para o alçamento de /e/ em posição final as variáveis Contexto Vocálico da Tônica, Contexto Precedente, Tipo de Sílabas, Contexto Seguinte, Localização da Postônica, Classe Gramatical, Sexo e Escolaridade. Para a vogal /o/, nessa mesma posição, mostraram-se relevantes as variáveis Contexto Vocálico da Tônica, Contexto Precedente, Tipo de Sílabas, Contexto Seguinte, Localização da Postônica, Classe Gramatical, Sexo, Idade e Escolaridade. Entre os condicionadores lingüísticos e sociais, mostraram-se mais relevantes ao alçamento de ambas as vogais a variável lingüística Contexto Vocálico da Tônica e a variável social Escolaridade. No que refere-se às vogais em posição postônica não final, foram selecionadas como relevantes as variáveis Tipo de Postônica, Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Contexto Vocálico da Tônica, Localização da Postônica, Tipo de Entrevista e Sexo. Os resultados indicam ainda que o alçamento em posição não final atinge mais a vogal média /o/ do que a vogal média /e/. Há indícios de que a variação das vogais nessa posição não é regular e ocorre mais facilmente em determinados vocábulos.

RESUMEN

El presente estudio se inserta en el área temática de la Variación Lingüística. Su objetivo es describir y analizar el proceso de elevación de las vocales medias /e/ y /o/, finales y no finales, en el portugués hablado en Rincão Vermelho – RS, comunidad ubicada en la frontera con la Argentina. La muestra para la realización de la investigación, constituida por catorce informantes, fue obtenida a partir de entrevistas de experiencia personal y de la aplicación de un instrumento con cuestiones directas, destinado a la obtención de palabras proparoxítonas. Los resultados del análisis revelaron que el alzamiento de las vocales medias /e/ y /o/ en posición final y no final es una ocurrencia variable, siendo que el alzamiento de /o/ es más frecuente que el alzamiento de /e/ en ambas las posiciones. Fueron seleccionadas como relevantes para el alzamiento de /e/ en posición final las variables Contexto Vocálico de la Tónica, Contexto Precedente, Tipo de Sílabas, Contexto Siguiente, Localización de la Postónica, Clase Gramatical, Sexo y Escolaridad. Para la vocal /o/, en esa misma posición, se mostraron relevantes las variables Contexto Vocálico de la Tónica, Contexto Precedente, Tipo de Sílabas, Contexto Siguiente, Localización de la Postónica, Clase Gramatical, Sexo, Edad y Escolaridad. Entre los condicionantes lingüísticos y sociales, se mostraron más relevantes al alzamiento de ambas las vocales la variable Contexto Vocálico de la Tónica y la variable social Escolaridad. En lo que respecta a las vocales en posición postónica no final, fueron seleccionadas como relevantes las variables Tipo de Postónica, Contexto Precedente, Contexto Siguiente, Contexto Vocálico de la Tónica, Localización de la Postónica, Tipo de Entrevista y Sexo. Los resultados indican aún que el alzamiento en posición no final atinge más la vocal media /o/ que la vocal media /e/. Hay indicios de que la variación no es regular y ocurre más fácilmente en determinados vocablos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vogais em posição tônica.....	18
Figura 2 – Vogais tônicas diante de consoante nasal na sílaba seguinte.....	19
Figura 3 – Vogais na posição pretônica.....	19
Figura 4 – Vogais postônicas não finais.....	20
Figura 5 – Vogais em posição postônica final.....	20
Figura 6 – Sistemas vocálico do português brasileiro.....	21
Figura 7 – Sistema vocálico do português brasileiro em posição pretônica.....	22
Figura 8 – Sistema vocálico do português brasileiro em posição postônica não final.....	22
Figura 9 – Sistema vocálico do português brasileiro em posição postônica final.....	23
Figura 10 – Representação das vogais tônicas do português.....	24
Figura 11 – Mapa do Estado do Rio Grande do Sul.....	48

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Elevação da vogal postônica final /e/: frequência global	92
Gráfico 02 – Elevação da vogal postônica final /e/: Contexto Precedente.....	95
Gráfico 03 – Elevação da vogal postônica final /e/: Contexto Precedente e Contexto Vocálico da Tônica.....	98
Gráfico 04 – Elevação da vogal postônica final /e/: contexto seguinte vocálico e processos de sândi externo.....	104
Gráfico 05 – Elevação da vogal postônica final /e/: Contexto Vocálico da Tônica e Classe Gramatical.....	107
Gráfico 06 – Elevação da vogal postônica final /e/: Localização da Postônica e Classe Gramatical.....	109
Gráfico 07 – Elevação da vogal postônica final /e/: Tipo de Contato e Sexo.....	111
Gráfico 08 – Elevação da vogal postônica final /e/: Escolaridade e Sexo.....	113
Gráfico 09 – Elevação da vogal postônica final /e/: Escolaridade e Idade.....	114
Gráfico 10 – Elevação da vogal postônica final /o/: frequência global.....	115
Gráfico 11 –Elevação da vogal postônica final /o/: Contexto Vocálico e Contexto Precedente.....	121
Gráfico 12 - Elevação da vogal postônica final /o/: contexto seguinte vogal sândi.....	125
Gráfico 13 -Elevação da vogal postônica final /o/: Contexto Vocálico e Classe Gramatical.....	129
Gráfico 14- Elevação da vogal postônica final /o/: Localização da Postônica e Classe Gramatical.....	130
Gráfico 15 – Elevação da vogal postônica final /o/: Tipo de Contato e Sexo.....	132
Gráfico 16 - Elevação da vogal postônica final /o/: Idade e Escolaridade.....	135
Gráfico 17 - Elevação postônicas não finais: Tipo de Vogal e Contexto Precedente.....	140
Gráfico 18 - Elevação das vogais postônicas não finais: Contexto Seguinte e Tipo de Vogal.....	142
Gráfico 19 - Elevação das vogais postônicas não finais: Contexto Vocálico da Tônica e Tipo de Vogal.....	144
Gráfico 20 - Elevação das vogais postônicas não finais: Localização da Postônica e Tipo de Vogal.....	147
Gráfico 21 - Elevação das vogais postônicas não finais: Tipo de Entrevista e Tipo de Vogal.....	149
Gráfico 22 –Elevação das vogais postônicas não finais: Sexo e Tipo de Vogal	150

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Constituição das células.....	57
Quadro 2 – Características das situações de entrevista e relação entrevistados- informantes.....	60
Quadro 3 – Análise da ortogonalidade entre as variáveis independentes.....	82
Quadro 4 – Elevação da vogal postônica final /e/: relação de ortogonalidade entre variáveis lingüísticas.....	84
Quadro 5 – Elevação da vogal postônica final /e/: relação de ortogonalidade entre variáveis sociais.....	87
Quadro 6 – Elevação da vogal postônica final /o/: relação de ortogonalidade entre variáveis lingüísticas.....	88
Quadro 7 – Elevação da vogal postônica final /e/: ocorrências com presença de vogal alta na palavra.....	98
Quadro 8 – Elevação da vogal postônica final /e/: desenvolvimento da variável Contexto Seguinte nos níveis do <i>step-up</i>	103
Quadro 9 – Elevação da vogal postônica final /o/: ocorrências com ou sem a presença de vogal alta na sílaba tônica.....	117
Quadro 10 – Elevação da vogal postônica final /o/: ocorrências com contexto precedente coronal [+ anterior]	119
Quadro 11 – Elevação da vogal postônica final /o/: desenvolvimento da variável Contexto Precedente nos níveis do <i>step-up</i>	120
Quadro 12 – Elevação da vogal postônica final /o/: desenvolvimento da variável Contexto Seguinte nos níveis do <i>step-up</i>	124
Quadro 13 – Elevação da vogal postônica final /o/: desenvolvimento da variável Localização da Postônica nos níveis do <i>step-up</i>	127
Quadro 14 – Elevação da vogal postônica final /o/: desenvolvimento da variável Classe Gramatical nos níveis do <i>step-up</i>	128
Quadro 15 – Elevação das vogais postônicas /e/ e /o/: condicionadores lingüísticos e sociais.....	136
Quadro 16 – Elevação das vogais postônicas não finais: ocorrências com contexto precedente dorsal.....	141
Quadro 17 – Elevação das vogais postônicas não finais: ocorrências com vogal /e/.....	145
Quadro 18 – Elevação das vogais postônicas não finais: desenvolvimento da variável Localização da Postônica nos níveis do <i>step-up</i>	146
Quadro 19 - Elevação das vogais postônicas não finais e condicionadores lingüísticos e sociais.....	151
Quadro 20 - Elevação das vogais postônicas não finais: comparação das freqüências.....	153

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Elevação da vogal postônica final /e/ e Contexto Precedente.....	94
Tabela 2 – Elevação da vogal postônica final /e/ e Contexto Vocálico da Tônica.....	96
Tabela 3 - Elevação da vogal postônica final /e/ e Tipo de Sílabas.....	100
Tabela 4 – Elevação da vogal postônica final /e/ e Contexto Seguinte.....	102
Tabela 5 – Elevação da vogal postônica final /e/ e Localização da Postônica.....	105
Tabela 6 – Elevação da vogal postônica final /e/ e Classe Gramatical.....	106
Tabela 7 – Elevação da vogal postônica final /e/ e Sexo.....	110
Tabela 8 – Elevação da vogal postônica final /e/ e Escolaridade.....	112
Tabela 9 – Elevação da vogal postônica final /o/ e Contexto Vocálico da Tônica.....	117
Tabela 10 – Elevação da vogal postônica final /o/ e Contexto Precedente.....	118
Tabela 11 – Elevação da vogal postônica final /o/ e Tipo de Sílabas.....	122
Tabela 12 – Elevação da vogal postônica final /o/ e Contexto Seguinte.....	123
Tabela 13 – Elevação da vogal postônica final /o/ e Localização da Postônica.....	126
Tabela 14 – Elevação da vogal postônica final /o/ e Classe Gramatical.....	128
Tabela 15 – Elevação da vogal postônica final /o/ e Sexo.....	131
Tabela 16 – Elevação da vogal postônica final /o/ e Idade.....	133
Tabela 17 – Elevação da vogal postônica final /o/ e Escolaridade.....	134
Tabela 18 – Elevação das vogais postônicas não finais e Tipo de Vogal.....	138
Tabela 19 – Elevação das vogais postônicas não finais e Contexto Precedente.....	139
Tabela 20 - Elevação das vogais postônicas não finais e Contexto Seguinte.....	142
Tabela 21 – Elevação das vogais postônicas não finais e Contexto Vocálico da Tônica...	143
Tabela 22 – Elevação das vogais postônicas não finais e Localização da Postônica.....	146
Tabela 23 - Elevação das vogais postônicas não finais e Tipo de Entrevista.....	148
Tabela 24 - Elevação das vogais postônicas não finais e Sexo.....	150

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
2 SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	16
2.1 Vocalismo do Português: considerações históricas.....	16
2.2 O Sistema Vocálico no Português Moderno	18
2.2.1 A perspectiva estruturalista de Mattoso Câmara	18
2.2.2 Perspectiva gerativista	21
2.2.3 Perspectiva da Fonologia Não Linear.....	24
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	31
3.1 Mudança Lingüística: primeiros modelos teóricos.....	31
3.2 A Teoria da Variação.....	33
3.3 Estudos Acerca da Variação das Vogais Médias Postônicas	35
3.4 Análise comparativa dos estudos realizados no Rio Grande do Sul.....	43
4 METODOLOGIA.....	47
4.1 A comunidade.....	47
4.1.1 Aspectos geográficos.....	47
4.1.2 Histórico	49
4.2 A Coleta de dados.....	53
4.2.1 Observação da comunidade	54
4.2.2 Seleção dos informantes	54
4.2.3 Constituição da Amostra	55
4.2.4 Forma de obtenção dos dados.....	57
4.3 As variáveis da pesquisa.....	62
4.3.1 Variável dependente	63
4.3.2 Variáveis independentes lingüísticas.....	63
4.3.2.1 Posição da Postônica	64
4.3.2.2 Tipo de Vogal.....	64
4.3.2.3 Contexto vocálico da tônica	65
4.3.2.4 Contexto precedente	65
4.3.2.5 Tipo de sílaba	67
4.3.2.6 Contexto seguinte	68
4.3.2.7 Localização da Postônica.....	69
4.3.2.8 Classe gramatical	70
4.3.2.9 Tipo de item lexical	71
4.3.3 Variáveis independentes sociais	72
4.3.3.1 Sexo	72
4.3.3.2 Idade	73
4.3.3.3 Escolaridade.....	74
4.3.3.4 Tipo de contato com centros urbanos	75
4.3.3.5 Tipo de Entrevista.....	75
4.4 Codificação dos dados	76
4.5 Instrumento estatístico	77

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	79
5.1 Seleção das Variáveis: procedimentos de análise estatística.....	79
5.2 Discussão dos resultados para a vogal /e/ em posição postônica final.....	92
5.2.1 Freqüência global	92
5.2.2 Variáveis Lingüísticas	93
5.2.2.1 Contexto Precedente.....	93
5.2.2.2 Contexto Vocálico da Tônica	96
5.2.2.3 Tipo de Sílabas.....	99
5.2.2.4 Contexto Seguinte.....	102
5.2.2.5 Localização da Postônica.....	105
5.2.2.6 Classe Gramatical	106
5.2.3 Variáveis Sociais	110
5.2.3.1 Sexo	110
5.2.3.2 Escolaridade.....	112
5.3 Discussão dos resultados para a vogal /o/ em posição postônica final.....	115
5.3.1 Freqüência global	115
5.3.2 Variáveis Lingüísticas	116
5.3.2.1 Contexto Vocálico da Tônica	116
5.3.2.2 Contexto Precedente.....	118
5.3.2.3 Tipo de Sílabas.....	121
5.3.2.4 Contexto Seguinte.....	123
5.3.2.5 Localização da Postônica.....	126
5.3.2.6 Classe Gramatical.....	127
5.3.3 Variáveis Sociais	131
5.3.3.1 Sexo	131
5.3.3.2 Idade	133
5.3.3.3 Escolaridade.....	133
5.4 Síntese do comportamento das vogais médias /e/ e /o/ em posição final.....	136
5.5 Discussão dos resultados para as vogais médias /e/ e /o/ em posição não final.....	138
5.5.1 Variáveis Lingüísticas	138
5.5.1.1 Tipo de Vogal	138
5.5.1.2 Variável Contexto Precedente	139
5.5.1.3 Variável Contexto Seguinte.....	141
5.5.1.4 Variável Contexto Vocálico da Tônica	143
5.5.1.5 Variável Localização da Postônica.....	145
5.5.2 Variáveis Sociais	148
5.5.2.1 Variável Tipo de Entrevista.....	148
5.5.2.2 Sexo	149
5.6 Síntese do comportamento das vogais médias /e/ e /o/ em posição não final.....	151
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	155
REFERÊNCIAS	159
ANEXOS - Anexo A – Modelo de Ficha social	164
Anexo B – Roteiro de questões para pesquisa de campo	165
Anexo C - Instrumento para coleta das vogais médias não finais.....	167
Anexo D - Fichas com imagens utilizadas.....	168
Anexo E - Fotos da comunidade.....	170

INTRODUÇÃO

Segundo a proposta de Mattoso Câmara (2007 [1976]), as vogais médias postônicas finais e não finais em língua portuguesa apresentam um sistema mais reduzido em relação às vogais médias pretônicas, o que é explicado, de acordo com autor, pela perda ou supressão das oposições entre /o/ e /u/ não finais e entre /e/ - /i/ e /o/ - /u/ finais. Nesse sentido, são comuns realizações como *abób[u]ra* para *abóbora* e *tim[i]* para *time*.

No Rio Grande do Sul, especificamente, estudos como o de Schimitt (1987) e Vieira (1994, 2002) apontam que, exceção à capital onde a elevação é quase categórica, em outras regiões a regra está sujeita à variação.

Dessa forma, com base em estudos variacionistas sobre o processo de alçamento das vogais médias átonas no português falado no Rio Grande do Sul, realizados por pesquisadores como Schimitt (1987), Vieira (1994, 2002), Roveda (1998), Carniato (2000) e Mallmann (2001), é possível apontar que diferentemente da capital, em regiões de fronteira e de colonização italiana e alemã, o alçamento das vogais /e/ e /o/ apresenta variação tanto em posição final como em posição não final, tendendo mais à preservação.

Considerando a relevância dos resultados desses trabalhos, o objetivo geral da presente pesquisa é contribuir para o quadro de descrição das vogais átonas no português falado na região Sul do Brasil. Desse modo, pretende-se identificar, à luz da Teoria da Variação, a regra variável referente à elevação das vogais /e/ e /o/ em posição postônica final e não final no português falado na comunidade de Rincão Vermelho, Rio Grande do Sul, situada na fronteira do Brasil com a Argentina. Seus habitantes, em sua maioria descendentes de alemães e italianos, embora não sejam bilíngües, possuem contato com o idioma espanhol.

Diante disso, partimos da hipótese de que na referida comunidade o processo de alçamento das vogais médias apresenta baixo índice de alçamento. Dessa forma, a regra de neutralização das vogais médias finais e não finais, proposta por Mattoso Câmara (2007 [1976]), encontra-se na comunidade em estudo em estágio inicial, tal como constatado por Vieira (2002) para as regiões de fronteira e cidades de colonização italiana e alemã da região Sul do Brasil.

Postula-se, entretanto, que as vogais médias /e/ e /o/ apresentam comportamentos diferenciados, sendo o alçamento de /o/ mais freqüente em relação ao alçamento de /e/ tanto

em posição final quanto em posição não final. Nesse sentido, a hipótese é que a vogal média /o/ encontra-se na referida comunidade em um estágio mais avançado da regra de neutralização em relação à vogal média /e/.

No que se refere aos condicionamentos lingüísticos, espera-se, a partir dos resultados apresentados em estudos já realizados sobre o tema, que as vogais mostrem-se mais suscetíveis ao alçamento em contextos com vogal alta na tônica e em contextos de sílaba fechada por coda /S/. Espera-se ainda que o contexto precedente à vogal tenha papel no comportamento das vogais médias finais e não finais.

A presente pesquisa parte também da hipótese de que na referida comunidade o alçamento das vogais /e/ e /o/ é considerado uma forma de prestígio lingüístico. Assim, espera-se que haja influência da escolarização dos informantes e do contato maior ou menor que estes mantenham com os centros urbanos vizinhos.

Tem-se ainda como propósito neste trabalho verificar se o processo de alçamento das vogais médias /e/ e /o/ finais e não finais é foneticamente motivado, isto é, regido por regras do próprio sistema, ou se está restrito a determinados vocábulos. Quanto a esse aspecto, nossa hipótese é a de que possa existir condicionamento lexical principalmente para as vogais em posição não final.

Além das propostas anteriormente mencionadas, procuramos também realizar uma análise comparativa entre os estudos sobre as vogais médias átonas realizados no Rio Grande do Sul. Com isso, objetivamos verificar quais estudos são diretamente comparáveis e quais os resultados generalizáveis quanto ao comportamento dessas vogais no Estado.

Dessa forma, com a finalidade de testar as hipóteses levantadas, o trabalho está estruturado em seis capítulos. Neste primeiro capítulo tem-se a apresentação do tema e as hipóteses que norteiam o trabalho.

No segundo capítulo, são apresentadas uma breve revisão sobre o sistema vocálico da língua portuguesa, as considerações históricas sobre o alçamento das vogais átonas e a interpretação fonológica do sistema vocálico sob diferentes perspectivas: estruturalista, gerativista e não-linear.

No terceiro capítulo, são mencionados os pressupostos teóricos da Teoria da Variação, modelo laboviano. A introdução do capítulo é feita por uma discussão a respeito das primeiras

abordagens ao estudo da mudança lingüística. Na seqüência, são apresentados os estudos de variação das vogais postônicas finais e não finais já realizados principalmente no Rio Grande do Sul.

No quarto capítulo, apresenta-se de forma detalhada a metodologia empregada no desenvolvimento do trabalho: a apresentação da comunidade, a seleção dos informantes, a delimitação das variáveis, a realização da coleta e os procedimentos estatísticos de análise dos dados.

No quinto capítulo, são descritos e interpretados os resultados obtidos para cada vogal em posição final e para as vogais em posição não final. No último capítulo, tem-se as considerações finais.

2 SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo apresentamos uma revisão acerca do sistema vocálico da língua portuguesa. Desse modo, a seção 2.1 trata das informações históricas sobre as vogais no português e a seção 2.2 das considerações referentes ao sistema vocálico do português brasileiro sob diferentes perspectivas teóricas: estruturalista, gerativista e não linear.

2.1 Vocalismo do Português: considerações históricas

A língua portuguesa passou, desde sua origem, por inúmeras transformações, dentre as quais se acentuam as ocorridas no sistema vocálico e no sistema consonantal.

Com relação ao sistema vocálico, segundo Coutinho (1970, p. 101), no latim clássico as vogais diferenciavam-se quanto à quantidade, longas ou breves, e quanto à posição nos vocábulos, final ou não final. Desse modo, segundo o autor, a quantidade das vogais era expressa na fala, na inflexão da voz, mais demorada nas vogais longas e quase imperceptível nas vogais breves. Mais tarde, com o uso intenso do latim vulgar, ou seja, do latim falado nas classes mais populares, houve alteração do valor quantitativo das vogais, resultando no desaparecimento desse aspecto e na diferenciação que passou a ser com relação ao timbre.

O português conservou do latim vulgar os mesmos timbres vocálicos e o mesmo acento tônico. No entanto, com relação ao elemento intensivo do acento, é importante destacar que, segundo Antenor Nascentes (1954, p. 25), este teve maior ou menor extensão nas várias línguas românicas. Desse modo, em algumas línguas como o francês, por exemplo, as proparoxítonas desapareceram e com o abrandamento das vogais finais, criaram-se numerosos oxítonos. No italiano e no romeno conservaram-se muitas proparoxítonas. Nas demais línguas, como o português, as paroxítonas foram favorecidas. Tal processo explica a razão pela qual a língua portuguesa contém um número de proparoxítonas menor em relação às paroxítonas.

No que se refere à grafia e pronúncia das vogais, em posição tônica tem-se no português um sistema vocálico mais conservador. Entretanto, diferentemente, no sistema vocálico átono, percebem-se desde a passagem do latim para o português inúmeras

modificações, que envolvem tanto a supressão como a redução de fonemas. Segundo Mattos e Silva (2001, p. 51), isso se justifica pela razão de haver uma flutuação maior na realização das vogais não acentuadas que se encontram em posição de menor intensidade articulatória.

De acordo com Silva Neto (1992, p. 609), a realização fonética das vogais médias em posição átona caracteriza-se, desde os tempos antigos, por muitas flutuações. De acordo com o autor, a realização dessas vogais pode oscilar, quer dentro de Portugal, de região para região, de classe social para classe social, de indivíduo para indivíduo, quer ainda na pronúncia do mesmo indivíduo, de palavra para palavra em circunstâncias diversas.

Com referência à vogal média /o/, o autor aponta que havia, até certa época, uma distinção entre palavras que originalmente tinham **u** em latim e as que nessa língua terminavam em **o**. Posteriormente, as últimas passaram a ser pronunciadas como **u**. Assim, já antes do século XVI, na grafia e na pronúncia eram encontradas formas como *todolus* por *todolos*; *sagradu* por *sagrado*, *risu* por *riso*.

Com relação ao **e** final, Silva Neto (1992, p. 610) argumenta que a pronúncia carioca (e quase a geral brasileira) representa, também aqui, a conservação de um estado fonético antigo. No português europeu, hoje, o **e** final quase sempre se elide, enquanto no Brasil é pronunciado como **i**. Contudo, segundo o autor, é natural que antes da perda de **e** final o português europeu tenha passado pela pronúncia de **i**.

Naro (1973, p. 42), a partir de observações diacrônicas sobre a pronúncia das vogais médias /e/ e /o/ do português, reconhece também que no século XVI havia realizações ligeiramente alçadas das vogais /e/ e /o/ em posição final; entretanto, de acordo com o autor essas pronúncias, embora levemente elevadas, não se igualavam às realizações portuguesas de [i] e [u].

Desse modo, constata-se, com relação à elevação das vogais médias finais e não finais, fenômeno focado no presente estudo, que é possível encontrar indícios do alçamento das vogais /e/ e /o/, principalmente em posição final, em registros de grafias e pronúncias antigas do português.

2.2 O Sistema Vocálico no Português Moderno

2.2.1 A perspectiva estruturalista de Mattoso Câmara

Mattoso Câmara (2007, [1979]), com base no dialeto carioca e assumindo uma concepção estruturalista de língua, apresenta uma descrição do sistema vocálico do português brasileiro, tomando por referência a incidência ou não do acento. Segundo o autor,

Para as vogais portuguesas, a presença do que se chama “acento”, ou particular força expiratória (intensidade), associada secundariamente a uma ligeira elevação da voz (tom) é que constitui a posição ótima para caracterizá-las. A posição tônica nos dá em sua plenitude e maior nitidez (desde que se trate do registro culto formal) os traços distintivos vocálicos (MATTOSO CÂMARA, 2007, p. 41).

Dessa forma, há no sistema fonológico do português, segundo a proposta do autor, vogais tônicas, vogais pretônicas, postônicas não-finais e postônicas finais. Essas vogais são dispostas em um sistema triangular, organizado segundo os movimentos horizontal e vertical da língua, isto é, a elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior do trato oral. Tem-se assim, em posição tônica, a vogal baixa /a/, as vogais médias de primeiro grau /ɛ/ e /ɔ/; as vogais médias de segundo grau /ê/ e /o/ e as vogais altas /i/ e /u/, conforme demonstrado na Figura 01 a seguir.

Figura 01 – Vogais em posição tônica

altas	/u/		/i/
médias		/ô/	/ê/ (2º grau)
médias		/ó/	/ê/ (1º grau)
baixa		/a/	
	anterior	central	posterior

(MATTOSO CÂMARA, 2007, p. 43)

Dessa forma, em posição tônica, os sons vocálicos criam oposições do tipo *s[a]co*, *s[e]co*, *s[ɛ]co*, *s[o]co*, *s[ɔ]co*, *s[i]lo* e *s[u]co*.

No entanto, segundo Mattoso Câmara, quando uma vogal em posição tônica for seguida por uma consoante nasal, como em *cama, lenda, amo, sonho*, ocorre a eliminação das vogais médias de 1º grau e a vogal baixa torna-se levemente posterior, em vez de anterior, assumindo uma pronúncia mais abafada. É representada então como [â], diferenciando-se assim do /a/ anterior. Com isto, diante de consoantes nasais, o sistema vocálico do português fica reduzido a cinco vogais, conforme mostra a Figura 02 a seguir.

Figura 02 – vogais tônicas diante de consoante nasal na sílaba seguinte

altas	/u/	/i/
médias	/o/	/e/
baixa	/a/ [â]	

(MATTOSO CÂMARA, 2007, p. 43)

Nas posições átonas, verifica-se a perda ou supressão de certas oposições, ocasionando a redução do número de fonemas. Esse fenômeno de redução é interpretado por Mattoso Câmara como um processo de neutralização, definido como a eliminação da distinção entre dois fonemas.

Na posição pretônica, ocorre a eliminação da oposição entre as vogais médias de primeiro grau /ɛ/ e /ɔ/ e segundo graus /e/ e /o/ em formas como *b[ɛ]lo, b[e]leza, f[ɔ]rma* e *ff[o]rmoso*, ficando apenas as vogais médias de segundo grau /e/ e /o/. O resultado é um quadro de cinco vogais, em que a vogal central baixa /a/ muda de qualidade fonética, passando de levemente anterior para levemente posterior. O quadro fica representado como na Figura 03 a seguir.

Figura 03 – Vogais na posição pretônica

altas	/u/	/i/
médias	/o/	/e/ (2º grau)
baixa	/a/	
	anterior	central posterior

(MATTOSO CÂMARA 2007, p. 44)

No que se refere à posição postônica, as vogais podem ser finais ou não finais. Na posição postônica não final (primeira postônica dos proparoxítonos) ocorre a neutralização entre /o/ e /u/, em formas como *fósf[u]ro* e *abób[u]ra*, mas não entre /e/ e /i/.

Para Mattoso Câmara (2007, p. 44), a presença de palavras grafadas com “o” é uma mera convenção da língua escrita, pois o que se tem na realidade é um /u/. Desse modo, são facilmente encontradas formas como *pér[u]la* para *pér[o]la* ou *íd[u]lo* para *íd[o]lo*. Já em relação a distinção entre /e/ e /i/, embora seja difícil encontrar pares mínimos, pronúncias do tipo *num[i]ro* para *num[e]ro* são, segundo o autor, logo rechaçadas. Assim, em posição não final o quadro de vogais fica representado como na Figura 04 a seguir.

Figura 04 – Vogais postônicas não finais

Altas	/u/		/i/
Média	/.../		/e/
Baixa		/a/	
	anterior	central	posterior

(MATTOSO CÂMARA 2007, p. 44)

Já em posição postônica final, há neutralização entre as vogais médias /e/ e /o/ e as vogais altas /i/ e /u/, como em *bol[u]* e *fon[i]*, estando elas seguidas ou não de /s/ no mesmo vocábulo. O quadro reduz-se, portanto, para três vogais, conforme a representação na Figura 05, a seguir.

Figura 05 – Vogais em posição postônica final

altas	/u/		/i/
baixa		/a/	
	anterior	central	posterior

(MATTOSO CÂMARA, 2007, p. 44)

Ressalta Mattoso Câmara (2007, p. 44), em nota, que numa ou noutra área do Sul do Brasil pode não ocorrer neutralização e, por exemplo, *jure* (de jurar) se opõe a *júri* (tribunal popular); mas estes pares opositivos são, segundo o autor, em pequeno número.

As abordagens propostas por Mattoso Câmara são, certamente, de grande importância para a descrição do português. No entanto, a pauta vocálica considerada, a partir dos estudos do dialeto carioca, conforme já foi apontado por Vieira (1994) e Bisol (2003), nem sempre dá conta das variedades existentes em outros dialetos, como é caso da variedade rio-grandense em que as vogais assumem comportamentos diferenciados.

2.2.2 Perspectiva gerativista

Também analisando o dialeto carioca, mas com base em uma perspectiva gerativista, Lopez (1979) propõe para o português do Brasil um sistema vocálico de quatro alturas. Desse modo, na posição tônica, o sistema vocálico do português é representado como na Figura 06 a seguir.

Figura 06 – Sistema vocálico do português brasileiro

	[anterior] [-arredondado]	[posterior] [-arred] [+arred.]
+ alto, - baixo, + elevado	i	u
- alto, - baixo, + elevado	e	o
- alto, - baixo, - elevado	ɛ	ɔ
- alto, + baixo, - elevado		a

(LOPEZ, 1979, p. 50)

Neste sistema são contemplados os traços alto/baixo, anterior/posterior já utilizados na fonologia, entretanto, há o acréscimo do traço [elevado] que diz respeito à elevação da língua acima da sua posição neutra ou de descanso.

Com relação às posições átonas, Lopez (1979, p. 91) concorda com Mattoso Câmara quanto à ocorrência de um sistema vocálico mais reduzido nas posições não acentuadas. Assim, representa o sistema vocálico pretônico com cinco vogais, como na figura 07 a seguir:

Figura 07 – Sistema vocálico do português brasileiro em posição pretônica

	[- posterior] [-arredondado]		[+ posterior] [-arred] [+arred.]
+ alto	i		u
	e		o
+ baixo			a

(LOPEZ, 1979, p. 88)

Em posição postônica não final, a autora reconhece, assim como Mattoso Câmara, que a neutralização atinge os fonemas /o/ e /u/, como se verifica em *pérula* para pérola, mas não /e/ e /i/, isto é, dificilmente encontramos variação do tipo *véspera* ~ *véspira*. Dessa forma, defende um sistema de quatro vogais nessa posição, disposto na Figura 08 a seguir.

Figura 08 – Sistema vocálico do português brasileiro em posição postônica não final

	[- posterior] [-arredondado]		[+ posterior] [-arred] [+arred.]
+ alto	i		u
	e		
+ baixo			a

(LOPEZ, 1979, p. 88)

No que se refere à posição átona final, seguindo o que propõe Mattoso Câmara (1972), o sistema vocálico fica mais reduzido e dessa forma é representado como na Figura 09 a seguir, em que /i/ e /u/ finais representam a neutralização das séries posterior e anterior.

Figura 09 – Sistema vocálico do português brasileiro em posição postônica final

	[- posterior] [-arredondado]		[+ posterior] [-arred] [+arred.]
+ alto	i		u
+ baixo			a

(LOPEZ, 1979, p. 88)

No entanto, é importante salientar que para Lopez (1979, p.89) não existem evidências diretas de neutralização das vogais médias, exemplos poderiam ser encontrados em nomes terminados em /e/ que se originam de verbos da segunda conjugação terminados em <ar> como em *chicotear- chicoteio - chicote*. Considerando que para formar esses verbos o sufixo é apenas <ear>, sugere-se que os nomes que deles se originam terminam em /e/, como em *chicote* ([ʃikotʃi]). Entretanto, é preciso considerar que a terminação <ear> é também acrescida a nomes que não terminam em /e/. como em *barba - barbear*.

Em relação à neutralização de /o/ final, a autora considera que a formação de um verbo a partir de um nome terminado em /o/ envolve o apagamento da desinência nominal e a adição de <ar>. Algumas vezes, a terminação é retida, por exemplo, em *cavalo* [kavalU] – *cavaloar* [kavalUarx]. Isto poderia indicar a neutralização de /o/ final, mas os exemplos são raros.

A autora ressalta ainda que há contextos em que a neutralização não se aplica. É o caso, por exemplo, de palavras paroxítonas terminadas em /l/, /r/, /n/ e /z/ que contêm a vogal /e/, em exemplos como *revólver e nível*, onde a vogal média é preservada.

O fato é que, assim como já mencionou Vieira (1994, p. 24), Bárbara Lopez, da mesma forma que Mattoso Câmara, toma por referência o dialeto carioca, sem contemplar outros, desconsiderando assim as possíveis diferenças de manifestação em outras regiões e, desta forma, assumindo a mesma pauta que o autor para as posições postônicas final e não final.

2.2.3 Perspectiva da Fonologia Não Linear

Em uma perspectiva autossegmental, Wetzels (1992) utiliza os traços de abertura para representar as distinções de altura das vogais do português do Brasil. Descreve, dessa forma, um sistema de quatro alturas que se manifesta em posição tônica, conforme demonstrado na Figura 10 a seguir.

Figura 10 – Representação das vogais tônicas do português

abertura	i/u	e/o	ɛ/ɔ	a
Aberto 1	-	-	-	+
Aberto 2	-	+	+	+
Aberto 3	-	-	+	+

Modelo de Clements (1991) citado em Wetzels (1992, p. 22)

Percebe-se na Figura 10 que os traços [aberto 1] e [aberto 2] definem as vogais médias como distintas das altas /i/ e /u/ e da vogal baixa /a/. No entanto, é no traço [aberto 3] que se define a distinção entre os dois grupos de vogais médias, sendo que as vogais /e/ e /o/ possuem o traço [-aberto 3] e as vogais /ɛ/ e /ɔ/, o traço [+aberto3].

Com relação à neutralização, a proposta adotada pelo autor parte de uma convenção universal que marca todas as vogais dentro de um determinado domínio alvo como candidatas a esse processo. Assim, somente as vogais acentuadas são marcadas com traço negativo para a aplicação da regra que neutraliza vogais médias.

Quanto ao domínio de aplicação da regra de neutralização, Wetzels propõe a palavra fonológica. Segundo sua proposta, o pé métrico, que é dominado pela palavra fonológica, é considerado o elemento mais fraco, portanto mais suscetível à aplicação da regra de neutralização.

De acordo com esse processo, a neutralização das vogais átonas na posição pretônica reduz o sistema de sete para cinco vogais, o que, segundo a proposta, acontece pela desassociação de traços de abertura.

Dessa forma, segundo a proposta do autor, o sistema de vogais em posição átona pretônica possui uma representação semelhante à Figura 10 anterior; no entanto, sem o traço

[aberto3], pois se desfaz a oposição alta, média e baixa, e o que se tem é um sistema de cinco vogais e não de sete. Tal processo se dá em decorrência da regra (01) a seguir, de neutralização da vogal átona.

(01) – Neutralização da vogal átona

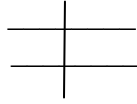
[- acento 1]

|

X

|

[+ vocóide]



[+ aberto 3]

Domínio: palavra fonológica

(WETZELS, 1992, p. 24)

Em consequência da aplicação dessa regra, a vogal que não se encontra em posição tônica na palavra fonológica não terá a especificação para [aberto3], pois, pela proposta, somente vogais acentuadas podem ser identificadas pelo traço [+aberto3].

Quanto à postônica não-final, o autor defende que essas são um subconjunto das que ocorrem em posição pretônica. Isso acontece pela aplicação da regra (02) a seguir, a qual desassocia o traço [aberto 2], neutralizando a oposição entre /o/ e /u/ em palavras como *fósf[o]ro*, *fósf[u]ro*.

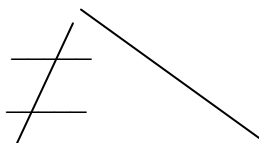
(02) – Neutralização da vogal postônica não-final

X

|

[+ vocóide]

Domínio: pé métrico



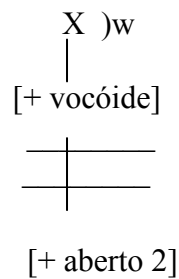
[+aberto 2]

[labial]

(WETZELS, 1992, p. 27)

Em posição postônica final, existe, de acordo com essa proposta, uma regra que causa a desassociação do traço [+aberto 2] em vogais que estão em sílabas não acentuadas e em final de palavra (sílabas leves). Desse modo, pela aplicação da regra (03) a seguir, na posição final ocorre a neutralização entre /e/ e /i/ e entre /o/ e /u/, em formas como: *fon[e]* – *fon[i]*, *méd[o]* – *méd[u]*.

(03) – Neutralização da vogal postônica final



(WETZELS, 1992, p. 27)

Deve-se salientar, no entanto, que essa regra só é aplicada em sílaba leve, ou seja, em posição fraca, de final de palavra em formas como *mur[u]* e *mestr[i]*, por exemplo.

Verifica-se, através das colocações anteriores, que a proposta de Wetzels assemelha-se com a de Mattoso Câmara ao considerar que, pela ocorrência de neutralização, o português possui um sistema de sete vogais na posição tônica, cinco na posição pretônica, quatro na postônica não final e apenas três na posição postônica final.

A fim de contribuir para a descrição fonológica das vogais do português brasileiro, Vieira (1997), com base nos dialetos do Sul, faz uma descrição acerca do sistema vocálico do português e os diferentes processos fonológicos que operam sobre esse sistema. No que se refere ao processo de neutralização, a proposta da autora parte da hipótese de que o sistema vocálico átono constrói-se pela aplicação de duas regras de neutralização: a regra de neutralização que se aplica sobre as vogais médias em posição pretônica e a regra de neutralização que se aplica sobre as vogais médias–altas em posição postônica final.

A neutralização da postônica não final, de acordo com a autora, difere-se da neutralização da pretônica principalmente no aspecto de que há contextos como *cócora* e *ágora* em que a vogal /o/ não se neutraliza para /u/ e há contextos em que a neutralização se

verifica, como, por exemplo, em *fósforo e abóbora*. Para Vieira (1997, p. 99), essa opcionalidade pode indicar que o contexto em que se encontra a vogal determina, de certa maneira, a elevação ou não da vogal /o/.

Assim, a partir da análise de palavras consideradas pela autora, nota-se que há contextos que bloqueiam a elevação de [o] e contextos que favorecem sua elevação. Os exemplos (01) e (02), a seguir, exemplificam seu ponto de vista:

(01) Contextos em que [o] tende a ser preservado (02) Contextos em que [o] tende a elevar

ânc[o]ra

táv[u]la

apóc[o]pe

víb[u]ra

córc[o]va

frív[u]lo

ág[o]ra

ép[u]ca

(VIEIRA, 1997, p. 99)

A elevação para [u] tende a ocorrer fortemente em ambientes em que se verifica a presença de consoantes labiais. Em outros ambientes, no entanto, nem sempre ocorre o alçamento. Para a autora, o fato de a vogal /o/ elevar-se mais diante de labial do que de outros contextos indica que se trata de uma regra variável.

Entretanto, considerando a frequência com que ocorre a elevação de [o] para [u], Vieira (1997) enfatiza que é possível também que a vogal [o] esteja presente na subjacência em formas como *fósf[u]ro + oso – fosforoso*. Nesse caso, a realização como [u] em proparoxítonas é, segundo a autora, resultado da baixa tonicidade da postônica não final que impõe a diminuição do contraste existente através da aplicação da regra de neutralização.

Com relação à vogal /e/, as análises mostram que pode ocorrer sua elevação em posição postônica não final em formas como *núm[e]ro ~ num[i]ro, cóc[e]ga ~ cóc[i]ga*. No entanto, a vogal tende a ser preservada em contextos como *vésp[e]ra e úl[e]ra*. De acordo com a autora (p.100), observa-se que a vogal /e/ algumas vezes realiza-se como [e] e outras vezes como [i], não havendo, aparentemente, um contexto que bloqueie ou propicie o alçamento.

Em posição postônica final, a autora reforça que o sistema fica, conforme proposto anteriormente, reduzido a três vogais em decorrência da neutralização do contraste existente entre vogais médias e vogais altas. No entanto, argumenta que nessa posição as vogais médias tendem a ser realizadas sem sofrer neutralização quando a palavra onde se encontram acabar em sílaba fechada por soante, como em *elétr[o]n* ou *repórt[e]r*. Já em palavras acabadas por soante nasal, são comuns casos em que ocorre apagamento dessa consoante, criando-se contexto para neutralização. A observação da autora está representada nos exemplos em (03) a seguir.

(03) *hom[e]m* - *hom[e]* - *hom[i]*
pastag[e]m - *pastag[e]* - *pastag[i]*

(VIEIRA, 1997, p. 101)

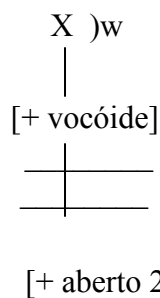
De acordo com a autora, o apagamento de segmentos finais de sílabas pesadas restringe-se quando a vogal precedente for /e/, as nasais e glides. São raros ou inexistentes apagamentos de consoantes de coda como /r/ e /l/, em exemplos como *caráte[r]* - *carate[r]*. No entanto, em sílabas fechadas pela sibilante /S/, verifica-se tanto o seu apagamento, principalmente em verbos, quanto a elevação das vogais médias que a precedem, em formas como os exemplos em 04, a seguir.

(04) *vam[o]s* - *vam[u]θ*
com[e]s - *com[i]θ*

(VIEIRA, 1997, p. 102)

Assim, para Vieira (1997, p. 102), o alvo da regra de neutralização da postônica final são as vogais médias que se situam na sílaba leve final de uma palavra qualquer ou na sílaba fechada por /S/. Por essa razão, a autora argumenta em favor da necessidade de incluir essas informações na formalização da regra da postônica final proposta em Wetzels (1992). Segundo a proposta de Vieira, a regra ficaria como em (04) a seguir.

(04) Regra de neutralização da postônica final



Onde X, a vogal, pode ser seguida de uma consoante [+ contínua, + coronal]

(VIEIRA, 1997, p. 102)

Vieira (1997), desse modo, defende que na posição postônica não final realiza-se um sistema de cinco vogais, sustentando que são duas, e não três, as regras de neutralização que incidem sobre as outras vogais átonas: a regra de neutralização da pretônica e a regra de neutralização da postônica. Variavelmente, aplica-se uma regra de elevação das vogais médias em posição postônica não final.

Reforçando a proposta de Vieira, Bisol (2003), com base no estudo variacionista sobre o alicamento das vogais médias postônicas de Vieira (2002), revê algumas concepções acerca da variação do sistema vocálico do português. Desse modo, com relação às vogais átonas em posição final, a autora argumenta que “no português brasileiro como um todo, a neutralização da átona final é um processo em andamento no que diz respeito à opção pela vogal alta, uma vez que a variação permanece em algumas comunidades” (BISOL 2003, p. 278). Entretanto, a autora ressalta que a neutralização, perda do traço distintivo entre vogais médias e altas, é uma regra geral nessa posição, e que a preferência para a realização da vogal alta tende a generalizar-se.

Com relação à postônica não final, a autora propõe uma alteração na proposta de Mattoso Câmara quanto ao fato de a neutralização nessa posição não ocorrer apenas entre /o/ e /u/, mas também entre /e/ e /i/. Para fundamentar sua colocação, retoma os dados de Vieira (2002), referentes a comunidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, demonstrando que em posição não final ambas as vogais /e/ e /o/ podem ser substituídas por vogal alta, embora os contextos que favoreçam uma e outra sejam diferentes.

De acordo com Bisol (2003, p. 280), talvez a explicação para se considerar que há neutralização entre /o/ e /u/ e não entre /e/ e /i/ esteja no fato de que /o/ venha se mostrando

mais sensível ao processo de alçamento do que /e/ por motivação contextual. Segundo a autora, a vogal /o/ tende a elevar mais freqüentemente quando contém como contexto precedente uma labial [f, v, p, b, m], em formas como *abóbora* e *fósforo*, por exemplo.

Desse modo, a suposta regra de neutralização da postônica não final, envolvendo apenas a vogal posterior, pode ser mero efeito de freqüência, ou seja, o alçamento da vogal postônica /o/ em posição não final é mais freqüente do que o alçamento de /e/. É mais comum serem encontradas formas como *fósf[u]ro* e *pér[u]la* do que *prót[i]se* e *córr[i]go*.

A partir dessas constatações, a autora defende que a neutralização em favor das vogais altas no português brasileiro compreende somente duas regras e não três: uma que reduz o sistema a cinco vogais e outra que reduz o sistema a três vogais. Segundo sua proposta, há no português um sistema de sete vogais na posição tônica e dois subsistemas átonos, o de cinco vogais na pretônica e o de três vogais na átona final. Na posição postônica não final variam os dois sistemas átonos: o de cinco e o de três vogais.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo apresentamos as bases teóricas em que foi fundamentada esta dissertação, a Teoria da Variação. Desse modo, fazemos primeiramente, na seção 3.1, um percurso pelos primeiros métodos e abordagens teóricas da mudança lingüística; seguimos na seção 3.2 com a Teoria da Variação, modelo laboviano; na seção 3.3 apontamos os trabalhos já realizados sobre o alçamento das vogais médias postônica finais e não finais; e na seção 3.4 desenvolvemos uma análise comparativa dos estudos referentes às vogais médias postônicas realizados no Estado do Rio Grande do Sul.

3.1 Mudança Lingüística: primeiros modelos teóricos

As mudanças lingüísticas acontecem gradualmente e são sempre precedidas de um processo de variação, isto é, de competição entre formas. Aos poucos, novas formas vão sendo introduzidas no sistema. Faraco (2005, p. 46) ao tratar da mudança lingüística, afirma que:

A mudança é lenta e gradual, isto é, nunca se dá abruptamente do dia para a noite. A mudança de uma língua para outra, ou de um estágio de língua para outro, nunca ocorre de forma global e integral: as mudanças vão ocorrendo gradativamente e vão atingindo partes da língua e não o seu conjunto.

Os primeiros métodos existentes sobre mudança lingüística preocupavam-se apenas com a relação existente entre línguas, por meio de comparações. Nesse processo, segundo Tarallo (1990, p. 30), eram elencadas palavras cognatas de vários sistemas, com semelhanças de forma e sentido e, através da comparação, buscava-se o estabelecimento da protolíngua (língua mãe).

Esse modelo de comparação conseguia estabelecer o parentesco existente entre as línguas, mas não dava conta de explicar muitas das mudanças ocorridas na fala, em uma mesma língua. Surge assim, no século XIX, a doutrina neogramática, representada por Hermann Paul (1880), que se preocupou em revelar aspectos psicológicos da linguagem.

Em contrapartida ao estudo comparado e interno das línguas, os neogramáticos acreditavam que as mudanças lingüísticas deveriam ser estudadas a partir do indivíduo, agente principal da mudança. Defendiam ainda que essas mudanças ocorriam mecanicamente, sem

exceções, sendo regidas por leis fonéticas, ou seja, por processos regulares, em que a alteração de fonemas acontece do mesmo modo, sempre que se encontram em idêntico meio e circunstância (cf. Coutinho, 1977, p. 134). Por essa concepção, a única exceção admitida pelos neogramáticos à regularidade dessas leis seria a analogia ou mistura de dialetos. Dessa forma, Tarallo afirma (1990, p. 46 - 7) que:

Qualquer mudança fonológica, por ocorrer mecanicamente, acontece de acordo com leis que não admitem exceção. Isto é, a direção da mudança fonológica é sempre a mesma para todos os membros de uma comunidade lingüística com exceção dos casos de ruptura dialetal; e todas as palavras nas quais o som sujeito à mudança aparece na mesma relação são afetadas pela mudança sem exceção.

Por esse entendimento, o autor aponta que os processos operantes durante a mudança de som são de natureza estritamente fonológica, ou seja, as regras que regem a mudança são sempre fonológicas e independem de outras funções, sejam morfológicas, semânticas ou sintáticas da palavra. A mudança sonora é, então, vista como regular e se aplica em todos os itens (desde que satisfaçam as condições que regem a mudança).

A visão neogramática foi fortemente criticada, principalmente pelo caráter generalizado com que tratava as mudanças por meio das chamadas “leis fonéticas”, exagerando na regularidade e não admitindo exceções. Conforme Faraco (2005, p.54), os argumentos contrários a essa proposta apontam que as mudanças não acontecem simultaneamente em todas as palavras ou, ainda, não alcançam todo o espaço social onde uma língua é falada.

Opondo-se ao modelo neogramático, Cheng e Wang (1967) e Wang (1969) propõem uma outra perspectiva de análise para a mudança lingüística, o modelo de Difusão Lexical, segundo o qual as mudanças são lexicalmente graduais e não atingem necessariamente todo o léxico. Desse modo, segundo os autores, as mudanças fonológicas podem ser implementadas de um modo que é foneticamente abrupto, mas lexicalmente gradual. Como a mudança difunde-se pelo léxico, pode não atingir todos os morfemas para os quais é aplicável.

A tese defendida pelos difusionistas é a de que o processo de mudança ocorre não sobre sons, mas sim sobre palavras. Dessa forma, a mudança ocorre inicialmente em uma determinada palavra e, a partir daí, propaga-se para outras que apresentam uma estrutura sonora semelhante. Poderá haver casos em que a mudança não se aplica e a palavra

permanece sem alteração ou casos em que a mudança atinge todos os itens lexicais que poderiam ser alterados.

Considerando essa concepção, Tarallo (1990) afirma que o modelo de Difusão Lexical contradiz as concepções da doutrina neogramática principalmente em dois sentidos: no primeiro, quanto à unidade de análise, que deixa de ser o som e passa a ser a palavra; no segundo, quanto ao processo de mudança que não afeta todas as palavras ao mesmo tempo e da mesma forma, mas sim gradualmente. Nesse sentido, Tarallo (1990, p 69) menciona que:

A controvérsia entre os neogramáticos e os defensores da difusão lexical gira em torno de dois pares de termos: som e palavra, de um lado, e gradual e abrupto, de outro. Assim, para os neogramáticos a mudança fonológica é foneticamente gradual, mas lexicalmente abrupta; para os “difusionistas”, a mudança fonológica é, ao contrário, foneticamente abrupta, mas lexicalmente gradual (TARALLO, 1990, p. 69).

A Teoria da Variação, apresentada na seção 3.2 a seguir, toma como base a concepção neogramática para explicar os processos de variação lingüística.

3.2 A Teoria da Variação

A Teoria da Variação foi desenvolvida a partir da proposta de Weinreich, Labov e Herzog (1968) na obra *Empirical foundations for a theory of language change*, na qual organizam as primeiras abordagens para uma análise empírica da mudança sonora, fundamental para a continuidade da chamada Teoria da Variação. Desse modo, os autores propõem que, para estudar a mudança, é preciso saber por quais caminhos uma língua muda e por quê (a questão da transição); como a mudança se encaixa no sistema de relações sociais e lingüísticas (a questão do encaixamento); como essas mudanças são avaliadas pelos membros de uma determinada comunidade (a questão da avaliação) e quando e onde determinada mudança foi implementada (a questão da implementação).

Dessa forma, são introduzidas importantes noções sobre a mudança lingüística, não consideradas em estudos anteriores. A língua passa a ser vista como um fenômeno social e, por essa razão, deve ser descrita e analisada em um contexto social, isto é, no uso cotidiano dos falantes. Os diferentes comportamentos lingüísticos passam a ser entendidos a partir da

atuação do indivíduo em uma comunidade de fala. A língua é, então, conceituada como um fenômeno inerentemente variável.

William Labov (1983 [1972a]) é quem impulsiona, a partir de seus estudos em comunidades de fala real, a chamada Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa. A variabilidade da língua passa a ser descrita através da correlação de determinantes lingüísticos e sociais. Os processos de mudança lingüística são explicados em função de uma série de fatores classificados em lingüísticos, que são as variáveis internas ao sistema lingüístico e sociais ou extralingüísticos, que são as variáveis externas relacionadas ao falante (idade, sexo, escolaridade, classe social, entre outros).

A partir do desenvolvimento dessas propostas, a língua é entendida como um sistema regido por regras. Segundo Sankoff (1988, p. 1), a Teoria da Variação proposta por Labov considera duas noções relativas às regras que regem um sistema, a saber: a noção de regra variável e a noção de regra categórica. Assim, tem-se uma regra variável quando duas ou mais formas ocorrem em um mesmo contexto e a escolha depende de fatores internos e/ou externos à língua. Quando uma regra é categórica, diferentemente, tem-se a aplicação de uma única forma para o mesmo contexto.

O estudo de uma regra variável pode revelar, a partir da frequência de uso em determinados grupos, se há uma mudança em progresso ou uma situação de variação estável. No primeiro caso, observa-se uma tendência da variação manter-se, já que não apresenta indícios de predominância de uma forma sobre a outra. Diferentemente em uma mudança em progresso, uma das formas passa a ser preferida pelos falantes e o processo de variação caminha para o uso da nova forma em relação à forma padrão que passa a ser menos utilizada.

Segundo Labov (1983b [1972a], p. 163), uma situação de mudança em progresso pode ser identificada por meio de duas abordagens, uma em *tempo aparente* e outra em *tempo real*. Na pesquisa em *tempo aparente* é feito um recorte da população em diferentes faixas etárias e, posteriormente, é comparado o comportamento lingüístico dentro dessas faixas etárias. No entanto, essa distribuição por faixas etárias não revela necessariamente uma mudança lingüística na comunidade, pois muitas vezes pode estar indicando apenas uma gradação etária. Por essa razão, para compreender se existe mudança em progresso, é importante que a observação dos dados seja feita também em *tempo real*, isto é, através da verificação do comportamento lingüístico dos falantes em períodos de tempo distintos.

Devido à busca pelo vernáculo, o modelo variacionista caracteriza-se por sua metodologia de coleta de dados. Nesse sentido, Labov (1983b [1972a], p. 75) menciona o *Paradoxo do Observador*, segundo o qual quando o falante sente-se observado, ele tende a prestar mais atenção à sua fala, buscando aproximar-se das formas mais prestigiadas.

Assim, ao realizar um trabalho de campo, o pesquisador deve preocupar-se em minimizar esse efeito. Para tanto, uma possível alternativa é, segundo aponta Tarallo (2004, p. 22), envolver o informante com temas emotivos como, família, religião, amigos, brincadeiras de infância, questões que suscitem emoção e provoquem uma fala casual mais próxima do vernáculo.

Dessa forma, dentre os métodos de coleta mencionados por Labov (1983 [1972a]), entrevista de experiência pessoal, a leitura de textos e listas de palavras, o mais eficaz, de acordo com o autor, é o método de entrevista de experiência pessoal.

À luz de tais pressupostos teóricos metodológicos, destacamos a seguir os estudos já realizados sobre o alicamento das vogais médias postônicas finais e não finais no português brasileiro.

3.3 Estudos Acerca da Variação das Vogais Médias Postônicas

Um dos primeiros estudos variacionistas sobre o sistema vocálico átono do português falado no Rio Grande do Sul foi desenvolvido por Schimitt (1987). A autora relacionou redução vocálica com estrutura prosódica, analisando a variação das vogais médias /e/ e /o/, finais e não finais, conjuntamente na fala de doze informantes do *corpus* coletado por Bisol (1977) através de entrevistas individuais compostas de duas partes: teste e fala livre (espontânea). A amostra para esse estudo foi constituída por quatro falantes bilíngües da região de colonização alemã (Taquara), quatro bilíngües da região de colonização italiana (Veranópolis), quatro monolíngües da região fronteira com o Uruguai (Livramento) e um informante da região metropolitana de Porto Alegre (como teste), todos com idade entre 25 e 55 anos.

O estudo partiu da hipótese de que no português falado no Rio Grande do Sul, com exceção da região metropolitana, o quadro das postônicas átonas finais e não finais está

sujeito à variação em função da influência de outras línguas (alemão, espanhol e italiano). Os grupos de fatores lingüísticos considerados na pesquisa foram: Acentuação, Consoante Precedente, Segmento Seguinte, Juntura, Classe Morfológica e Posição no Sintagma Frasal. Quanto às variáveis extralingüísticas, a autora considerou apenas Tipo de Entrevista. A variável Etnia, em razão de sua importância para a análise dos condicionamentos estruturais, foi considerada como critério classificatório.

Com relação ao contexto precedente à vogal média /o/, mostraram-se condicionadoras do processo de elevação as obstruintes labiais [p, b, f, v] para os alemães e as laterais e nasais [l, ʎ, ɲ, n, m] para os fronteiriços. Para os italianos, o contexto precedente não se mostrou relevante. Com relação à vogal média /e/, italianos, alemães e fronteiriços apresentaram um comportamento semelhante, sendo que em todos esses grupos são as obstruintes velares e palatais [k, g, ʃ, ʒ, dʒ, tʃ] que condicionam o alçamento da vogal.

A variável Contexto Seguinte mostrou, com relação à vogal /o/, um comportamento diferenciado entre os três grupos. No primeiro grupo, dos alemães, mostraram-se favoráveis ao alçamento as obstruintes velares e palatais [k, g, ʃ, ʒ, dʒ, tʃ]; no segundo grupo, dos fronteiriços, as obstruintes alveolares [t, d, s, z]; e no terceiro grupo, dos italianos, as obstruintes labiais [p, b, f, v]. Já o contexto seguinte à vogal média /e/ apresentou um comportamento semelhante nos três grupos, indicando as consoantes obstruintes alveolares [t, d, s, z] como mais favoráveis à elevação da vogal.

Com relação às variáveis lingüísticas consideradas pela autora, mostrou-se ainda relevante ao alçamento das vogais médias /e/ e /o/, no grupo dos italianos e fronteiriços, a variável Juntura, apontando como favorável à elevação o fator juntura com sândi.

Outro estudo de grande relevância sobre as vogais átonas finais e não finais no Rio Grande do Sul foi o de Vieira (1994). Para a realização do trabalho, a autora considerou, assim como Schimitt (1987), o banco de dados coletado por Bisol (1977). Os grupos étnicos também foram os mesmos considerados por Schimitt: alemães, italianos e fronteiriços, mas com o acréscimo dos metropolitanos. A amostra foi então constituída por sete informantes de cada região, com idade entre 25 e 55 anos.

As variáveis consideradas pela autora foram: Segmento Precedente, Segmento Seguinte, Contexto Vocálico, Classe de Palavras, Tipo de Sílabas, Posição da Sílabas, Etnia,

Sexo e Tipo de Entrevista. Das variáveis lingüísticas propostas, a variável Contexto Vocálico da Tônica indicou que a presença de uma vogal alta na palavra contribui significativamente para o alçamento tanto de /e/ como de /o/ em posição átona postônica. Mostrou-se também relevante a variável Contexto Precedente, apontando como favoráveis para elevação de /e/ e de /o/ as consoantes oclusivas [p, b, t, d], as fricativas palato alveolares [ʃ, ʒ] e as fricativas lábio dentais [f, v]. Para a vogal /o/ incluem-se ainda as nasais [m, n].

Entre as variáveis lingüísticas consideradas nesse estudo, foram ainda apontadas como relevantes para o alçamento das vogais médias postônicas as variáveis Tipo de Sílabas e Posição da Sílabas. Com relação ao Tipo de Sílabas, os resultados demonstram que o fator coda /S/ contribui para a elevação tanto de /e/ quanto de /o/. Com relação à elevação de /e/ é apontado também como favorecedor o fator *sem coda*, de sílabas leves. Para a variável Posição da Sílabas, comprovando os resultados da variável anterior, mostrou-se favorecedor à elevação de /o/ o fator sílabas finais pesadas fechadas por /S/ e, para a elevação de /e/, o fator sílabas finais leves (sem coda).

Com relação às variáveis sociais, apresentou-se como mais relevante a variável Etnia. Os resultados indicam os metropolitanos como o grupo que mais eleva as vogais /e/ e /o/, tanto na posição final como na posição não final. Os italianos e os fronteiriços tendem a preservar as vogais médias em ambas as posições, já os alemães elevam as vogais médias na mesma medida que as preservam.

Ainda em relação aos estudos sobre as vogais médias no Rio Grande do Sul, considera-se o trabalho de Roveda (1998) sobre elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngües (português – italiano) e monolíngües (metropolitanos). A amostra foi constituída a partir de dados do banco VARSUL por 48 informantes, sendo 24 das regiões de Porto Alegre e Florianópolis (metropolitanas) e 24 das comunidades de Flores da Cunha e Chapecó (bilíngües).

Foram consideradas nesse estudo as variáveis: Contexto Precedente, Juntura, Classe de Palavra, Presença da Vogal Alta, Tipo de Coda, Sexo, Bilingüismo, Idade (25 – 50 anos e mais de 51) e Escolaridade (4, 8 e 12 anos de escolarização, excluindo o superior).

Em contexto precedente, os resultados indicam como favoráveis ao alçamento as consoantes palatais e labiais [λ, ʃ, ʒ, dʒ, tʃ, p, b, , f, v, m] para /o/ e as consoantes palatais e

dorsais [[λ, ʃ, ʒ, dʒ, tʃ, k, g] para /e/. Quanto ao Tipo de Coda, mostrou-se como mais favorável o fator coda /S/ na elevação de /o/ e os fatores coda /N/ e coda /S/ na elevação de /e/.

Com relação à variável Juntura, apresentou-se como mais favorável ao alçamento o fator com juntura tanto para /e/ quanto para /o/. Quanto à variável Classe Gramatical, mostrou contribuir para o alçamento de /o/ a classe dos advérbios e para o alçamento de /e/, os verbos.

Para a vogal /o/ são apontadas como significativas as variáveis sociais Sexo, Idade e Escolaridade. Quanto à variável Sexo, os resultados indicam que os homens tendem a elevar a vogal com mais frequência do que as mulheres e, quanto à idade, observa-se que os mais jovens são os que mais aplicam a regra de alçamento da postônica final /o/. Quanto à variável Escolaridade, nota-se uma leve tendência favorável para os informantes com nível primário praticarem o alçamento.

Carniato (2000) também traz uma importante contribuição para o estudo das vogais médias postônicas em posição final no Rio Grande do Sul. A pesquisa foi realizada com dados de doze informantes da comunidade de Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul, região de fronteira com o Uruguai. Desse modo, o estudo partiu da hipótese de que, pela influência do espanhol na comunidade, a tendência dos falantes é preservar as vogais médias /e/ e /o/ em posição final.

As variáveis consideradas no estudo foram: Segmento Precedente, Segmento Seguinte, Classe Gramatical, Contexto Vocálico Precedente, Tipo de Sílabas, Estrutura da Sílabas Postônica Final, Idade (13 a 18 anos e mais de 50 anos) e Escolaridade (1º grau completo e segundo grau incompleto).

Os resultados apontaram como favoráveis ao alçamento as variáveis lingüísticas Contexto Precedente e Segmento Seguinte. Com relação à Segmento Precedente, mostrou favorecer a elevação tanto de /e/ como de /o/ o contexto estridente coronal [s, z, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ]. Com relação ao Contexto Seguinte apresentaram-se como favoráveis à elevação de /o/ as nasais [m, n]. Essa variável não foi relevante para elevação da vogal /e/.

Também relevante para esse estudo foi a variável Idade, indicando que os mais jovens apresentam-se mais favoráveis ao processo de alçamento das vogais médias em posição final.

Afim de contribuir para a descrição do sistema vocálico do português no Rio Grande do Sul, Mallmann (2001) desenvolveu um estudo de variação das postônicas finais na comunidade de Santo Ângelo, região localizada a aproximadamente 140 km da fronteira com Argentina. O autor partiu da hipótese de que a realização das vogais médias /e/ e /o/ não é homogênea nos diversos grupos de falantes da comunidade, isto é, assumem um comportamento variável. Para verificar essa hipótese, selecionou uma amostra de 36 informantes, com idade entre 6 e 24 anos, 25 a 49 anos e mais de 50 anos.

É importante ressaltar que o autor tratou conjuntamente os dados da postônica /e/ e os dados da postônica /o/. Em seu estudo foram consideradas as variáveis: Tonicidade, Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Classe Gramatical, Tipo de Vogal, Gênero, Escolaridade (fundamental e médio-superior) e Grupo Étnico (Alemão, Italiano, Polonês, Misto e Luso-Brasileiro).

Das variáveis lingüísticas propostas, foram apontadas como relevantes: Tipo de Vogal, Contexto Precedente e Contexto Seguinte. Quanto à variável Tipo de Vogal, os resultados indicam que a vogal média /o/, em posição final, apresenta maior tendência ao alçamento em relação à vogal média /e/. Com relação à variável Contexto Precedente, apresentou-se como levemente favorável ao alçamento das vogais o contexto das fricativas [s, z, f, v, ʃ, ʒ]. Em contexto seguinte mostrou-se relevante para a elevação de /e/ e /o/ finais o fator /S/.

Entre as variáveis sociais, mostraram-se relevantes, nesse estudo, a Idade, o Gênero e a Escolaridade. Quanto à Idade, os resultados apontam que os mais jovens elevam as vogais médias finais com maior frequência e, quanto ao gênero, são as mulheres que favorecem o processo de elevação. Além disso, os informantes com grau de escolaridade médio-superior demonstraram uma leve tendência ao favorecimento do alçamento.

Em artigo, Vieira (2002) apresenta um estudo sobre o comportamento das vogais médias postônicas finais e não finais nos três Estados do Sul do Brasil, nas cidades de Porto Alegre, São Borja, Flores da Cunha e Panambi no Rio Grande do Sul; Florianópolis, Blumenau, Lages e Chapecó em Santa Catarina; Curitiba, Londrina, Pato Branco e Irati no Paraná. Para a realização da pesquisa foi utilizado o banco de dados do VARSUL, do qual foram selecionados oito informantes para cada uma das cidades, com idade até 50 anos ou mais de 51 anos e quatro anos de escolaridade ou mais de quatro anos de escolaridade.

A autora trabalhou separadamente as vogais /e/ e /o/ em posição final e em posição não final. Assim, para a análise das vogais em posição não final foram consideradas no estudo as variáveis Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Contexto Vocálico, Posição da Vogal na Palavra, Faixa Etária, Grau de Escolaridade e Variável Geográfica. Para a posição final foram consideradas as mesmas variáveis sociais propostas para a posição não final. No entanto, nas variáveis lingüísticas houve a substituição da variável Contexto Seguinte pela variável Tipo de Sílabas. Desse modo, nessa posição foram controladas as variáveis lingüísticas: Contexto Precedente, Tipo de Sílabas, Contexto Vocálico e Localização da Postônica na Palavra.

Com relação à posição não final, são apontadas como relevantes para /o/ as variáveis Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Localização da Postônica, Faixa Etária e Variável Geográfica. Mostraram-se favoráveis ao alçamento da vogal, tanto em contexto precedente quanto em contexto seguinte, as labiais [p, b, f, v, m]; para a variável Localização da Vogal na Palavra, percebe-se que há maior elevação quando /o/ encontra-se no sufixo da palavra; na variável faixa etária, os informantes com mais de 51 anos apresentam maior índice de elevação em relação aos informantes com idade até 50 anos. Quanto à variável geográfica, os resultados indicam que as cidades que mais elevam são Porto Alegre, Florianópolis, Chapecó e Panambi e as que menos elevam são Flores da Cunha, Lages, Curitiba e Irati.

Para a vogal /e/ em posição não final são relevantes as variáveis Contexto Precedente e Presença da Vogal Alta na Palavra. Em contexto precedente, mostraram-se favoráveis ao alçamento as fricativas /s, z/. Quanto à presença da vogal alta na palavra, os resultados apontam que há uma tendência da vogal /e/ em posição não final ser elevada quando a palavra contém vogal alta.

No que se refere à posição final, apresentam-se como significativas para a vogal /o/ as variáveis Tipo de Sílabas e Contexto Vocálico. Em relação ao Tipo de Sílabas, os resultados apontam que a presença da coda /S/ contribui para o alçamento. Além disso, é apontado que /o/ tende a ser mais elevado quando há presença de uma vogal alta na sílaba vizinha.

As variáveis relevantes para /e/ em posição final, em Vieira (2002), são Contexto Precedente, Tipo de Sílabas, Contexto Vocálico e Variável Geográfica. Em contexto precedente, apresentam-se como favoráveis ao alçamento as fricativas /s,z/ e as labiais. Nota-se ainda que há favorecimento da elevação em palavras com coda /S/.

Quanto ao contexto vocálico, os resultados indicam, mais uma vez, que a presença de uma vogal alta na palavra contribui para o alçamento da postônica. Entretanto, é importante salientar, segundo a autora, que há diferença de resultados quanto ao comportamento da variável Contexto Vocálico na elevação da vogal média /e/ em posição final. Como sua amostra foi composta por regiões e cidades diferentes, sua conclusão é a de que, nas cidades onde a aplicação da regra de alçamento é elevada, o contexto vocálico adjacente tem pouco papel no comportamento da vogal média /e/, o que significa que nesses casos a vogal /e/ eleva quase que independentemente de haver ou não uma vogal alta adjacente a ela. Diferentemente, em cidades onde a aplicação da regra de elevação é baixa, a presença da vogal alta possui papel relevante.

Desse modo, segundo Vieira (2002, p. 156), é possível supor que as cidades que apresentam peso relativo alto para aplicação da regra de elevação estejam mais próximas de uma regra de neutralização do que aquelas com peso relativo baixo ou neutro de aplicação da regra. Assim, conforme a autora, é possível que a regra de neutralização introduza-se paulatinamente nos sistemas vocálicos das diferentes cidades. Nesse caso, em Porto Alegre, por exemplo, já estaria praticamente instalada, mas em outras cidades, como Flores da Cunha ou Irati, a regra estaria em estágio inicial.

Em relação às localidades examinadas, a elevação da vogal /e/ final é presente em Porto Alegre (elevação quase categórica), Pato Branco e Blumenau; por outro lado, as cidades que menos elevam são Panambi, Flores da Cunha, Lages, Chapecó e Irati.

Considerando estudos realizados em outros Estados do Brasil, menciona-se o trabalho de Ribeiro (2007) sobre a elevação das vogais não finais no português de Belo Horizonte, Minas Gerais. O foco principal de seu trabalho são os vocábulos proparoxítonos que em seu estudo foram observados sob uma abordagem difusionista. A amostra foi constituída por 18 informantes, entrevistados em duas fases: a primeira consistiu em uma conversa informal e a segunda, na nomeação de figuras e identificação de gravuras. O objetivo da segunda fase da coleta foi direcionar a produção de itens lexicais específicos que dificilmente seriam produzidos na fala espontânea.

O estudo da autora partiu de duas hipóteses. A primeira delas é a de que as mudanças na língua acontecem por difusão lexical. A segunda hipótese é a de que o comportamento

lingüístico do indivíduo é mais homogêneo em relação ao comportamento do grupo e, por essa razão, deve ser medido separadamente.

Com relação às postônicas não finais, Ribeiro (2007) parte do pressuposto de que o acento está relacionado a segmentos específicos, pois alguns itens são sempre acentados e outros nunca o são, mesmo que possuam ambiente para isso.

Para verificar o comportamento dos vocábulos proparoxítonos foi considerado nesse estudo um grupo de fatores estruturais e um grupo de fatores não estruturais. No primeiro grupo foram consideradas as variáveis Segmento Precedente, Segmento Seguinte, Grau de Altura da Vogal Tônica, Posição da Vogal na Palavra, Velocidade da Fala (pausada, normal, acelerada) e Item Lexical. No segundo grupo, foram consideradas as variáveis Indivíduo, Sexo, Faixa Etária (20 a 49 e mais de 50 anos), Escolaridade, Classe Social e Formalidade (*versus* Informalidade).

Dessas variáveis foram apontadas como relevantes para /e/ Formalidade (*versus* Informalidade), Velocidade da Fala e Item Lexical e para a vogal /o/, as variáveis Indivíduo, Item Lexical e Formalidade (*versus* Informalidade).

Segundo a autora, o fato de apresentarem-se relevantes ao acento das postônicas não finais as variáveis Item Lexical e Indivíduo, e não mostrarem-se relevantes as variáveis Segmento Precedente, Segmento Seguinte, Grau de Altura da Vogal Tônica, Posição da Vogal na Palavra, representa um forte indício de que a variação das vogais postônicas não finais está relacionada a um processo de difusão lexical.

A autora aponta ainda como indício de difusão lexical o fato de que em determinados itens lexicais, como *própolis* e *sonífero*, as postônicas serem produzidas sempre com acento enquanto em outros, como *útero* e *bússula*, por exemplo, nunca haver elevação.

Nesta seção, foram apresentados os estudos já realizados no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais sobre o acento das vogais médias em posição postônica. Nota-se, no entanto, que mesmo estudando um fenômeno semelhante, os trabalhos foram estruturados de forma diferente. Desse modo, com o objetivo de verificar quais desses estudos podem ser realmente comparados e quais resultados podem, conseqüentemente, ser generalizados, propomos na seção 3.4, a seguir, uma análise comparativa das pesquisas desenvolvidas sobre o comportamento das vogais médias postônicas no Rio Grande do Sul.

3.4 Análise comparativa dos estudos realizados no Rio Grande do Sul

Bailey e Tillery (2004, p.13) propõem que muitas das divergências em estudos variacionistas sobre um mesmo fenômeno lingüístico decorrem dos procedimentos metodológicos utilizados pelos pesquisadores. Para os autores, tais divergências envolvem a atuação dos entrevistadores e os efeitos que estes podem causar nos dados obtidos; envolvem também as diferentes amostras populacionais, ou seja, mostram como foram selecionados os informantes, a representatividade da amostra e as diferentes estratégias analíticas ou a forma como os dados foram organizados e estruturados.

A fim de comparar o papel dos entrevistadores nas coletas dos dados referentes ao comportamento das vogais postônicas finais e não finais no Rio Grande do Sul, consideramos em cada estudo revisado questões relacionadas à origem e obtenção dos dados. Desse modo, com relação aos trabalhos relativos às vogais postônicas, pode-se apontar que os estudos de Schimitt (1987), Vieira (1994), Roveda (1998), Carniato (2000), Mallmann (2001) e Vieira (2002) foram realizados no mesmo Estado e apresentam semelhanças com relação a esse aspecto. A obtenção dos dados foi realizada através de entrevista pessoal, com duração de aproximadamente sessenta minutos em todas as pesquisas; no entanto, nos trabalhos de Schimitt (1987) e Vieira (1994), diferentemente dos demais, a entrevista foi iniciada por questões dirigidas.

A origem dos dados foi a mesma para Schimitt (1987) e Vieira (1994), que utilizaram os dados coletados por Bisol (1977), e para Roveda (1998) e Vieira (2002), que utilizaram entrevistas do Banco Varsul. As demais entrevistas foram realizadas pelos próprios autores, Carniato (2000) e Mallmann (2001).

Quanto à composição da amostra, consideramos questões referentes ao número de informantes, à quantidade de dados obtidos, às características sociais dos informantes e às comunidades estudadas.

Nesse sentido, apresentam-se como diretamente comparáveis os trabalhos de Schimitt (1987) e Vieira (1994), que consideraram praticamente as mesmas comunidades: Veranópolis, Taquara e Livramento. A única diferença foi que Vieira considerou também Porto Alegre. Os fatores sociais idade (25 -55 anos), escolaridade (nível primário incompleto) e etnia (alemães, fronteiriços, italianos e metropolitanos) foram os mesmos em ambos os estudos, salvo os

metropolitanos, que foram considerados somente por Vieira (1994). A diferença entre esses dois trabalhos foi com relação ao número de informantes e o total de dados obtidos: Schimitt (1987) constituiu sua amostra com doze informantes e obteve 7 280 dados para /o/ e 4 407 dados para /e/. Vieira (1994) constituiu uma amostra de 28 informantes e obteve 7 131 dados para /o/ e 5 487 para /e/.

Com relação às estratégias analíticas, consideramos os fatores estruturais, como a constituição da variável dependente, das variáveis lingüísticas e das sociais, e ainda os resultados obtidos.

Essas estratégias também não são as mesmas para todos os trabalhos, a começar pela constatação de que nem todos os autores analisaram as vogais nas mesmas posições átonas. Assim, quanto a esse aspecto, pode-se fazer uma divisão dos trabalhos em dois grupos. Em um primeiro grupo estão os estudos que consideraram as vogais em posição tanto final quanto não final, tais como Schimitt (1987), Vieira (1994) e Vieira (2002). Inclui-se nesse grupo o estudo de Vieira (2002), que considerou ambas as posições, mas com a ressalva de que sua análise foi feita separadamente para cada posição.

Em um segundo grupo, situam-se os trabalhos de Roveda (1998), Carniato (2000) e Mallmann (2001), que observam especificamente as vogais em posição final. Nesse grupo é necessário ainda estabelecer subdivisões, já que o tratamento dos dados não foi o mesmo para todos os trabalhos. Mallmann analisou /e/ e /o/ finais conjuntamente, enquanto Roveda e Carniato (2000) trataram os dados de cada vogal separadamente.

Com relação às variáveis lingüísticas consideradas, os estudos de Schimitt (1987), Vieira (1994), Roveda (1998), Carniato (2000), Mallmann (2001) e Vieira (2002) apresentam semelhanças. As variáveis controladas apenas em determinados estudos foram: Juntura, verificada apenas em Schimitt (1987) e Roveda (1998); Acento e Tonicidade dos Vocábulos, controladas apenas em Schimitt (1987) e Mallmann (2001); Posição no Sintagma, somente por Schimitt (1987) e Posição da Vogal na Palavra, só considerada em Vieira (2002).

Foram consideradas em praticamente todos os estudos as variáveis Contexto Precedente (todos); Contexto Seguinte (exceção ao trabalho de Roveda (1998) e Vieira (2002) - final); Classe Gramatical (exceção ao estudo de Vieira (2002)); Contexto Vocálico ou Presença de Vogal Alta (não consideradas em Schimitt (1987) e Mallmann (2001)); Tipo de Sílabas (exceção ao trabalho de Schimitt (1987)).

Com relação aos resultados, é possível constatar, principalmente nos estudos de Schimitt (1987) e Vieira (1994), trabalhos que, conforme vimos, são comparáveis quanto à composição da amostra e às estratégias analíticas, a importância da etnia para a análise dos condicionadores estruturais. Percebe-se que na região metropolitana o alçamento das vogais médias é praticamente categórico enquanto nas regiões de fronteira e nas regiões de colonização italiana e alemã o processo de alçamento é variável. Tais resultados conduziram as autoras a sustentar que a pauta de três vogais para a posição postônica final, proposta por Mattoso Câmara, realiza-se dessa forma nas regiões metropolitanas; entretanto, em regiões de italianos, fronteiriços e alemães, tem-se nessa posição uma pauta de cinco vogais, em que a neutralização acontece apenas variavelmente.

Pode-se constatar ainda que há conformidade nos resultados dos trabalhos de Schimitt (1987), Vieira (1994), Roveda (1998), Carniato (2000), Mallmann (2001) e Vieira (2002) quanto ao índice de elevação da vogal média /e/ em relação à vogal média /o/. A vogal média /o/, tanto em posição final quanto em não final, apresenta maior índice de alçamento em relação à vogal média /e/.

No que se refere aos resultados específicos para as variáveis, podemos apontar que há conformidade quanto à relevância da variável Contexto Precedente nos estudos de Schimitt (1987), Vieira (1994), Roveda (1998), Mallmann (2001) e Vieira (2002); quanto à relevância da variável Tipo de Sílabas, em Vieira (1994), Roveda (1998) e Vieira (2002); e quanto à relevância da variável Contexto Vocálico, nos trabalhos de Vieira (1994) e Vieira (2002).

Com relação às variáveis sociais, os estudos não são diretamente comparáveis, pois a forma de constituição dos grupos de fatores foi diferente em cada trabalho. Pode-se dizer que estão em conformidade os estudos de Schimitt (1987) e Vieira (1994), conforme relatado anteriormente, em relação ao Grupo Étnico. Mallmann (2001) também trabalhou com a variável Etnia, mas considerou grupos étnicos diferentes em relação aos estudos de Schimitt (1987) e Vieira (1994), a saber: alemães, italianos, poloneses e mistos.

Mostram ainda características semelhantes quanto às variáveis sociais, os estudos de Roveda (1998) e Vieira (2002) quanto à escolha da Variável Geográfica. Em conformidade, as autoras trabalharam com as comunidades de Flores da Cunha, Florianópolis, Porto Alegre e Chapecó, com a ressalva de que Vieira considerou, além dessas, as cidades de Panambi, São Borja, Irati, Lages, Blumenau, Pato Branco e Londrina.

No que se refere à Idade e Escolaridade, os estudos apresentam divergências quanto aos fatores considerados. A variável Idade foi considerada em praticamente todos os estudos, exceção feita a Schimitt (1987) e Vieira (1994). Entretanto, as faixas etárias consideradas não foram as mesmas. Da mesma forma, quanto à Escolaridade, também considerada em todos os trabalhos, com exceção de Schimitt (1987) e Vieira (1994), pode-se comparar apenas o estudo de Carniato (2000) com o estudo de Roveda (1998) com graus de escolarização fundamental e médio; e Mallmann (2001) com Vieira (2002), que além do fundamental e médio incluíram o nível superior.

Os resultados para as variáveis Idade e Escolaridade apresentam divergências. Desse modo, o que se pode apontar é que há conformidade quanto a uma tendência do maior índice de elevação das vogais para os informantes mais jovens e com maior grau de escolarização, nos estudos de Roveda (1998), Carniato (2000) e Mallmann (2001).

Com relação ao Sexo, tal variável foi controlada em Vieira (1994), Roveda (1998) e Mallmann (2001), embora não apresentem conformidade em seus resultados. Em Mallmann (2001) são as mulheres que mais praticam o alçamento; já em Roveda (1998) são os homens, e em Vieira (1994) os resultados mostram-se próximos ao ponto neutro. Como esta variável é estruturada da mesma forma em todos os trabalhos, pode-se apontar que as diferenças estão relacionadas ao comportamento dos falantes que não fazem parte de uma mesma comunidade de fala.

4 METODOLOGIA

O presente trabalho, inserido na área de sociolinguística, está fundamentado nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação. Neste capítulo mostramos a metodologia que foi utilizada para a realização do estudo sobre a elevação das vogais médias postônicas /e/ e /o/ na comunidade de Rincão Vermelho-RS. Desse modo, tem-se: na seção 4.1, a apresentação da comunidade; na seção 4.2, os procedimentos adotados na coleta de dados; na seção 4.3, as variáveis consideradas na pesquisa; na seção 4.4, a codificação dos dados e, na seção 4.5, o instrumento de análise estatística adotado.

4.1 A comunidade

Para a realização do estudo do alicamento das vogais médias /e/ e /o/ nas posições postônica final e não final, foi selecionada a comunidade de Rincão Vermelho – RS, pertencente ao município de Roque Gonzales. Considerou-se o fato de ser uma região rural, do interior rio-grandense, situada na fronteira com a Argentina, aspectos que contribuem, portanto, para a avaliação da região como importante fonte de dados para a realização de um estudo de variação linguística.

A seguir, é feita uma breve descrição da comunidade. As questões referentes ao município de Roque Gonzales e à comunidade de Rincão Vermelho foram constituídas com base em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, da Prefeitura Municipal de Roque Gonzáles, a partir de informações fornecidas por historiadores do município, a saber: Santos (2004) e Marasca (2006), e moradores mais antigos.

4.1.1 Aspectos geográficos

Rincão Vermelho é um distrito pertencente ao município de Roque Gonzales, que está situado na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, aproximadamente a 550 km de Porto Alegre. A área territorial do município é de 346,6 km² e o número aproximado de

habitantes é de 7.718¹. A Figura 11, a seguir, apresenta o Estado do Rio Grande do Sul com a especificação de suas sub-regiões, com destaque para a região noroeste onde se situa a comunidade em estudo.

Figura 11 – Estado do Rio Grande do Sul



A comunidade de Rincão Vermelho situa-se no extremo norte do município de Roque Gonzales, a uma distância de aproximadamente 43 km da sede. Sua localização é também próxima ao município de Porto Xavier, estando separada deste por apenas 18 km de distância.

¹ Este número é relativo ao município de Roque Gonzales como um todo, pois nos dados oferecidos pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e pela Prefeitura do Município não consta o número de habitantes do distrito de Rincão Vermelho em particular.

Entretanto, o ponto mais interessante de sua localização geográfica é a proximidade com os rios Uruguai, à esquerda, e Ijuí, à direita. Tal localização dá-lhe o privilégio de ser conhecida como uma área fronteira, de fácil acesso para a Argentina, bem como de ser o local onde acontece o desemboque das águas do rio Ijuí no rio Uruguai, um dos pontos turísticos mais valorizados da região. Santos (2004, p. 193), ao fazer uma descrição da localidade, relata:

O atual distrito de Rincão Vermelho, que há algumas centenas de anos já vão longe no tempo e no espaço; (*sic*) teria seu solo recoberto por um mar de florestas, com algumas clareiras, como assim deveria ter sido toda a região da margem esquerda, do Rio Uruguai e direita do Rio Ijuí. Mesmo porque Rincão Vermelho está localizado bem no vértice do ângulo formado pelo encontro desses dois rios na embocadura do Ijuí.

Por sua localização geográfica, a região apresenta um clima subtropical bastante variado, ora dominado por massas de ar tropical mais quentes, ora por massas de ar polar, com ventos frios. Assim, nos meses de verão, dezembro, janeiro e fevereiro, especialmente, o clima característico da localidade é de temperaturas altas, enquanto nos meses de inverno, sobretudo junho, julho e agosto, há uma tendência para temperaturas bastante baixas.

4.1.2 Histórico

A região do município de Roque Gonzales é também conhecida como Região Missioneira. Suas terras estiveram por muito tempo sob os domínios das coroas da Espanha e Portugal. Desse modo, a origem histórica do município está relacionada às reduções jesuíticas, fundadas na região das Missões pelo Padre Roque Gonzáles, na primeira metade do século XVII.

De acordo com Santos (2004), as terras do município foram primeiramente povoadas pelos índios guaranis e tapes. A contar de 1628, chegaram à região os padres da Companhia de Jesus, com a missão de catequizar, batizar e educar os índios. Foi nessa época que o padre jesuíta Roque Gonzales fundou a primeira redução em Assunção do Ijuí, hoje ponto turístico do município.

Como uma homenagem ao padre jesuíta, foi criado, no município de São Luiz Gonzaga, o distrito de Roque Gonzales, no ano de 1927. Em 1938, através do decreto nº 7199, o então distrito se desmembrou do município de São Luiz Gonzaga, passando a ser conhecido

como vila de Roque Gonzales, juntamente com os distritos de Porto Xavier e de Cerro Largo. Com a emancipação de Cerro Largo em 1954, Roque Gonzales e Porto Xavier passaram a pertencer a esse novo município.

Só no ano de 1965 é que Roque Gonzales passou a ser um município independente, desmembrando-se de Cerro Largo e levando como parte do seu território uma área do distrito de Porto Xavier, mais precisamente as terras onde se localiza hoje Rincão Vermelho.

A localidade recebeu o nome de Rincão porque na época havia apenas uma estrada situada entre os dois rios, Uruguai e Ijuí, ou seja, era um caminho de ida e volta até a chamada Barra do Ijuí, localizada nas margens do rio Ijuí. O adjetivo Vermelho foi acrescido ao nome devido ao fato de as terras do local apresentarem tal coloração

Esse pequeno pedaço de terra vermelha, localizado às margens dos rios Uruguai e Ijuí, atraiu, por sua fertilidade e localização, imigrantes colonizadores de várias etnias. Primeiramente, foi colonizado por teuto-brasileiros, oriundos das antigas colônias alemãs do leste do Estado. Essa colonização teve início quando foi instalada a primeira usina hidrelétrica do município, junto ao Salto Pirapó, Rio Ijuí, um dos principais pontos turísticos do município. Nessa época, um grande número de imigrantes alemães e italianos instalou-se na região, razão pela qual, por muito tempo, predominaram, em muitas áreas do município, as variantes do dialeto alemão e do dialeto italiano. No entanto, o bilingüismo adotado inicialmente por alguns moradores da região sofreu, desde as últimas décadas, um significativo declínio. Embora hoje existam pessoas que saibam falar os antigos dialetos dessas línguas, predomina atualmente uma população monolíngüe, falante do português.

Conforme mencionado anteriormente, é preciso considerar que, antes da chegada desses imigrantes, a região já era habitada por povos de origem indígena. Santos (2004, p. 193) aponta que em fins do século XVIII teriam se localizado no território de Rincão Vermelho alguns mamelucos (filhos de índios com brancos) que viviam em pequenos ranchos cobertos de capim ou palha de coqueiro. Esses habitantes viviam da caça, da pesca e da plantação de milho e mandioca.

Os descendentes de alemães e italianos, por sua vez, ocupavam-se principalmente da agricultura e da pecuária e, raramente, da pesca. O cultivo principal era de produtos como feijão, fumo, mandioca, arroz, cana-de-açúcar, milho, ocupando-se, ainda, com a criação de gado e de cavalos, usados para força de trabalho e transporte.

Nessa época, a comunidade também possuía outros meios de sobrevivência, como por exemplo, pequenos comércios, uma serraria, uma sapataria e também um moinho de trigo e milho, movido por uma roda d'água fabricada por descendentes de imigrantes e italianos que na época habitavam a região.

Segundo Marasca (2006, p. 45), os primeiros anos foram bastante difíceis para os imigrantes, pois com estradas precárias e longe de qualquer centro urbano, possuindo como únicos meios de transporte carroças e cavalos, e sem comunicação, eles viviam praticamente em um mundo isolado, onde o tempo era contado pelo entrar e sair do sol.

Outra importante característica que marca a história da localidade é a formação religiosa de sua população. Marasca (2006, p. 11) relata que, devido a divergências culturais, alemães e italianos queriam preservar seus costumes e hábitos. Assim, cada grupo fundou sua escola e igreja, pois os alemães eram evangélicos e os italianos, católicos. Desse modo, foram fundadas as igrejas Santo Antônio, pelos católicos, e a Confissão Luterana São João, pelos evangélicos.

Com o passar do tempo, o pequeno vilarejo de Rincão Vermelho, formado basicamente de matas e terras agrícolas, foi aumentando. Novas casas foram construídas e novos moradores instalaram-se na região. As estradas melhoraram, facilitando o acesso aos centros urbanos e o local passou a ter uma comunicação maior com as cidades de Porto Xavier e Roque Gonzales, principalmente.

Hoje praticamente todas as residências dispõem de energia elétrica e saneamento básico. O telefone e a *internet* ainda não atendem todas as residências, pois as linhas residenciais alcançam apenas uma parte da comunidade, mas existe uma central telefônica disponível para todos os moradores. Hoffmann (comunicação pessoal, 2007) fala com entusiasmo dessas mudanças ao afirmar que “nós vivemos hoje quase como numa cidade, temos água, luz, telefone. Temos o conforto de uma cidade e a oportunidade de viver no interior”.

Ainda hoje a maior fonte de subsistência é proveniente da agricultura e do comércio. Na agricultura, os produtos foram diversificados, com predomínio do cultivo da soja, do trigo e da cana-de-açúcar. O comércio gira em torno de produtos do gênero alimentício e da venda “ambulante” de roupas e calçados.

Como uma marca da evolução social e cultural, o que se percebe hoje na comunidade é uma destacada diversidade socioeconômica: de um lado, empregados da agricultura ou do comércio; cortadores de cana-de-açúcar, hoje principal produto agrícola; donas de casa; pescadores, entre outros, que apresentam uma renda média ou baixa. De outro, uma pequena parte da população, formada por proprietários de terra ou pequenos empresários, que apresentam um nível socioeconômico mais elevado.

A educação é outro ponto que merece destaque nos dias atuais. Inicialmente, o ensino era oferecido em uma escola de primeira à quinta série, a “Escola Rural de Rincão Vermelho”, criada por iniciativa dos moradores. Funcionava em um galpão da comunidade, em situação precária, com poucos professores e pouco material. Hoje, graças aos investimentos estaduais, a comunidade conta com uma Escola Estadual de Ensino Fundamental, com primeiro grau completo.

Entretanto, contando somente com essa escola de nível fundamental, a localidade não consegue atender à demanda de seus jovens que, buscando continuar seus estudos, migram para os centros urbanos vizinhos para estudar e trabalhar, deixando a comunidade muito cedo.

O êxodo é uma das características do Rincão Vermelho nos dias atuais. Justifica-se por ser uma região localizada em área rural que, apesar de ter se desenvolvido bastante, ainda carece de muitos recursos. Seus moradores precisam deslocar-se com frequência para as cidades próximas, tanto para trabalhar como para procurar recursos médicos, por exemplo.

No entanto, o acesso aos centros urbanos não é o mesmo para todos os moradores. As pessoas de uma classe social mais humilde possuem menos acesso aos centros urbanos, restringindo-se mais à agricultura e ao trabalho no campo. Já os de classe média e média-alta, principalmente os mais jovens que estudam, costumam freqüentar assiduamente os centros urbanos.

De certa forma, essas diferenças sociais, essa busca por recursos na cidade, resulta em diversidade lingüística na comunidade. Os integrantes de uma classe social média ou média-alta, que possuem acesso à educação e com frequência deslocam-se para a cidade, geralmente buscam adaptar-se às formas inovadoras e de maior prestígio lingüístico, o que não se observa com relação à classe social mais baixa.

Com relação ao lazer e à cultura, a localização geográfica de Rincão Vermelho, especialmente hoje, faz com que a comunidade seja bastante voltada para o turismo. Nos meses de verão, especialmente, o local é freqüentado por pessoas de diversas localidades que buscam nas margens dos rios Uruguai e Ijuí o sossego, o encontro com a natureza e o descanso.

A pesca de veraneio é um dos destaques do lazer. Anualmente, costuma acontecer nas margens do rio Ijuí o festival do Barco e da Pesca, que reúne tanto moradores da comunidade e do município como também de outras regiões. Essa festa tornou-se um evento tradicional para a localidade e uma oportunidade para explorar e divulgar suas belezas naturais.

A comunidade também é caracterizada por festas religiosas. No mês de junho ocorre a festa de Santo Antônio, santo padroeiro da Igreja Católica da localidade. No mesmo mês, os evangélicos promovem, por intermédio da Igreja de Confissão Luterana, a festa de São João, nome com o qual a igreja da comunidade foi batizada. Uma outra característica com relação à cultura local é o gosto que os moradores cultivam pelas emissoras de rádio argentinas, sobretudo pelos programas musicais com ênfase em ritmos como o tango e o chamamé, muito apreciados nas festas e bailes da comunidade.

O local possui ainda, como fontes de lazer, uma pequena praça, com alguns brinquedos, uma quadra de vôlei e um pequeno campo de futebol. Em sua área central, denominada de vila, localiza-se o clube, onde acontecem freqüentemente reuniões dançantes, encontros esportivos, entre outras atividades.

4.2 A Coleta de dados

Tratando-se de uma pesquisa de variação lingüística, em que o objetivo foi a obtenção do vernáculo, a coleta constituiu uma das etapas mais importantes do trabalho.

No intuito de realizar um trabalho de campo que atendesse aos requisitos do modelo sociolingüístico, foi adotado para o desenvolvimento da coleta na pesquisa as técnicas de pesquisa de campo etnográficas propostas por Spradley (1979). Desse modo, a observação da comunidade, a elaboração das questões, a seleção e distribuição dos informantes em células e a realização das entrevistas foram consideradas como etapas da pesquisa de campo.

4.2.1 Observação da comunidade

Em razão da comunidade em estudo ser familiar à pesquisadora, o acesso e a interação com os moradores foi facilitado, o que contribuiu para que essa etapa transcorresse com facilidade. Mesmo assim, foi realizado um levantamento geral sobre as principais atividades profissionais, ocupações e principais formas de lazer dos moradores.

Nos meses de julho e agosto de 2007, período em que os dados foram coletados, observou-se que os homens em geral tinham menos tempo para lazer do que as mulheres, pois a região estava no período da safra de cana-de-açúcar, atividade que envolve normalmente muitas famílias no trabalho. Os homens saíam de casa muito cedo e voltavam somente ao final da tarde. As mulheres, quando não participavam dessa rotina, ficavam em casa cuidando de seus afazeres domésticos. No final da tarde, era bastante comum a troca de visitas entre vizinhas, as chamadas “rodas de chimarrão”. Já os homens e os mais jovens, quando tinham tempo, costumavam reunir-se no clube da comunidade para jogar cartas e conversar.

O cumprimento dessa etapa da pesquisa facilitou bastante o trabalho posterior. Além de contribuir para a seleção dos informantes e para a elaboração das questões da entrevista, também possibilitou conhecer melhor as relações de proximidade existentes entre os moradores.

4.2.2 Seleção dos informantes

Realizada a escolha e levantamento sobre a comunidade, partiu-se para um segundo momento do trabalho, que era a seleção dos informantes, com base nos critérios propostos por Spradley (1979, p. 45-54).

O primeiro critério estabelecido pelo autor diz respeito à *enculturação total*, isto é, a preferência por informantes membros da comunidade, que tenham nascido e se criado ali, sem terem se ausentado por muito tempo. Com relação ao presente estudo, a seleção dos informantes obedeceu aos seguintes requisitos: ter nascido na comunidade ou estar residindo nela por pelo menos 2/3 de sua vida; ser falante monolíngüe do português e não ter se ausentado, recentemente, da comunidade por mais de seis meses. Salienta-se que, no caso dos informantes não nascidos na comunidade, foram considerados somente aqueles de localidades próximas, de preferência dentro do município.

O segundo critério está relacionado com o *envolvimento corrente*. Nesse caso, a seleção dos informantes deve considerar o grau de envolvimento do indivíduo com a comunidade. Na pesquisa, preferencialmente, optou-se por informantes que fossem líderes de instituições, representantes de grupos sociais ou moradores antigos.

O terceiro critério apontado pelo autor é o *tempo adequado* do informante para a realização da entrevista, isto é, o entrevistador deve buscar saber quais informantes possuem maior disponibilidade de tempo para a realização da entrevista e qual a hora mais adequada para sua realização. Neste estudo, procurou-se com antecedência cada um dos informantes, verificando sua disponibilidade de tempo e, posteriormente, organizaram-se as datas e horários de acordo com a disponibilidade de cada pessoa.

O último critério discutido em Spradley (1979) refere-se à busca preferencial por *informantes não analíticos*, o que significa dar preferência para aqueles que respondam às questões de forma mais natural, sem distanciamento com relação a sua própria comunidade. Informantes analíticos tendem a uma fala mais formal e mais distante do vernáculo. Na pesquisa, buscou-se selecionar as pessoas que participam ativamente da comunidade, isto é, moradores inseridos no meio social. No entanto, é importante considerar que muitas vezes o envolvimento *não analítico* do informante só é atingido durante a entrevista, pela forma como esta é conduzida pelo entrevistador.

4.2.3 Constituição da Amostra

Após o estabelecimento do perfil dos informantes, partiu-se para a terceira etapa do trabalho de campo, que foi a constituição da amostra e a decisão sobre o número de informantes. De acordo com Silva (2004 p. 119-120), o número de indivíduos depende:

a) da homogeneidade da população - todos os moradores da comunidade têm acesso à língua de sua comunidade, mas a língua falada em uma comunidade deve ser o suficientemente heterogênea para tornar desejável que se estudem diferenças entre sexos, classes sociais, faixas etárias e outras.

- b) do número de variáveis pesquisadas – a constituição da amostra depende das variáveis e do número de fatores de cada variável que o pesquisador definir; assim, quanto mais variáveis, maior será sua amostra;
- c) do fenômeno - alguns fenômenos são mais homogêneos do que outros. Nos casos em que o fenômeno é mais variável e recorrente, como é o caso do fenômeno em estudo, a amostra não necessita ser tão ampla;
- d) do método - conforme a precisão do método estatístico utilizado, a amostra poderá ser diminuída, até certo ponto. Os métodos estatísticos mais sofisticados, como é o caso do Goldvarb (2003), utilizado na nossa pesquisa, permitem que se faça uma análise com uma quantidade menor de dados;
- e) do orçamento e outras condições materiais - é necessário que o pesquisador seja realista e faça um levantamento das informações referentes a sua disponibilidade de tempo, de material e transporte. Deverá prever, também, o tempo necessário para as transcrições que terá de realizar posteriormente.

O número de informantes considerados nesta pesquisa teve como base o método *aleatório estratificado*, descrito por Silva (2004 p. 121). Por tal método, a definição do número de informantes para compor a amostra é realizada através da divisão da população em células compostas por indivíduos que compartilham as mesmas características sociais, como sexo, faixa etária, escolaridade.

Desse modo, ao transformar cada característica social em variável, multiplica-se o número de seus fatores um pelo outro, o que resultará no número de células da pesquisa. Neste estudo há três fatores para a variável Idade, dois fatores para a variável Sexo e dois fatores para a variável Escolaridade. Multiplicando $3 \times 2 \times 2$, tem-se doze, o número de células que compõem a amostra. Considerando um informante em cada célula, obteve-se o total de doze informantes na pesquisa.

Salienta-se, no entanto, que, por oportunidade de acesso, foi possível realizar outras duas entrevistas com informantes de Ensino Superior e idade entre 15 e 35 anos, um do sexo masculino e outro do sexo feminino. Por essa razão, a amostra passou a contar com um número de catorze informantes. A distribuição por célula pode ser representada conforme o Quadro 01 que segue:

Quadro 1 – Elevação das vogais médias postônicas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho: constituição das células

Célula 1	Célula 2	Célula 3	Célula 4
Sexo Feminino Idade – 15-35 anos Ensino Fundamental	Sexo Feminino Idade – 36 -57 anos Ensino Fundamental	Sexo Feminino Idade – 58 ou mais Ensino Fundamental	Sexo Masculino Idade – 15 -35 anos Ensino Fundamental
Célula 5	Célula 6	Célula 7	Célula 8
Sexo Masculino Idade – 36-57 anos Ensino Fundamental	Sexo Masculino Idade – 58 ou mais Ensino Fundamental	Sexo Feminino Idade – 15-35 anos Ensino Médio	Sexo Feminino Idade – 36-57 anos Ensino Médio
Célula 9	Célula 10	Célula 11	Célula 12
Sexo Feminino Idade – 58 ou mais Ensino Médio	Sexo Masculino Idade – 15-35 anos Ensino Médio	Sexo Masculino Idade – 36-57 anos Ensino Médio	Sexo Masculino Idade – 58 ou mais Ensino Médio
Célula 13	Célula 14		
Sexo Feminino Idade – 15–35 anos Ensino Superior	Sexo Masculino Idade – 15–35 anos Ensino Superior		

Foram essas informações que guiaram o desenvolvimento das demais etapas da pesquisa, que serão apresentadas a seguir.

4.2.4 Forma de obtenção dos dados

A coleta de dados foi realizada em duas etapas, sendo que a primeira constou de uma entrevista pessoal, com aproximadamente uma hora de gravação em fita cassete; a segunda, da aplicação de um instrumento, também através de gravação em fita cassete.

Para a realização da entrevista de experiência pessoal, primeira etapa da coleta, foi elaborado com antecedência um roteiro de questões a ser seguido, com a finalidade de facilitar a obtenção do vernáculo e evitar que durante a entrevista ocorressem momentos de hesitação por parte do entrevistador. Entretanto, a condução das entrevistas e questões mais específicas variou de acordo com cada informante.

Já no primeiro momento de cada entrevista, procurou-se perceber quais os assuntos que suscitavam mais o interesse daquele indivíduo. Assim, buscou-se explorar ao máximo tais assuntos no decorrer da conversa. Com isso, evitaram-se questões que abrangessem temas que não fossem do conhecimento e/ou interesse do informante, aumentando a possibilidade de obtenção do vernáculo, já que o informante pôde falar com espontaneidade sobre o que mais lhe agradava. Evitaram-se também questões que induzissem apenas uma resposta, como *sim* ou *não*, e as que o informante respondesse automaticamente o que lhe foi solicitado, sem se envolver com o tema.

O roteiro de questões utilizado na condução das entrevistas foi baseado em Spradley (1979, ps. 85-89) (cof. Anexo B). O primeiro tipo, *questões descritivas*, abrange assuntos gerais. Para atender a essa modalidade, na entrevista, partiu-se de uma questão mais geral sobre a vida na comunidade, a saber: *Como é a vida aqui na comunidade?*

Seguindo o roteiro, elaborou-se ainda uma outra questão de caráter geral, mas com um foco mais específico, no caso a infância. Com isso, aproveitou-se para resgatar informações sobre brincadeiras, a comunidade, as atividades dos pais, questões que, de acordo com Labov (1972), despertam emoções e facilitam a obtenção do vernáculo, a saber: *Voltando alguns anos atrás, quando você era criança, como era a comunidade? Que brincadeiras você costumava fazer com seus amigos? Quais eram as atividades dos seus pais?*

Na seqüência, foram feitas algumas questões de contrastes, como: *Como era a vida na comunidade quando as pessoas não tinham acesso aos meios de comunicação, como a televisão, por exemplo? O que era diferente com relação ao dia de hoje? O que as pessoas faziam nos momentos de folga?*

Seguindo ainda a proposta de Spradley, foram criadas questões do tipo “*Gran Tour*”, com a descrição de algum momento ou objeto, e do tipo “*Mini – Tour*”, buscando tratar de alguma situação particular. As questões nessa etapa foram: a) *Tem algum momento de sua vida que você consideraria o mais difícil?* b) *Que coisas mais deixam saudades da sua infância?* c) *Olhando para trás, existe algo que você gostaria de ter feito, mas que por algum motivo não foi possível?*

Por último, dentro da mesma proposta do autor, foi feita uma questão *hipotética*, criando uma situação provável que envolveria o informante, a saber: *se você recebesse uma proposta de trabalho na cidade, você deixaria a comunidade?*

Realizada a entrevista pessoal com todos os informantes, sentiu-se a necessidade de aplicação de um instrumento mais específico para a coleta das vogais médias /e/ e /o/ em posição postônica não final, já que o número de dados coletados na entrevista pessoal para o estudo dessa posição mostrou-se insuficiente para uma análise sociolingüística.

Selecionou-se, então, um número de 24 vocábulos proparoxítonos que contêm as vogais médias /e/ e /o/. De posse desses vocábulos, foi realizado, com base na pesquisa de Amaral (1999), um questionário direto-induzido (cf anexo C), buscando alcançar os vocábulos proparoxítonos previamente determinados. Ressalta-se, entretanto, que todos os vocábulos selecionados estavam de acordo com as situações sociais da localidade, isto é, os vocábulos englobados eram familiares aos informantes.

Para indução da resposta, foram confeccionadas fichas com imagens referentes aos vocábulos desejados (cf. anexo C). Assim, ao ouvir a pergunta, o informante tinha a oportunidade de visualizar a figura do objeto, ou algo relacionado, antes de responder. Com isso, além de obter mais facilmente as palavras esperadas, também foi propiciada uma interação mais lúdica e informal com o indivíduo, amenizando, de certa forma, o constrangimento causado pela pergunta direta.

A importância do papel do entrevistador é, segundo Bailey e Tillery (2004, p.14), de grande relevância em uma pesquisa sociolingüística para a obtenção de dados confiáveis, o que já foi sinalizado pelo “paradoxo do observador” (Labov, 1972) (cf. seção 3.2).

Dessa forma, com base na discussão apresentada pelos autores, realizou-se um levantamento das características relacionadas aos informantes, ao local de entrevista, à forma de condução da entrevista, ao sexo do entrevistador com relação ao do informante, à presença de interlocutores e ao grau de familiaridade entre entrevistador e informantes. O levantamento realizado está demonstrado no Quadro 02 a seguir.

Quadro 02 – Elevação das vogais médias postônicas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho: características das situações de entrevista e da relação entrevistados e informantes

Infor- mante	Fatores relacionados						
	Entrevistador e informantes: Membro da mesma comunidade	Familiaridade com a entrevistadora	Utilização de roteiro na entrevista	Presença de outros interlocutores	Informante do sexo feminino	Local da entrevista	
						Casa	Trabalho
01							
02							
03							
04							
05							
06							
07							
08							
09							
10							
11							
12							
13							
14							

Fonte: pesquisador

O primeiro fator considerado no Quadro 02 indica que todos os informantes selecionados pertencem à mesma comunidade do entrevistador. Todavia, conforme observa-se na seqüência, não existe familiaridade entre entrevistador e entrevistados, o que é importante ressaltar, pois a familiaridade entre entrevistador e informante pode gerar respostas artificiais, já que muitas das perguntas feitas ao informante poderão suscitar respostas já conhecidas pelo entrevistador.

Quanto à utilização de roteiro, terceiro item do Quadro 02, ressalta-se que a forma de condução foi a mesma para todas as entrevistas, já que foi seguido um roteiro previamente

elaborado (cf. anexo B). Contudo, no decorrer de cada entrevista, foram surgindo outras questões e buscou-se aproveitar todas as oportunidades em que o informante direcionava o assunto para um tópico que lhe agradava.

O quarto item representado no Quadro 02 anterior refere-se à presença ou não de interlocutores ou pares durante a realização da entrevista. De acordo com Bailey e Tillery (2004), quando se tem a presença de outros interlocutores, como pai, mãe, vizinho, por exemplo, durante a situação da entrevista, o informante pode sentir-se mais disposto a falar. Assim, os resultados de uma entrevista sem a presença de pares podem mostrar diferenças se comparados às entrevistas em que houve presença de pares.

É preciso, porém, salientar que, em algumas situações, a presença de outras pessoas durante a entrevista pode não ser positiva. Nesta pesquisa, houve casos em que as conversas de fundo, a voz de crianças e interferências dos pares por exemplo, dificultaram a condução do trabalho. Quando possível, procurou-se amenizar esse efeito, afastando-se do local onde havia muito barulho ou desligando o gravador por alguns instantes.

Houve especialmente uma entrevista em que não foi possível diminuir esse efeito. No caso, o informante residia em uma casa muito pequena, de apenas dois cômodos, tinha três filhos pequenos que, curiosos, queriam ficar todo tempo ao lado do pai enquanto ele falava. Assim, ficou difícil manter algum tipo de controle, já que o pai estava sozinho com as crianças e não havia um outro local para realizar a entrevista. Em um momento, chegou a ser sugerida uma outra data para a entrevista, mas o informante tinha dificuldade com horários, pois estava diretamente envolvido com a safra da cana-de-açúcar.²

Como pode-se perceber pela sequência apresentada no Quadro 02, anterior, um outro fator que pode interferir é o sexo do entrevistador com relação ao sexo do entrevistado. Conforme apontam Bailey e Tillery (2004), quando o entrevistador e o informante são do mesmo sexo, como, por exemplo, uma mulher entrevistando uma mulher, a tendência é de que a informante sintam-se mais à vontade para falar. Ao contrário, se uma mulher entrevista um homem, este procurará ser um pouco mais formal ou mais “cuidadoso” em sua fala. Nas entrevistas realizadas, tal questão não pareceu relevante, pois buscou-se conduzir o trabalho com naturalidade, deixando o informante mais à vontade. Uma das estratégias adotadas para

² Essa entrevista não foi substituída em razão de não haver outro informante com as mesmas características.

isso, tanto para homens quanto para mulheres, foi conversar informalmente, por alguns minutos, antes de iniciar a entrevista propriamente dita.

Conforme indicado no Quadro 2, anterior, um outro ponto a ser destacado é com relação ao local de realização das entrevistas, na casa ou no trabalho do informante. Segundo Bailey e Tillery (2004), quando a entrevista é feita no trabalho, a pessoa tende a assumir uma postura mais formal, enquanto que em casa, onde se encontra mais à vontade, a possibilidade de assumir uma postura mais informal é maior, o que possivelmente refletirá em uma produção mais próxima ao vernáculo. Por essa razão, sempre que possível, as entrevistas foram realizadas na casa do informante. Mas, em alguns casos, quando isso não foi possível, até mesmo por solicitação do informante, as entrevistas foram feitas no local de trabalho. Comparando as duas situações, pode-se dizer que, no geral, o rendimento foi melhor nas entrevistas realizadas em casa, até mesmo porque o informante mostrou-se mais despreocupado e mais disposto a falar.

Após a obtenção dos dados, observando os critérios mencionados anteriormente, seguiu-se para o próximo passo da pesquisa, que era a definição das variáveis a serem consideradas, as quais são apresentadas na seção 4.3 que segue.

4.3 As variáveis da pesquisa

O termo variável é definido por Laville (1999, p. 42) como um elemento ou fator que pode ter mais de um valor ou encontrar-se em mais de um estado. Não distante dessa concepção, na Teoria da Variação (Labov, 1972), entende-se como variável os grupos de fatores lingüísticos e sociais que podem atuar como condicionadores de uma regra variável. Desse modo, a partir da definição das variáveis e da aplicação de um instrumento de análise estatística, nesta pesquisa o programa Goldvarb 2003, será possível apontar as variáveis que contribuem ou não para a elevação das vogais médias em posição postônica.

4.3.1 Variável dependente

A variável dependente é composta por formas que estão em competição dentro de um mesmo contexto lingüístico. É assim denominada por seu emprego não ser, como aponta Mollica (2004), aleatório, mas sim influenciado por grupos de fatores, ou seja, pelas variáveis independentes lingüísticas e/ou sociais.

Em conformidade com esse conceito, a variável dependente do presente estudo, a elevação das vogais médias /e/ e /o/ em posição postônica final e não final na comunidade de Rincão Vermelho, considerou as seguintes formas em competição:

elevação (*épuca, equipi*)

não-elevação (*época, equipe*)

A hipótese é de que na referida comunidade as vogais médias /e/ e /o/ tendem a ser preservadas, isto é, que o índice de não-elevação seja maior do que o índice de elevação tanto na posição postônica final quanto na posição postônica não final. Entretanto, espera-se que a vogal /o/ apresente maior probabilidade de elevação do que a vogal /e/, em ambas as posições. Tal hipótese fundamenta-se nos resultados obtidos em estudos realizados anteriormente sobre o tema (Schimitt, 1987; Vieira, 1994 e 2002; Roveda, 1998; Carniato, 2000 e Mallmann, 2001), os quais mostram que na variedade dialetal do Rio Grande do Sul o processo de alçamento de /e/ e de /o/ acontece variavelmente, sendo quase categórico nas regiões metropolitanas e apresentando pouca aplicação em outras. Nas regiões de fronteira e de colonização italiana e alemã, as que mais se aproximam das características da comunidade em estudo, a aplicação da regra de alçamento é pouco produtiva (cf. seção 3.3).

4.3.2 Variáveis independentes lingüísticas

As variáveis independentes lingüísticas são constituídas por grupos de fatores lingüísticos que podem condicionar o processo de aplicação da regra. Com base nessa definição, para o estudo da regra de elevação das vogais médias /e/ e /o/ em posição postônica foram consideradas as variáveis lingüísticas que se mostraram relevantes em trabalhos anteriores realizados no Rio Grande do Sul e Minas Gerais sobre o mesmo tema, a saber:

Schmitt (1987), Vieira (1994 e 2002), Roveda (1998), Carniato (2000), Mallmann (2001) e Ribeiro (2007). Dessa forma, o conjunto de variáveis lingüísticas no presente estudo está constituído por: Tipo de Postônica, Tipo de Vogal, Contexto Vocálico da Tônica, Contexto Precedente, Tipo de Sílabas, Contexto Seguinte, Localização da Postônica e Classe Gramatical.

4.3.2.1 Posição da Postônica

A variável Tipo de Postônica está relacionada com a posição que a vogal média /e/ ou /o/ ocupa na palavra. É constituída neste estudo pelos fatores:

final (*gente, movimento*)

não –final (*hóspede; cômoda*)

A relevância do controle dessa variável é justificada pela diferença de comportamento que as vogais /e/ e /o/ podem apresentar de acordo com a posição que ocupam na palavra. No estudo de Vieira (2002), em que as vogais médias em posição final e posição não final foram tratadas separadamente, os resultados indicam que as vogais /e/ e /o/ são mais facilmente elevadas quando se encontram em posição átona final.

Em conformidade com a autora, espera-se da mesma forma no presente estudo que as vogais médias em posição final ofereçam um contexto mais favorável ao processo de alçamento do que as vogais médias de proparoxítonas (não finais).

4.3.2.2 Tipo de vogal

Esta variável refere-se ao tipo de vogal média postônica analisada. Nesta pesquisa integra os seguintes fatores:

/e/ (*dente, útero*)

/o/ (*filho, psicólogo*)

A relevância do controle da variável Tipo de Vogal é explicada pelo motivo das duas vogais apresentarem comportamentos diferentes em estudos já realizados sobre o tema. Os resultados dos trabalhos de Schmitt (1987), Vieira (1994, 2002), Roveda (1998),

Carniato (2000) e Mallmann (2001) apontam, em conformidade, que no Rio Grande do Sul a vogal média /o/ é mais suscetível ao alçamento do que a vogal média /e/.

Considerando esses resultados, a hipótese é de que na comunidade de Rincão Vermelho o percentual de elevação da vogal média /o/, em posição final e posição não final, é maior em relação ao da vogal média /e/ nas mesmas posições.

4.3.2.3 Contexto vocálico da tônica

Através do controle desta variável é possível analisar se a presença de uma vogal alta na sílaba tônica da palavra pode influenciar no alçamento das vogais médias postônicas. Para tanto, são considerados os contextos:

com vogal alta (*vizinho, agrícola*)

sem vogal alta (*comunidade, hóspede*)

Vieira (1994, 2002) constatou em seus estudos que a presença de uma vogal alta na palavra exerce forte influência no comportamento das vogais médias finais e não finais.

Neste estudo, foi delimitada apenas a presença da vogal alta na sílaba tônica da palavra. Desse modo, com base nos resultados apresentados nas pesquisas de Vieira, especialmente para as regiões de fronteira e de descendentes de colonização italiana e alemã, tem-se o propósito de verificar se as vogais médias átonas finais e não finais são mais facilmente elevadas quando a sílaba tônica da palavra é uma vogal alta.

4.3.2.4 Contexto precedente

Esta variável analisa a influência que um fonema próximo precedente exerce no comportamento das vogais médias postônicas, tanto na posição final como na posição não final de palavra. Na presente pesquisa contempla os seguintes contextos:

- [p] (*época; tempo*)
 [b] (*abóbora; sabe*)
 [k] (*cócora; tanque*)
 [g] (*pêssego, açougue*)
 [t] (*útero; bonito*)
 [d] (*ídolo; comunidade*)
 [dʒ] (*tard**ʒ**i; verd**ʒ**i*)
 [tʃ] (*vint**ʃ**i; internet**ʃ**i*)
 [tʃ] (*leit**ʃ**i; noit**ʃ**i*)
 [dʲ] (*tard**i***)
 [s] (*cócega; bagaço*)
 [z] (*peso; êxodo*)
 [ʒ] (*reporta**ʒ**em; Â**ʒ**elo*)
 [ʃ] (*me**ʃ**e; ta**ʃ**o*)
 [f] (*fósforo; chefe*)
 [v] (*chave; árvore*)
 [l] (*psicólogo; pele*)
 [ʎ] (*filo; deta**ʎ**es*)
 [r] (*pérola; número*)
 [r] (*córrego; **carro***)
 [n] (*pequeno; Aline*)
 [m] (*termô**m**etro; v**m**os*)
 [x, h] (*kaxo, Sexo Largo*)
 [ŋ] (*te**ŋ**o, vizi**ŋ**o*)
 [+soante, - consonantal] (*série; grê**m**io*)

A variável Contexto Precedente mostrou-se relevante nos estudos de Schimitt (1987), Vieira (1994, 2002), Roveda (1998) e Carniato (2000). É importante ressaltar que a variável foi estruturada de forma diferente em cada um desses trabalhos analisados (cf. seção 3.4).

A hipótese para a vogal média /e/ em posição final, neste estudo, é a de que contribuam para o alçamento dessa vogal as consoantes [s, z, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ]. Justifica-se tal hipótese pela conformidade do condicionamento favorável apresentado por esses contextos

nos estudos de Schimitt (1987), Vieira (1994, 2002) e Carniato (2000), especialmente nos dados de região de fronteira. No que se refere à vogal média /o/ em posição final, espera-se, em conformidade com os estudos de Schimitt (1987) e Vieira (1994), que se apresentem favoráveis ao alçamento as consoantes labiais [p, b, f, v, m].

Com relação à posição não final, a hipótese é que o alçamento de /e/ seja mais condicionado pelas fricativas /s,z/ e o alçamento de /o/ pelas labiais [p, b, f, v, m]. Tal hipótese encontra respaldo nos resultados de Vieira (2002) para as vogais nessa posição.

4.3.2.5 Tipo de sílaba

A variável Tipo de Sílaba tem como objetivo verificar se o segmento que fecha a sílaba influencia no comportamento das vogais médias /e/ e /o/ em posição postônica, favorecendo ou inibindo o alçamento. Para tanto, nesta pesquisa são consideradas as seguintes situações:

Com coda /R/ (*revolver*; *caráter*)

Com coda /l/ (*imóvel*; *solúvel*)

Com coda /S/ (*antes*; *vamos*)

Com coda /N/ (*homem*; *reportagem*)

Apagamento de coda (*vamoθ*; *reporteθ*)

Sem coda (*juventude*; *leite*)

Com relação a essa variável, os resultados dos estudos de Vieira (1994, 2002) e Roveda (1998) apontam que há maior probabilidade de alçamento das vogais médias em posição final, em palavras fechadas por coda /S/. Os estudos de Vieira (1994, 2002) apontam ainda uma probabilidade de alçamento da postônica /e/ em palavras *sem coda*, isto é, de sílaba leve em final de palavra.

Em conformidade com esses resultados, a hipótese é que a coda /S/ contribua para alçamento de ambas as vogais /e/ e /o/. Com relação à vogal média /e/ final espera-se também que exista tendência ao alçamento em palavras sem coda.

4.3.2.6 Contexto seguinte

Com o controle dessa variável pretende-se verificar se o contexto fonológico seguinte possui influência no comportamento das vogais médias em posição final e não final. Desse modo, no presente estudo está constituída pelos seguintes fatores:

[p] (*horóscopo*; *gente pobre*)

[b] (*cérebro*; *cabelo bonito*)

[k] (*nosso consumo*)

[g] (*córrego*; *tacho grande*)

[t] (*termômetro*; *sempre tava*)

[d] (*cômoda*; *gosto de*)

[s] (*comunidades*; *procuro sempre*)

[z] (*vamo^z na*; *ant^{ez} assim*)

[ʒ] (*padre zesuíta*)

[ʃ] (*quando f^{ega}*)

[tʃ] (*gente t^{finha}*)

[dʒ] (*bastante d^{zinheiro}*)

[f] (*gente falsa*)

[v] (*tenho vaca*)

[l] (*brócolis*; *tiro leite*)

[ʎ] (*solúve^l*)

[r] (*fó^{sforo}*, *nú^{mero}*)

[r] (*bastante responsabilidade*)

[x], [h] (*globo he^{porter}*)

[n] (*gente na*, *ecô^{no}mo*)

[m] (*crisânt^{emo}*; *tenho muit^o*)

Vogal – hiato (*quinze ano*)

Vogal - degeminada (*font^{fijui}*)

Vogal – ditongação (*aço^{gujaqui}*)

glide [j] (*jó^{vej} ~jardinage^j~*)

Ausência de contexto seguinte imediato (*batata doce^l*)

Para as vogais em posição final o objetivo é verificar o comportamento da variável Contexto Seguinte. Vale observar que em Schimitt (1987), Roveda (1998) e Carniato (2000), estudos revisados em que apresentou papel relevante, essa variável foi estruturada de forma diferente e mostrou divergências quanto aos resultados.

Quanto à posição não final, com respaldo nos resultados de Vieira (2002), nossa hipótese é a de que os contextos labiais [p, b, f, v, m] contribuam para o alçamento de /o/. Com relação à vogal média /e/, será observado o comportamento da variável, já que no estudo citado a variável não se mostrou relevante.

4.3.2.7 Localização da Postônica

Essa variável tem por finalidade verificar se as vogais médias tendem a ser mais elevadas quando se encontram no tema da palavra ou quando estão fora do tema. Portanto, os fatores são:

no tema (*balde, campo*)

no sufixo (*principalmente, estivéssemos*)

A escolha dessa variável fundamentou-se no estudo de Vieira (2002). Nos resultados da autora, a variável mostrou-se relevante apenas para a vogal média /o/ em posição não final, apontando maior probabilidade de elevação quando /o/ se encontra no sufixo.³

A hipótese para a posição não final, com base nos resultados da autora, é a de que a vogal /o/ é mais suscetível ao alçamento quando localizada no sufixo da palavra. Estende-se essa hipótese também para a vogal /e/ na mesma posição. No que se refere à posição final, pretende-se analisar o comportamento da variável.

³ Salienta-se que na estruturação dessa variável em nosso estudo, consideramos no fator *sufixo* tanto os sufixos derivacionais como também os sufixos flexionais.

4.3.2.8 Classe gramatical

Pretende-se com essa variável observar o comportamento das vogais médias /e/ e/ o/ em diferentes classes de palavras, tais como:

numeral (*duzentos; quinze*)

substantivo (*cômoda; amigo*)

verbo (*estudamos; tenho*)

adjetivo (*independente; bonito*)

advérbio (*sempre faço*)

advérbios em – mente (*novamente; exatamente*)

A seleção das palavras consideradas teve como base o critério morfo-semântico citado em Mattoso Câmara (2007, p. 79), segundo o qual nomes e pronomes são subdivididos de acordo com sua função na comunicação lingüística. Desse modo, na classe dos nomes inserem-se o substantivo (termo determinado), o adjetivo (termo determinante que modifica o nome ou substantivo) e o advérbio (termo determinante de um verbo). O verbo é distinguido da classe nome pelo seu paradigma flexional.⁴ Não foram consideradas na amostra, portanto, os pronomes e os chamados vocábulos conectivos, isto é, conjunções e preposições.

Nos trabalhos de Vieira (1994), Carniato (2000) e Mallmann (2001), essa variável não se mostrou relevante. No entanto, com base no estudo de Roveda (1998), para o qual a variável foi selecionada, esperamos que a classe de verbos seja mais favorável ao processo de alçamento da vogal /e/ em posição final. Para /o/ final, não tem-se nenhuma hipótese, em razão de os resultados da autora apresentados para essa posição não terem sido relevantes.

Com relação à posição não final, pretende-se observar o comportamento da variável.

⁴ Azeredo (2007, p. 42) aponta ainda, com base em Mattoso Câmara (1964), que a classe dos numerais pode ser também classificada como nome.

4.3.2.9 Tipo de item lexical

A finalidade dessa variável é verificar quais itens lexicais são mais atingidos pelo alçamento das vogais médias postônicas /e/ e /o/. Desse modo, os fatores foram constituídos a partir da observação da amostra, tendo sido considerados os mais recorrentes. São eles:

Com vogal /e/	Com vogal /o/	Com postônica não final /e/ e /o/
gente	gosto (verbo gostar)	pêssego
sempre	serviço	pálpebras
noite	temos (verbo ter)	cérebro
quinze	bonito	almôndega
leite	milho	termômetro
dose	acho (verbo achar)	córrego
baile	lembro (verbo lembrar)	cócegas
hoje	ano	útero
antigamente	consumo	hóspede
diferente	Porto Xavier	mamíferos
tarde	aluno	cômoda
roque	grupo	fósforo
bastante	tenho (verbo ter)	brócolis
vinte	tempo	horóscopo
carne	cinco	cócoras
idade	Rincão Vermelho	abóbora
equipe	filho	árvore
		pérola
		ídolo
		agrícola
		época

A seleção dessa variável fundamentou-se no estudo de Ribeiro (2007), referente às vogais médias em posição postônica não final no português de Belo Horizonte. A autora, partindo do pressuposto de que alguns itens elevam com mais frequência do que outros, defende a idéia de que o alçamento das postônicas não finais está relacionado a itens específicos, isto é, que há um condicionamento lexical, pois alguns vocábulos sempre são alçados e outros nunca o são, mesmo que possuam ambiente para isso.

Nossa hipótese é a de que o controle de determinados itens lexicais seja relevante para os resultados da posição postônica não final.

4.3.3 Variáveis independentes sociais

As variáveis independentes sociais ou extralingüísticas são formadas por grupos de fatores de natureza social que, de alguma forma, podem interferir no comportamento lingüístico. São constituídas de acordo com os informantes e com a comunidade em estudo. Assim, para a realização do trabalho, além de serem consideradas as variáveis sociais que foram relevantes nos estudos realizados sobre o tema no Rio Grande do Sul (Vieira (1994, 2002), Roveda (1998), Carniato (2000) e Mallmann (2001)), também foram contempladas outras variáveis consideradas significativas para a pesquisa em questão. Desse modo, o presente estudo compreende as seguintes dimensões: Sexo, Idade, Escolaridade, Tipo de Contato com Centros Urbanos, Tipo de Coleta.

4.3.3.1 Sexo

A variável Sexo tem por finalidade, neste estudo, verificar o comportamento de homens e mulheres quanto ao processo de elevação das vogais médias postônicas /e/ e /o/. Seus fatores são:

masculino

feminino

Labov (1972, p.374) relata que as mulheres na fala cuidada são mais sensíveis do que os homens quanto às formas lingüísticas de prestígio. É importante salientar que para Labov a diferença entre o comportamento lingüístico de homens e mulheres correlaciona-se principalmente à postura adotada em sociedade pelos grupos. Segundo o autor, a diferenciação sexual depende de padrões de interação social na vida diária.

Nesse sentido, os autores Chambers, Trudgill e Schilling (2004, p.427) afirmam que essa diferença de comportamento também pode estar associada à ocupação, uma vez que a posição social da mulher é menos segura que a dos homens. As mulheres preocupam-se mais com as formas lingüísticas padronizadas, enquanto os homens mostram-se mais sensíveis a outras inovações. Entretanto, esses autores, assim como Labov (1972), chamam a atenção para a importância do exame de outras variáveis sociais que possam estar influenciando esse comportamento.

Os resultados dos trabalhos analisados (Roveda, 1998; Vieira, 1994; Carniato, 2000 e Mallmann, 2001) não permitem fazer uma generalização quanto ao comportamento lingüístico de homens e mulheres com relação ao alçamento das vogais médias finais e não finais. Considerando que na comunidade em estudo a elevação das vogais médias postônicas possa ser considerada uma variante de prestígio, espera-se que as mulheres pratiquem o alçamento das vogais finais com maior freqüência do que os homens. Com relação às vogais em posição não final, observaremos o comportamento da variável.

4.3.3.2 Idade

A variável idade objetiva analisar as diferenças de comportamento dos indivíduos de acordo com diferentes faixas etárias, contempla assim, os seguintes fatores:

de 15 a 35 anos

de 36 a 57 anos

58 anos ou mais

De acordo com Labov (1983 [1972a], p.216), a comparação da fala de indivíduos com idades diferentes pode revelar diferentes estágios de uma língua. Desse modo, o controle dessa variável possibilita verificar o estado em que se encontra uma variável em determinada comunidade. Assim, dependendo da faixa etária em que a mudança se propaga com maior ou menor intensidade, pode-se indicar se o fenômeno é estável ou está em processo de mudança (cf. seção 3.2).

Há evidências, segundo o autor, de que, em geral, os jovens são mais sensíveis às inovações e mudanças lingüísticas em relação aos mais velhos, já que os últimos tendem a assumir na sociedade uma atitude mais conservadora. A hipótese neste trabalho é a de que os jovens elevam as vogais postônicas finais e não finais com maior freqüência do que os falantes mais velhos. Tal hipótese encontra respaldo também nos estudos de Carniato (2000), Roveda (1998) e Mallmann (2001).

4.3.3.3 Escolaridade

Através do controle dessa variável será possível verificar se o fato de um indivíduo possuir mais ou menos anos de escolarização pode influenciar em seu comportamento lingüístico quanto ao alçamento das vogais em posição átona final e não final. Para este estudo, foram contemplados os fatores:

Ensino Fundamental

Ensino Médio

Ensino Superior

É importante ressaltar que, nesta pesquisa, compõem o fator “ensino fundamental” os informantes que possuem 8ª série completa ou incompleta e o fator “ensino médio”, os informantes com o ensino médio concluído. No fator “ensino superior”, a pesquisa contou com apenas dois informantes.

A escola representa importante papel na fala dos indivíduos, contribuindo para sua adaptação lingüística às formas cultas e padronizadas. É, além disso, o contexto que possibilita interação social e um contato com diferentes culturas. Entretanto, a língua falada na escola muitas vezes distancia-se da língua usada no cotidiano. Votre (2004, p.51) ressalta que:

As formas de expressão socialmente prestigiadas das pessoas consideradas superiores na escala socioeconômica opõem-se aos falares das pessoas que não desfrutam de prestígio social e econômico; ocorrem em contextos mais formais, mais elitizados, entre interlocutores que se transformam em modelos e pontos de referência do bem falar e escrever. As formas socialmente prestigiadas são semente e fruto da literatura oficial, que as transforma em língua padrão.

Ainda de acordo com o autor, são os falantes com maior grau de escolarização que possuem maior conscientização lingüística; por conseguinte, optam pelas variantes de mais prestígio.

Em trabalhos anteriores sobre o tema, essa variável não apresentou resultados seguros que possam ser generalizados. No entanto, considerando o papel desempenhado pela escola, descrito anteriormente, há a hipótese de que os informantes com maior grau de escolaridade elevem em maior índice as vogais postônicas finais e não finais.

4.3.3.4 Tipo de contato com centros urbanos

A finalidade dessa variável é avaliar, com relação à elevação das vogais médias postônicas, se há ou não uma diferença no comportamento lingüístico dos informantes que possuem maior contato com cidades vizinhas e centros urbanos com mais recursos, em relação aos que não têm esse mesmo contato, a partir dos fatores:

contato freqüente

pouco contato

O Tipo de Contato não foi considerado em outros trabalhos sobre a elevação das vogais médias /e/ e /o/ em posição postônica. Porém, como este estudo contempla uma comunidade do interior, na área rural, onde o acesso às cidades vizinhas para algumas pessoas é freqüente e para outras não, acredita-se que tal controle pode ser relevante. Desse modo, como “contato freqüente” foram avaliados os informantes que, por razão de estudo ou trabalho, quase diariamente se deslocam para os centros urbanos vizinhos. Por outro lado, foram identificados como “pouco contato” os indivíduos mais centrados em atividades agrícolas ou domésticas, ou seja, aqueles que costumam ir aos centros urbanos apenas ocasionalmente. Em vista desses aspectos, é que busca-se verificar se existe ou não diferença no comportamento lingüístico dessas pessoas, com uma maior probabilidade de elevação das vogais médias para os informantes que freqüentam os centros urbanos assiduamente.

4.3.3.5 Tipo de Entrevista

A necessidade do controle dessa variável neste estudo é justificada pelo fato de terem sido realizados dois tipos de coleta: entrevista de experiência pessoal e um questionário-direto induzido, sendo este último para a coleta das postônicas não finais.

De acordo com Labov (1983 [1972a], p. 211), o meio utilizado para a coleta de dados pode interferir nos resultados de uma pesquisa. A entrevista pessoal constitui, segundo o autor, um dos métodos mais eficientes e oferece ao pesquisador maior segurança com relação à obtenção do vernáculo. Por outro lado, os métodos de leitura de listas de palavras ou de textos, citados pelo autor, implicam uma fala mais cuidada, em que é possível o informante

prestar mais atenção em sua própria produção (cf. seção 3.2). Para esta pesquisa constituem fatores dessa variável:

entrevista de experiência pessoal
instrumento

Com base nas colocações de Labov, parte-se da hipótese de que o comportamento dos falantes pode apresentar diferenças de acordo com o tipo de instrumento adotado na coleta. Por tal razão, optou-se, para a coleta das vogais em posição não final, a utilização de um método que, mesmo sendo formal, possibilitasse ao informante uma interação lúdica, ou seja, que propiciasse menos controle sobre a sua pronúncia. Assim, quanto a essa variável, objetiva-se observar o comportamento dos falantes.

4.4 Codificação dos dados

A etapa de codificação dos dados é realizada após ter-se preparado um arquivo com todas as ocorrências e possuir em mãos as variáveis com os grupos de fatores a serem considerados. É uma etapa bastante importante na pesquisa e exige que o pesquisador elabore anteriormente um sistema de codificação, atribuindo um símbolo diferente para cada um dos fatores que constituem as variáveis independentes.

O exemplo que segue procura ilustrar a codificação das variáveis de uma ocorrência de elevação da vogal postônica /o/:

Ocorrência	Codificação
bol[u] de	1fobl3drsfamfce

O primeiro símbolo codificado corresponde à variável dependente, identificando a elevação ou a não elevação. No caso deste estudo, o símbolo **1** indica elevação. Na seqüência, estão codificadas as variáveis lingüísticas e sociais; deste modo, em nosso exemplo temos: **f** - postônica final; **o** - postônica /o/; **b** - palavra sem vogal alta; **l** - contexto precedente da vogal; **3** - sílaba sem coda; **d** - contexto seguinte da vogal; **r** - localização da postônica no tema da palavra; **s** - classe gramatical substantivo; **f** - sexo feminino; **a** - idade 15 a 35; **m** -

escolaridade ensino médio; **p** - pouco contato com centros urbanos; **c** - informante nº 3; **e** - entrevista pessoal.

Após a codificação, os dados da presente pesquisa foram submetidos à análise estatística do programa Goldvarb (2003), a ser apresentado na seção 4.5 a seguir.

4.5 Instrumento estatístico

A análise estatística da regra variável referente ao alçamento das vogais médias postônicas finais e não finais foi realizada através do programa Goldvarb (2003) (SANKOFF, 1988), que consiste em uma ferramenta de análise estatística utilizada especialmente para o tratamento estatístico de regras variáveis em estudos sociolingüísticos.

Para a utilização do programa cria-se previamente um arquivo de dados, que pode ser preparado em qualquer editor de textos ou diretamente no aplicativo Goldvarb. Para a criação desse arquivo é necessário que se tenha definido qual é o envelope de variação que se deseja analisar, isto é, a definição da variável dependente e dos grupos de fatores.

Cada ocorrência do fenômeno é convertida em um dado interpretável pelo programa computacional. A partir disso, o aplicativo irá ler todas as ocorrências digitadas e transferir automaticamente essas informações para uma nova janela, onde é possível visualizar e editar todos os grupos e seus respectivos fatores.

O próximo passo consiste na conferência do arquivo gerado. O programa aponta a eventual ocorrência de erros de digitação ou codificação, indicando a linha e a coluna onde encontra-se o erro. O pesquisador deverá efetuar as correções antes de dar prosseguimento.

Após este procedimento, o programa cria automaticamente o arquivo de condições, que consiste em uma lista indicativa dos grupos de fatores controlados. Nesta etapa é possível realizar operações de amalgamação e exclusão de fatores, no caso de ocorrer *knouckout*, isto é, a aplicação categórica da regra (100%) ou sua não aplicação (0%).

A próxima etapa consiste na análise *unidimensional*, feita através da janela *Results*. Tal análise gera o arquivo de células que fornece as porcentagens de aplicação da regra para cada fator das variáveis consideradas.

Realizados esses procedimentos, passa-se para a etapa de análise *multidimensional*, agora contemplando apenas uma das variantes como valor de aplicação da regra. A partir daí, o programa seleciona as variáveis e fatores estatisticamente relevantes para o fenômeno variável em exame, bem como as variáveis e fatores estatisticamente não relevantes.

A análise *multidimensional* é realizada em níveis (LEVELS), organizados de 0 a x , sendo x igual ao número de variáveis independentes selecionadas pelo programa, como estatisticamente relevantes, mais um. Desse modo, obtém-se, no nível 0, o cálculo do *input*, isto é, a probabilidade de aplicação da regra variável quando o efeito de todos os fatores de todas as variáveis é neutro. No nível 1, o programa realiza a escolha do primeiro grupo de fatores significativos através de um teste entre todos os grupos propostos na análise. A variável escolhida é relacionada com as demais, e o programa seleciona outra variável, assim sucessivamente nos demais níveis. Esse processo de seleção das variáveis estatisticamente relevantes é denominado *STEP-UP*. O programa possui ainda uma análise das variáveis estatisticamente não relevantes, feita através do *STEP-DOWN*, que realiza um processo inverso do *STEP-UP*, selecionando de forma regressiva as variáveis menos relevantes.

Para cada fator de cada variável independente, são calculados os pesos relativos que indicam a probabilidade de aplicação da regra. Os valores dos pesos relativos variam entre 0,00 e 1,00, sendo o valor 0,50 considerado o ponto neutro. Acima desse valor o fator será considerado favorável e abaixo, pouco favorável.

Como ferramenta de apoio ao pesquisador, o programa Goldvarb (2003) oferece ainda o recurso *CROSS TABULATION* que, a partir do arquivo de células, realiza um cruzamento entre variáveis independentes. O arquivo gerado permite observar as relações de dependência entre as variáveis consideradas na pesquisa.

Os recursos oferecidos pelo Goldvarb (2003) mostraram-se de grande relevância para a condução dos procedimentos de análise do presente estudo, discutidos na próxima seção.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados e discutidos os resultados estatísticos obtidos pela análise quantitativa do programa Goldvarb 2003, referentes à aplicação da regra de elevação das vogais médias /e/ e /o/ em posição postônica final e postônica não final, na comunidade de Rincão Vermelho-RS. Por essas vogais assumirem, geralmente, um comportamento diferenciado, os resultados obtidos para as vogais em posição final são apresentados separadamente. Desse modo, tem-se: na seção 5.1, a seleção das variáveis; na seção 5.2, a discussão dos resultados para vogal /e/ em posição final; na seção 5.3, a discussão dos resultados para vogal /o/ em posição final; na seção 5.4, a síntese do comportamento das vogais postônicas finais; na seção 5.5, a discussão dos resultados para as vogais médias /e/ e /o/ não finais e, na seção 5.6, a síntese do comportamento das vogais em posição não final.

5.1 Seleção das Variáveis: procedimentos de análise estatística

Foi realizada inicialmente, uma rodada geral para a vogal /e/ e para a vogal /o/ em posição final, separadamente, considerando todas as variáveis propostas. A finalidade era verificar através dos resultados o comportamento das variáveis e os fatores que possibilitariam a realização de amálgamas por apresentarem valores aproximados. Essa rodada serviu de base para a realização das demais.

Conforme esperado, nessa primeira rodada, a análise *unidimensional*, primeiro arquivo gerado pelo programa, apresentou vários casos de *knockout* (fatores com aplicação de 100% ou 0%), impossibilitando com isso a realização da análise *multidimensional* que forneceria os pesos relativos. Desse modo, tomando como base os valores de porcentagens obtidos, decidiu-se amalgamar as consoantes das variáveis Contexto Precedente e Contexto Seguinte de acordo com os traços⁵: coronal [+anterior], coronal [-anterior], labial e dorsal. Optou-se também por realizar amálgama na variável Tipo de Sílabas, em razão dos fatores coda [j] e coda /l/ conterem na amostra poucos dados e, com isso, terem gerado também casos de

⁵ Na proposta de Clements e Hume (1995), as consoantes e as vogais podem ser identificadas através do mesmo conjunto de traços. Nesses traços estão incluídos os da cavidade oral, isto é, labial, coronal, dorsal e os da cavidade faríngea, radical. A diferença entre vogais e consoantes está no nível que esses traços ocupam na estrutura arbórea que caracteriza a estrutura interna dos segmentos.

knockout. Assim, nesse arquivo, foram agrupados coda /S/ com coda [j] e coda /l/, deixando as nasais separadas.

Realizou-se, então, uma segunda rodada para a vogal /e/ em posição final e uma segunda rodada para a vogal /o/ em posição final, considerando dez das quinze variáveis propostas inicialmente, a saber: Contexto Vocálico da Tônica, Contexto Precedente, Tipo de Sílabas, Contexto Seguinte, Localização da Postônica, Classe Gramatical, Sexo, Idade, Escolaridade e Tipo de Contato com Centros Urbanos. Não consideramos, nessa rodada, as variáveis Tipo de Postônica, Tipo de Vogal e Tipo de Entrevista, por apresentarem neste arquivo apenas um fator, o que impossibilitaria o andamento dos procedimentos da análise estatística. Optou-se também por retirar do arquivo de condições as variáveis Informante e Tipo de Item Lexical, por serem variáveis que, ao interagirem com as demais, causariam uma sobreposição de valores.⁶

Das variáveis propostas nesse primeiro momento, o programa selecionou para a vogal /e/ no nível *step – up*, por ordem de relevância, as seguintes:

- Contexto Precedente;
- Contexto Vocálico da Tônica;
- Classe Gramatical;
- Tipo de Sílabas;
- Escolaridade;
- Contexto Seguinte;
- Sexo.

As variáveis Tipo de Contato, Localização da Postônica e Idade foram consideradas, através da análise regressiva do *step-down*, como estaticamente não-relevantes.

Para a vogal /o/ foram selecionadas no nível *step up*, por ordem de relevância, as variáveis:

- Contexto Vocálico da Tônica
- Escolaridade

⁶ Com base em Guy (1998, p. 33), pode-se dizer que a combinação dessas variáveis com as demais ocasionaria uma situação de identidade completa que envolve uma relação um-a-um em ambas as direções. Assim, a variável Informante, ao ser cruzada com a variável Sexo, por exemplo, apresentaria uma combinação impossível, em que metade das células ficariam vazias, pois obviamente cada informante só pode ser classificado em um sexo. Desse modo, de acordo com o autor, quando há identidade completa entre dois grupos inteiros, elimina-se da análise um dos grupos de fatores.

- Tipo de Sílabas
- Contexto Precedente
- Tipo de Contato
- Classe Gramatical
- Localização da Postônica
- Contexto Seguinte
- Sexo

Apenas a variável Idade foi selecionada no nível *step-down* como estatisticamente não relevante.

Realizada essa segunda rodada com as vogais /e/ e /o/, observaram-se casos de *No Convergence* em vários níveis do *step-up*. Tal fato gerou suspeitas sobre a possível pouca ortogonalidade entre as variáveis propostas, já que a convergência deve ser alcançada antes da vigésima primeira iteração (Brescancini, 2002, p. 37).

De acordo com Guy (1998, p.29), os grupos de fatores devem ser ortogonais ou quase ortogonais, ou seja, o ideal é que todas as células estejam preenchidas e os fatores co-ocorram livremente, não sendo subcategorias ou supercategorias uns dos outros. Em síntese, para que o programa de análise estatística opere adequadamente, não deve haver restrições quanto às combinações entre os grupos de fatores.

Uma das formas de investigar possíveis relações de pouca ortogonalidade é a realização de cruzamentos entre as variáveis. Foi esse um dos procedimentos adotados na pesquisa. Com a finalidade de constatar quais variáveis apresentavam boa relação de ortogonalidade e quais mostrariam problemas de combinação entre seus fatores, foram realizados, com o auxílio da operação *Cross Tabulation* do programa Goldvarb (2003), cruzamentos entre as variáveis lingüísticas e entre as variáveis sociais, mais precisamente entre aquelas que, por hipótese, seriam pouco ortogonais. A decisão, de não se realizarem cruzamentos entre variáveis lingüísticas e variáveis sociais, apóia-se na suposta independência entre grupos de fatores lingüísticos e sociais mencionada por Sankoff (1988). Os cruzamentos realizados e a relação constatada em cada um deles estão representados no Quadro 03 a seguir:

Quadro 03 – Elevação das vogais postônicas médias finais: análise da ortogonalidade entre as variáveis independentes

Tipo de Cruzamento	Boa distribuição	Pouca ortogonalidade ou não ortogonalidade
Cruzamentos entre variáveis lingüísticas vogal /e/ final		
Contexto precedente X Contexto vocálico da tônica		X
Contexto precedente X Classe gramatical		X
Contexto precedente X Tipo de sílaba		X
Contexto seguinte X Contexto precedente	X	
Contexto seguinte X Contexto vocálico da tônica	X	
Contexto seguinte X Tipo de sílaba		X
Classe gramatical X Tipo de sílaba	X	
Classe gramatical X Contexto vocálico da tônica	X	
Cruzamentos entre variáveis sociais vogal /e/ final		
Sexo X Escolaridade	X	
Sexo X Idade	X	
Sexo X Tipo de contato com centros urbanos	X	
Idade X Escolaridade		X
Idade X Tipo de contato com centros urbanos		X
Escolaridade X Tipo de contato com centros urbanos		X
Cruzamentos entre variáveis lingüísticas vogal /o/ final		
Contexto precedente X Contexto vocálico da tônica	X	
Contexto precedente X Localização da postônica	X	
Contexto precedente X Classe gramatical		X
Contexto precedente X Contexto seguinte	X	
Contexto seguinte X Contexto vocálico da tônica	X	
Contexto seguinte X Tipo de sílaba		X
Contexto seguinte X Classe gramatical	X	
Classe gramatical X Contexto vocálico da tônica	X	
Classe gramatical X Tipo de sílaba	X	
Cruzamentos entre variáveis sociais vogal /o/ final		
Escolaridade X Tipo de contato com centros urbanos		X
Escolaridade X Idade		X
Idade X Tipo de contato		X
Sexo X Tipo de contato	X	
Sexo X Escolaridade	X	
Sexo X Idade	X	

É possível observar, no Quadro 03 anterior, que há problemas de pouca ortogonalidade entre algumas variáveis e seus grupos de fatores, existindo, portanto, a possibilidade de que os casos de *No convergence*, contatados na rodada realizada, estejam relacionados à situação pouco ortogonal verificada na iteração entre as variáveis da pesquisa.

Como neste estudo as rodadas referentes às vogais /e/ e /o/ em posição final foram realizadas separadamente, os problemas de iteração entre as variáveis não foram exatamente os mesmos. No que se refere à vogal média /e/, em posição final (cf. Quadro 03), observa-se que há pouca ortogonalidade envolvendo as variáveis lingüísticas Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Contexto Vocálico da Tônica, Classe Gramatical e Tipo de Sílabas. O Quadro 04 a seguir mostra os resultados obtidos nos cruzamentos realizados entre essas variáveis, comprovando a pouca ortogonalidade existente.

Quadro 04 – Elevação da vogal postônica final /e/: relação de ortogonalidade entre variáveis lingüísticas

		Contexto Precedente					
Contexto vocálico da tônica	Coronal [+anterior]	Labial	Coronal [-anterior]	[+ soante, - consonantal]	Dorsal	Total	
Sem vogal alta	2920	124	316	52	81	3493	
Com vogal alta	179	122	61	0	28	390	
Total	3099	246	377	52	109	3883	
Significância: 0.000							
		Contexto Precedente					
Classe gramatical	Coronal [+anterior]	Labiais	Coronal [-anterior]	[+ soante, - consonantal]	Dorsal	Total	
Substantivo	1927	165	107	52	102	2353	
Advérbio em mente	207	0	2	0	0	209	
Advérbio	364	16	194	0	0	574	
Adjetivo	250	8	6	0	1	265	
Verbo	194	30	19	0	6	249	
Numeral	157	27	49	0	0	233	
Total	3099	246	377	52	109	3883	
Significância: 0.000							
		Contexto Precedente					
Tipo de sílaba	Coronal [+anterior]	Labiais	Coronal [-anterior]	[+ soante, - consonantal]	Dorsal	Total	
Sem coda /Apagamento de coda	2851	213	345	47	105	3561	
Coda /S/; Coda /l/ e coda [j]	246	27	19	5	4	301	
Coda /N/	2	6	13	0	0	21	
Total	3099	246	377	52	109	3883	
Significância: 0.000							
		Contexto Seguinte					
Tipo de sílaba	Pausa	Coronal [+anterior]	Coronal [-anterior]	Dorsal	Vogais	Labial	Total
Sem coda / Apagamento de coda	895	1178	154	306	549	480	3562
Coda /S/; Coda /l/ e Coda [j]	0	287	0	0	11	0	298
Coda /N/	0	0	0	0	23	0	23
Total	895	1462	154	312	579	480	3883
Significância: 0.000							

Conforme observa-se no Quadro 04 anterior, nos quatro cruzamentos realizados pode-se constatar que não há uma distribuição equilibrada dos dados, visto que existem células com maior concentração de ocorrências e células com nenhuma ou poucas ocorrências, indicando que os fatores dessas variáveis não co-ocorrem livremente.

Quanto às variáveis Contexto Precedente e Contexto Vocálico da Tônica, percebe-se que o fator responsável pela pouca ortogonalidade é principalmente o [+ soante, -consonantal] com vogal alta, o que acontece devido a todas as ocorrências com contexto precedente vogal, na amostra, estarem concentradas no fator sem vogal alta, por exemplo *série e cárie*. Observa-se também no cruzamento dessas variáveis a ocorrência de poucos dados no fator *dorsal* com vogal alta em exemplos como *piquenique e figo*.

Verifica-se em relação às variáveis Contexto Precedente e Classe Gramatical, que há concentração de dados no fator *advérbio* em *-mente (dificilmente, infelizmente)* com coronal [+ anterior] e nenhuma ocorrência de advérbio em *mente* com os fatores labial, [+ soante, -consonantal] e dorsal, o que foneticamente é explicado, pois esses advérbios possuem como contexto precedente ou uma coronal [+anterior] ou uma coronal [- anterior], não havendo contexto para o preenchimento das demais células. Nota-se ainda que há presença de células vazias no contexto precedente [+ soante, - consonantal] com as classes de advérbio, adjetivo, verbo e numeral, o que se explica pelo fato de as ocorrências de contexto precedente [+ soante, - consonantal], neste estudo, serem restritas à classe de substantivos.

Há também, configurando pouca ortogonalidade entre as variáveis Contexto Precedente e Classe Gramatical, a não ocorrência de dados nos fatores dorsal com advérbio e dorsal com numeral, o que se deve ao fato de que, na amostra, os dados com contexto precedente dorsal são em grande parte substantivos, havendo apenas uma ocorrência com adjetivo, no caso *chique* e seis ocorrências com verbo.

Entre a variável Contexto Precedente e a variável Tipo de Sílabas, observa-se no Quadro 04 anterior que não há ocorrências de coda /N/ nos fatores contexto precedente [+ soante, -consonantal] e dorsal. Nota-se ainda que há apenas dois dados com coda /N/ e contexto precedente coronal [+anterior], no caso as formas *brincassem e embrabecem*. Tais situações justificam-se pela ocorrência de poucos dados com coda /N/ na presente amostra.

No que se refere à variável Contexto Seguinte e à variável Tipo de Sílabas, a pouca ortogonalidade é decorrente da concentração de dados existente no fator apagamento de coda ou sem coda com os fatores da variável Contexto Seguinte. Observa-se ainda que não há dados com coda /N/ nos fatores dorsal, coronal [+anterior], labial e coronal [- anterior], o que se justifica pela ocorrência de poucos dados com coda /N/ na amostra.

Há também, configurando pouca ortogonalidade entre essas variáveis, a não existência de dados com coda /S/, coda /l/ e coda [j] nos fatores dorsal, coronal [-anterior], pausa e labial da variável Contexto Seguinte. A existência de dados no fator coda /S/, coda /l / e coda [j] somente em contexto precedente coronal [+ anterior] pode ser explicada pela forma como foram constituídos no estudo os fatores das variáveis Tipo de Sílabas e Contexto Seguinte. Considerou-se como Tipo de Sílabas a realização fonológica, por exemplo, com coda /S/ - *ante/s/*. No contexto seguinte, considerou-se a realização fonética dessa coda, no caso [s] ou [z], dependendo do vozeamento do contexto seguinte.

Com relação às variáveis sociais, referentes à /e/ em posição final, pela análise do Quadro 03 mencionado anteriormente, a percepção é a de que há problemas de iteração entre as variáveis Idade, Escolaridade e Tipo de Contato com Centros Urbanos. O Quadro 05 a seguir apresenta os resultados obtidos nos cruzamentos realizados entre essas variáveis.

Quadro 05 – Elevação da vogal postônica final /e/: relação de ortogonalidade entre variáveis sociais (extralingüísticas)

	Idade			
Escolaridade	15 a 35 anos	36 a 57 anos	58 ou mais	Total
Ensino Fundamental	620	515	475	
Ensino Médio	416	653	549	
Ensino Superior	655	0	0	
Total	1691	1168	1024	3883
Significância 0.000				
	Idade			
Tipo de contato com centros urbanos	15 a 35 anos	36 a 57 anos	58 ou mais	Total
Pouco contato	828	515	1024	2367
Contato Freqüente	863	653	0	1516
Total	1691	1168	1024	3883
Significância 0.000				
	Escolaridade			
Tipo de contato com centros urbanos	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	Total
Pouco contato	1610	757	0	2367
Contato Freqüente	0	861	655	1516
Total	1610	1618	655	3883
Significância 0.000				

Os resultados dos cruzamentos apresentados no Quadro 05 anterior confirmam que há pouca ortogonalidade entre as variáveis sociais Escolaridade e Idade. Tal situação já era esperada na pesquisa, em razão do não preenchimento de todas as células no fator Ensino Superior (cf seção 4.4.3), devido à participação de apenas dois informantes, com idade entre 15 e 35 anos.

Outro problema de iteração entre variáveis sociais, também esperado, envolve as variáveis Tipo de Contato com Centros Urbanos e Idade; Tipo de Contato e Escolaridade. Já na etapa de codificação dos dados, havia a suspeita de que a variável Tipo de Contato não apresentaria uma boa relação ortogonal com as demais variáveis, visto que as próprias características dos informantes deixam margens para uma distribuição dos dados não

equilibrada. O Quadro 05 anterior permite confirmar essa hipótese. No cruzamento com a variável Idade, percebeu-se que não há nenhum informante com idade igual ou acima de 58 anos que tenha uma situação de contato freqüente com centros urbanos. Há uma razão social, característica da própria comunidade, para tal situação: o acesso aos centros urbanos geralmente acontece em virtude de trabalho e estudo, interesse mais comum aos jovens, pois as pessoas de meia idade ou mais idosas, na maioria das vezes, ocupam-se com atividades domésticas e eventualmente deslocam-se até as cidades vizinhas.

No cruzamento Tipo de Contato e Escolaridade, verificou-se que não há nenhum informante com Ensino Superior que tenha pouco contato com centros urbanos. Algo também previsível, pois como a comunidade possui escola apenas de nível fundamental, a realização de Ensino Superior requer deslocamento aos centros urbanos.

Com relação à vogal média /o/, em posição final, observou-se, conforme pode ser visualizado no Quadro 03 mencionado, pouca ortogonalidade em relação às variáveis lingüísticas Contexto Precedente, Classe Gramatical, Contexto Seguinte e Tipo de Sílabas. O Quadro 06 a seguir apresenta os resultados dos cruzamentos realizados entre essas variáveis.

Quadro 06 – Elevação da vogal postônica final /o/ : relação de ortogonalidade entre variáveis lingüísticas

	Contexto Precedente						
Classe gramatical	Coronal [+anterior]	Labial	[+ soante, -consonantal]	Coronal [-anterior]	Dorsal	Total	
Verbo	891	291	0	192	13	1387	
Substantivo	1868	276	255	466	377	3242	
Adjetivo	408	68	13	59	40	588	
Advérbio	356	11	0	53	46	466	
Numeral	208	0	0	0	60	268	
Total	3731	646	268	770	536	5951	
Significância: 0.016							
	Contexto Seguinte						
Tipo de sílaba	Coronal [+anterior]	Dorsal	Labial	Vogal	Pausa	Coronal [-anterior]	Total
Sem coda / Apagamento de coda	1810	524	818	807	1324	169	5452
Coda /S/ Coda /l/	497	0	0	2	0	0	499
Total	2307	524	818	809	1324	169	5951
Significância: 0.016							

Pode-se constatar no Quadro 06 anterior que há maior concentração de dados em algumas células enquanto outras não contêm nenhuma ou poucas ocorrências. No cruzamento entre Contexto Precedente e Classe gramatical, verificou-se que o fator numeral não possui nenhum dado com contexto precedente labial, vogal e coronal [-anterior]. A justificativa é que os dados com numeral na amostra são bem menores em relação às demais classes. Quanto à variável Contexto Precedente, verificou-se que o fator [+ soante, - consonantal] é o que mais contém células não preenchidas, mesma situação observada na análise da vogal média /e/ (cf. Quadro 04), decorrente do pouco número de dados com esse contexto. Observou-se ainda, no fator advérbio com contexto precedente labial, que há apenas 11 ocorrências. A maior concentração de dados dos advérbios situa-se no fator contexto precedente coronal [+ anterior].

No cruzamento realizado entre Contexto Seguinte e Tipo de Sílabas, os problemas de pouca ortogonalidade referem-se aos fatores dorsal, labial, pausa e coronal [-anterior] da variável Contexto Seguinte, que não contém nenhuma ocorrência com coda /S/ e coda /l/ e apenas duas ocorrências com contexto seguinte vogal, no caso a pronúncia [*awkowaki*] para *álcool aqui*. Conforme constatado anteriormente para a vogal média /e/, a ocorrência de dados com coda /l/ e coda /S/ apenas no fator coronal [+anterior] é explicada pela razão de ter sido considerada, na variável Tipo de Sílabas, a realização fonológica e, na variável Contexto Seguinte, a realização fonética dessa coda.

Quanto às variáveis sociais referentes à /o/ em posição final, pôde-se verificar (cf. Quadro 03) que os problemas de iteração entre variáveis são os mesmos problemas constatados para a vogal média /e/ em posição final, envolvendo as variáveis Idade, Escolaridade e Tipo de contato com centros urbanos.

A análise da ortogonalidade entre as variáveis consideradas embasou a decisão pela realização de mais de uma rodada por vogal considerada para que todas as variáveis pudessem ser contempladas no trabalho. Desse modo, foi realizada uma segunda rodada para /e/ e uma segunda rodada para /o/ em posição final, retirando do arquivo de condições as variáveis Tipo de Contato com Centros Urbanos e Escolaridade por terem apresentado pouca ortogonalidade na iteração com a variável Idade (cf. Quadro 05).

Além disso, foi desconsiderado do arquivo de condições, de ambas as vogais, o fator [+ soante, -consonantal] da variável Contexto Precedente e amalgamados os fatores coronal [-

anterior] e dorsal da variável Contexto Seguinte para a vogal /e/ e das variáveis Contexto Precedente e Contexto Seguinte para a vogal /o/, em razão desses fatores terem apresentado problemas de pouca ortogonalidade em decorrência do pequeno número de dados na amostra.

Desse modo, na última rodada realizada para /e/ em posição final, foram consideradas as variáveis: Contexto Vocálico da Tônica, Contexto Precedente, Tipo de Sílabas, Contexto Seguinte, Localização da Postônica, Sexo e Idade. Dessas, o programa selecionou, no nível *step-up* por ordem de relevância, as seguintes:

- Contexto Precedente;
- Contexto Vocálico da Tônica;
- Tipo de Sílabas;
- Contexto Seguinte;
- Sexo;
- Localização da Postônica.

O nível *step-down* selecionou apenas a variável Idade, comprovando com isso que a idade dos informantes não assume um papel relevante para o alçamento da vogal /e/ em posição final.

No arquivo referente à vogal /o/ em posição final, foram consideradas as variáveis: Contexto Vocálico da Tônica, Contexto Precedente, Tipo de Sílabas, Contexto Seguinte, Localização da Postônica, Classe Gramatical, Sexo e Idade. Todas foram selecionadas no nível *step up*.

Com relação às vogais /e/ e /o/ em posição não final, seguindo os mesmos procedimentos adotados para a posição final, realizou-se uma rodada geral em que foram consideradas todas as variáveis propostas e seus grupos de fatores. No entanto, em razão de um número de dados insuficiente para uma análise separada de cada vogal, a opção foi considerar as duas vogais médias em um mesmo arquivo de dados.

Nessa primeira rodada, por motivo da constatação de *knockout* em alguns fatores, conseguiu-se alcançar apenas os valores em porcentagens fornecidos pela análise *unidimensional*. Desse modo, antes de realizar uma próxima rodada, decidiu-se amalgamar, de acordo com os mesmos traços sugeridos para a posição final, as consoantes da variável Contexto Precedente e da variável Contexto Seguinte. Assim, a variável Contexto Precedente

passou a contar com os fatores: labial, coronal [+ anterior] e dorsal amalgamado com coronal [-anterior]. Na variável Contexto Seguinte, em razão de não haver dados com coronal [-anterior] nesse contexto, os fatores dessa variável foram: dorsal, coronal [+anterior] e labial.

Para a segunda rodada das vogais médias em posição não final, foram consideradas então as variáveis: Tipo de Vogal, Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Contexto Vocálico da Tônica, Localização da Postônica, Tipo de Entrevista, Sexo, Escolaridade, Idade e Tipo de Contato com Centros Urbanos. Foram retiradas do arquivo de condições as variáveis: Tipo de Postônica e Tipo de Sílaba, por apresentarem nesse arquivo apenas um fator, e a variável Classe Gramatical, por possuir na amostra maior concentração dos dados no fator substantivo, gerando com isso uma situação pouco ortogonal com as demais variáveis. Retiraram-se ainda as variáveis Informante e Tipo de Item Lexical, pelo mesmo motivo da sobreposição de valores discutido anteriormente para as vogais em posição final.

As variáveis selecionadas no nível *step-up* como estatisticamente relevantes foram:

- Tipo de Vogal
- Contexto Precedente
- Contexto Seguinte
- Contexto Vocálico da Tônica
- Tipo de Entrevista
- Localização da Postônica
- Sexo

A análise regressiva do *step-down* selecionou as variáveis:

- Escolaridade
- Idade
- Tipo de Contato com Centros Urbanos

Após a análise de todas as rodadas, procedeu-se à discussão dos resultados obtidos, apresentada na seção 5.2 a seguir.

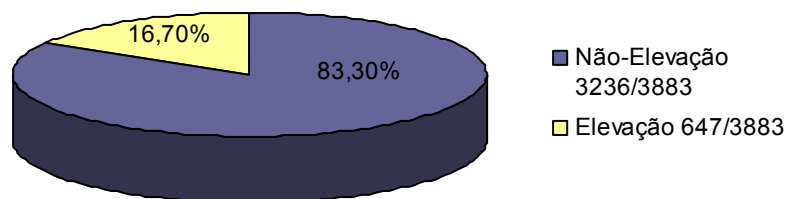
5.2 Discussão dos resultados para a vogal /e/ em posição postônica final

São mostrados aqui os resultados obtidos pela análise *multidimensional* realizada pelo Goldvarb 2003, apontando as variáveis lingüísticas e extralingüísticas consideradas relevantes para a vogal /e/ em posição final. Os resultados foram extraídos do grupo de iteração com significância mais próxima a 0,000. A apresentação das variáveis segue a da frequência global e está organizada na seguinte ordem: Contexto Precedente, Contexto Vocálico da Tônica, Tipo de Sílabas, Contexto Seguinte, Localização da Postônica, Classe Gramatical, Sexo e Escolaridade.

5.2.1 Frequência global

A aplicação da regra de alçamento da vogal média /e/ em posição final é apresentada no Gráfico 1 a seguir. A análise do Gráfico permite constatar que a comunidade em estudo mostra uma tendência para a preservação da vogal média /e/ na posição postônica final. Do total de 3 883 contextos coletados para a vogal nessa posição, apenas em 16,7% constata-se o alçamento, enquanto que em 83,3% ocorre a preservação da vogal em posição final.

**Gráfico 1 -Elevação da vogal postônica final /e/:
frequência global**



Esse resultado confirma a hipótese inicial de que, na referida comunidade, a postônica final /e/ apresentaria um baixo índice de elevação, resultado também constatado nos trabalhos de Schmitt (1987), Carniato (2000), Mallmann (2001) e Vieira (1994, 2002), mais

precisamente nos dados das regiões de fronteira, de colonização italiana e de colonização alemã.

Desse modo, pode-se apontar que os resultados observados estão em conformidade com as características da comunidade em estudo. Além de ser uma região de fronteira, é uma localidade em que a maioria dos seus moradores são descendentes de italianos e alemães, grupos que, de acordo com Schimitt (1987) e Vieira (1994), apresentam baixos índices de aplicação da regra de elevação da vogal média /e/ final.

Os resultados para as variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes ao alçamento da vogal média /e/ são apresentados na seção 5.2.2 a seguir.

5.2.2 Variáveis Lingüísticas

5.2.2.1 Contexto Precedente

A Tabela 1 a seguir mostra os resultados obtidos para a variável Contexto Precedente, revelando que os contextos com coronal [-anterior] e dorsal são, com peso relativo de 0,88 e 0,87, respectivamente, os que mais favorecem a aplicação da regra de alçamento da vogal média /e/ final. Na seqüência, com peso relativo 0,65, encontra-se o fator labial que também se mostra favorável à elevação da vogal. Por outro lado, o fator coronal [+ anterior], que apresenta peso relativo de 0,41, abaixo do ponto neutro, mostra não favorecer o alçamento.⁷

⁷ Conforme já descrito (cf 5.1.2), na análise da variável Contexto Precedente desconsideramos o fator vogal por apresentar poucos dados, resultando em não convergência. Na primeira rodada em que foi considerado, esse fator mostrou um peso relativo de 0,91, indicando ser favorável ao alçamento. No entanto, considerando que o número de dados foi de apenas 50 ocorrências, não há como considerar esse resultado relevante.

Tabela 1 – Elevação da vogal postônica final /e/ e Contexto Precedente

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Coronal [- anterior] (<i>peixe, reportagem</i>)	206/377	54,6%	0,88
Dorsal (<i>piquenique, estilingue</i>)	56/109	51,4%	0,87
Labial (<i>equipe, time</i>)	109/246	44,3%	0,65
Coronal [+anterior] (<i>comunidade; carne</i>)	257/3099	8,3%	0,41
Total	647/3883	16,7%	

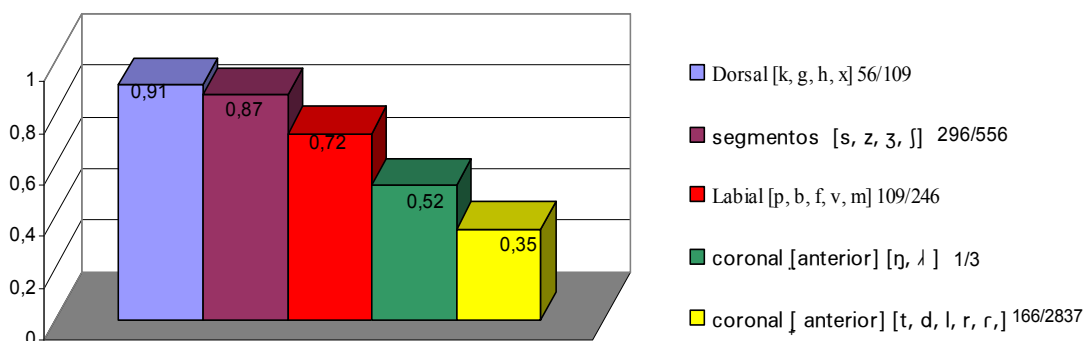
Input: 0.088

Significância: 0.000

A hipótese inicial, com base nos estudos de Schimitt (1987), Vieira (1994, 2002), Roveda (1998) e Carniato (2000), era a de que se apresentariam mais favoráveis ao processo de alçamento da vogal média /e/ final os contextos [s, z, ʃ, ʒ].

É necessário considerar que, para a análise, as consoantes foram amalgamadas de acordo com os traços labial, coronal e dorsal, conforme pode ser verificado na Tabela 1 anterior. Dessa forma, antes de fazer uma comparação segura entre os resultados, foi preciso considerar o comportamento desses segmentos [s, z, ʃ, ʒ] conjuntamente. Por essa razão, realizou-se uma nova rodada, buscando verificar o verdadeiro papel desses segmentos em relação ao comportamento de /e/ em posição final. Os resultados para a variável Contexto Precedente dessa rodada podem ser visualizados no Gráfico 2 a seguir.

Gráfico 2 - Elevação da vogal postônica final /e/: Contexto Precedente



Os resultados do Gráfico 2 revelam que os contextos mais favoráveis ao alçamento da vogal média /e/ em posição final são as dorsais, com peso relativo de 0,91 e os segmentos [s, z, ʃ, ʒ], com peso relativo de 0,87. Apresentou-se também favorável à elevação o fator labial, com peso relativo de 0,72. O fator coronal [-anterior], com peso relativo de 0,52, figura como neutro e o fator coronal [+anterior] apresenta-se como não favorável ao alçamento, com 0,35 de peso relativo. É importante ressaltar que no fator coronal [-anterior] nessa rodada foram considerados apenas os segmentos [ŋ, ɲ], obtendo-se, em razão disso, apenas três ocorrências para esse contexto.

A partir desses resultados, pode-se constatar que a hipótese de favorecimento dos segmentos [s, z, ʃ, ʒ] é em parte confirmada, pois depois das dorsais esse é o contexto que mais condiciona o alçamento da vogal /e/ final.

Considerando um ambiente fonético propício para a elevação, não é surpreendente o fato de as dorsais e as coronais [-anterior], em contexto precedente, serem favoráveis ao processo de elevação da vogal média /e/. Como já foi apontado por Mallmann (2001, p.68), as consoantes identificadas por esses traços são caracterizadas por uma articulação alta, o que as assemelha articulatoriamente às vogais altas, cuja emissão também envolve o levantamento da língua.⁸

⁸ Neste estudo, o número de ocorrências com [tʃ, dʒ], africadas palatais, é relativamente pequeno e pode-se dizer que isso está relacionado às características da comunidade. A tendência dos falantes da fronteira, como já foi apontado por Schimitt (1987), Carniato (2000) e Vieira (1994, 2002), é preservar a postônica /e/ final. Dessa forma, como a regra de alçamento dessa vogal é pouco produtiva, conseqüentemente não há contexto para aplicar a regra de palatalização em palavras como *gente*, *idade*, *diferente*, que de outra forma seriam pronunciadas como [ʃentʃi, i'dadʒi, dʒife'ʁetʃi], com elevação da vogal /e/ e contexto precedente coronal [-anterior].

Com relação às consoantes labiais, não era esperado que fossem condicionadoras do processo de elevação da vogal média /e/. De acordo com Bisol (1981, p. 95), as labiais mostram-se na maioria das vezes como fator não atuante na elevação de /e/. Sua ação positiva diz respeito à elevação de /o/, vogal que está, segundo a autora, aparentada pelo traço de labialidade.

A hipótese é que o favorecimento apontado para as labiais no presente estudo está relacionado a outros fatores estruturais. Assim, recorreu-se ao arquivo de dados, observando as ocorrências com contexto precedente labial, tais como: *time*, *equipe*, *vime*, *clube* (os mais recorrentes). Esses vocábulos, na maioria das vezes, foram pronunciados com elevação da vogal final. Na palavra *equipe*, por exemplo, das 32 ocorrências obtidas, 29 foram produzidas com alçamento de /e/. Tais exemplos levam a postular que o favorecimento demonstrado pelo contexto labial está relacionado com a influência da vogal alta presente na sílaba tônica de algumas palavras, medida pela variável lingüística Contexto Vocálico da Tônica, cujos resultados são apresentados a seguir.

5.2.2.2 Contexto Vocálico da Tônica

Conforme pode-se verificar na Tabela 2 a seguir, os resultados obtidos para essa variável mostram que a existência de uma vogal alta na sílaba tônica da palavra contribui de forma significativa para o alçamento da postônica /e/. O peso relativo de 0,93 indica que grande parte das palavras que continham vogal alta sofreram a regra de elevação. Já os dados sem vogal alta mostraram um peso relativo de 0,43, abaixo do ponto neutro, portanto, não favorecendo o alçamento.

Tabela 2 - Elevação da vogal postônica final /e/ e Contexto Vocálico da Tônica

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Com vogal alta (<i>quinze</i> , <i>clube</i>)	252/390	64,6%	0,93
Sem vogal alta (<i>alegre</i> , <i>idade</i>)	395/3493	11,3%	0,43
Total	647/3883	16,7%	

Input: 0.088

Significância: 0.000

O alto índice de elevação apresentado para o fator *com vogal alta* permite constatar que a vogal tônica alta presente na sílaba de palavras como *filme*, *quinze*, *time*, por exemplo, influencia o comportamento da vogal postônica final.

Vieira (1994, 2002) já havia constatado em seus resultados que a presença de uma vogal alta na palavra possui um papel relevante no alçamento das postônicas, principalmente em regiões que mostram uma baixa aplicação da regra de alçamento de /e/, como é o caso das comunidades de fronteira e de colonização italiana e alemã. De acordo com a autora, esse comportamento pode acontecer por um processo de assimilação progressiva.

No presente estudo foram delimitados apenas contextos com vogal alta na tônica. O objetivo dessa delimitação foi verificar se o processo de assimilação progressiva, postulado por Vieira (2002), estaria relacionado mais especificamente com a sílaba tônica da palavra ou apenas com a presença da vogal alta, independentemente de sua tonicidade.

A hipótese de um processo de assimilação progressiva postulado por Vieira (2002) tomou como base os estudos realizados sobre harmonia vocálica no português (Bisol, 1981; Vieira, 1983, Silva 1989; Callou, Leite e Coutinho, 1991; Schwindt, 1995) que apontam, em conformidade, que a vogal alta da sílaba seguinte de uma palavra empresta, variavelmente, sua articulação alta à vogal média da sílaba imediatamente precedente, em formas como *m[i]nino* e *p[i]pino*.

Os resultados desta pesquisa permitem reforçar a hipótese de um processo de assimilação progressiva da postônica, tal como postulado por Vieira (2002). Entretanto, como foram consideradas apenas vogais altas tônicas, o comportamento favorável apontado pelo fator *com vogal alta* permite postular que no caso das vogais postônicas o que acontece, variavelmente, é o espraiamento do traço de altura da vogal tônica para as vogais médias átonas postônicas, em formas como *equipe* e *quinze*, por exemplo.

Com a finalidade de reforçar tal hipótese, recorreu-se ao arquivo de dados com postônica /e/ e observou-se o comportamento das vogais médias em ambas as formas, buscando exemplos de vocábulos com vogal alta na tônica e vocábulos sem presença de vogal alta em sílaba tônica. Os exemplos estão relacionados no Quadro 7 a seguir.

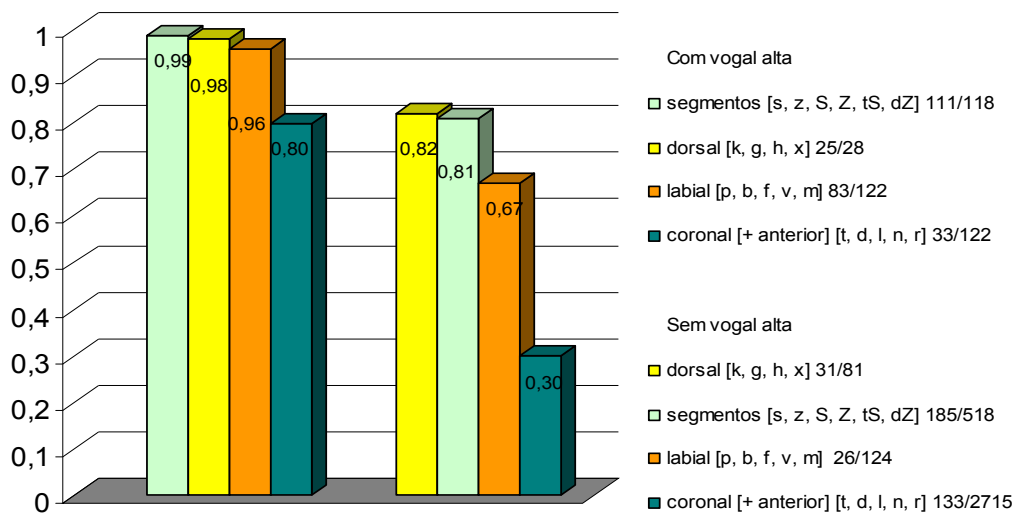
**Quadro 7- Elevação da vogal postônica final /e/:
ocorrências com presença de vogal alta na palavra**

Com vogal alta na sílaba tônica			Sem vogal alta na sílaba tônica		
Vocábulo	Aplicação/total	Porcentagem	Vocábulo	Aplicação/total	Porcentagem
<i>vinte</i>	44/46	95,7%	<i>idade</i>	2/61	3,3%
<i>quinze</i>	59/61	96,7%	<i>cidade</i>	1/62	1,6%
<i>equipe</i>	29/32	90,6%	<i>leite</i>	6/64	11,8%

Observa-se no Quadro 7 anterior, que se mostraram mais suscetíveis à elevação os vocábulos com vogal alta na sílaba tônica, cujas ocorrências em grande parte foram produzidas com alçamento. Nas palavras sem vogal alta na tônica o índice de aplicação foi relativamente baixo. Tais casos reforçam a constatação de que a vogal alta influencia fortemente o comportamento das vogais postônicas.

Na discussão anterior referente aos resultados da variável Contexto Precedente, foi levantada a hipótese de que o favorecimento apontado pelo contexto precedente das labiais estaria relacionado a alguns itens específicos com vogal alta na tônica, em exemplos como *time* e *equipe*. Com a finalidade de comprovar tal hipótese, realizou-se um cruzamento entre as variáveis Contexto Precedente e Contexto Vocálico da Tônica, o qual está representado no Gráfico 3 a seguir.

Gráfico 3 – Elevação da vogal postônica final /e/: Contexto Precedente e Contexto Vocálico da Tônica



A análise do gráfico anterior permite comprovar que os contextos precedentes com vogal alta na sílaba tônica apresentam maior índice de alçamento. Os fatores *segmentos* [s, z, ʃ, ʒ, dʒ, tʃ] e *dorsal* com vogal alta possuem, com peso relativo de 0,99 e 0,98, respectivamente, uma aplicação quase categórica de elevação da vogal /e/ nesse contexto, demonstrando com isso que, em formas como *piquenique* e *quinze*, a vogal média /e/ é produzida quase sempre com alçamento. O fator *coronal* [+ anterior] com vogal alta apresenta peso relativo de 0,80, configurando como favorável ao alçamento.

As consoantes labiais com vogal alta apresentaram também alto índice de alçamento, 0,96 de peso relativo. É importante salientar que foi o favorecimento apresentado pelas labiais em contexto precedente que motivou a realização desse cruzamento. A hipótese era a de que o contexto vocálico da tônica estaria influenciando o comportamento dessas consoantes. Os dados do Gráfico 3 permitem confirmar essa hipótese, já que das 109 ocorrências com contexto precedente labial produzidas com alçamento (cf. Tabela 2), observa-se no Gráfico 3 anterior, que 83 referem-se aos vocábulos com vogal alta e apenas 26 aos vocábulos sem vogal alta.

Com relação aos contextos sem vogal alta, percebe-se que as dorsais, os segmentos [s, z, ʃ, ʒ, dʒ, tʃ] e as labiais mostram-se suscetíveis ao alçamento também nesse contexto, apresentando peso relativo de 0,82, 0,81 e 0,67, respectivamente. O contexto das coronais [+ anterior] sem vogal alta mostra uma baixa aplicação de alçamento, apresentando peso relativo de 0,30, abaixo do ponto neutro.⁹ É importante ressaltar, entretanto, que o índice de elevação dos contextos sem vogal alta é sempre menor em relação aos contextos com vogal alta.

5.2.2.3 Tipo de Sílabas

Conforme pode ser visualizado na Tabela 3 a seguir, o fator coda /S/, com peso relativo de 0,90, é o que mais contribui para o alçamento da vogal postônica final /e/. Já os contextos coda /N/, coda /l/ ou coda [j], amalgamados em um mesmo fator, apresentam peso relativo de 0,17, configurando como inibidores da elevação. O fator sem coda ou apagamento de coda, com peso relativo de 0,46, mostrou um comportamento praticamente neutro.

⁹ Salientamos que, para realização do cruzamento, foi necessário desconsiderarmos as coronais [-anteriores] [ŋ, ɲ] por apresentarem *knockout* com 100% de aplicação.

Tabela 3 - Elevação da vogal postônica final /e/ e Tipo de Sílabas

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Coda /S/ <i>(simples, estudantes)</i>	103/292	35,3%	0,90
Sem coda ou Apagamento de coda <i>(clube, reportage Ø)</i>	540/3561	15,2%	0,46
Coda /N/; coda /l/; coda [j] <i>(vôlei, razoável)</i>	4/30	13,3%	0,17
Total	647/3883	16,7%	

Input: 0.088

Significância: 0.000

Os resultados obtidos confirmam a hipótese de que a elevação de /e/ em posição final é favorecida pela presença da coda fricativa /S/. Resultados semelhantes foram apontados por Roveda (1998) e Vieira (1994, 2002).

Vieira (2002, p.151) discute a influência que o tipo de coda exerce no comportamento das vogais postônicas. De acordo com a autora, sílabas pesadas, apesar de átonas, tendem a ter preservadas as vogais médias postônicas quando o elemento que fechar a sílaba for uma soante. Se, no entanto, o elemento que fechar a sílaba for a fricativa /S/, a elevação tende a ocorrer.

Essa discussão pode ser reforçada pelas afirmações fonológicas de Lopez (1979) e Vieira (1997), as quais enfatizam que sílabas fechadas por soante /l/ /r/ /n/, em exemplos como *revólver e nível*, não oferecem contexto para aplicação da regra de alçamento das vogais médias.

A presente pesquisa contou com apenas trinta ocorrências no fator *coda /N/, coda /l/ e coda [j]*; dessas ocorrências, quatro são com coda [j] (todas referentes ao vocábulo *vôlei*) e três com coda /l/ (*saudável, razoável e automóvel*), sendo as demais com coda /N/. Assim, não é possível generalizar os resultados; mas pode-se dizer, em conformidade com as autoras, que a tendência nesse caso é preservar a vogal média /e/.

É importante salientar que também era hipótese deste estudo que os contextos *sem coda*, de sílaba leve, mostrar-se-iam favoráveis ao alçamento, tal como constatado nos dados

de Vieira (1994, 2002). Nos resultados, porém, esse fator não parece exercer nenhuma influência no processo de elevação da postônica. Atribui-se essa diferença de resultados ao fato de a amostra da presente pesquisa conter alguns vocábulos com grande recorrência e raramente alçados, como é o exemplo do dado *gente*, que apresentou um número de 629 repetições e destas apenas oito produzidas com alçamento.

Além disso, é preciso ressaltar que na análise foram considerados em um mesmo fator, os contextos de sílaba leve e os contextos em que houve apagamento de coda. De acordo com Vieira (1997, p. 102), em sílabas fechadas pela sibilante /S/, verifica-se tanto o seu apagamento, basicamente em verbos, quanto a elevação das vogais médias que a precedem, em formas como *com[e]s*, produzidas como *com[i] θ*.

Nos dados da pesquisa em questão, o apagamento da coda /S/ em verbos com postônica /e/ não é tão recorrente. As ocorrências verificadas, na maioria dos casos, envolvem os substantivos, em dados em que o falante não faz concordância nominal. Desse modo, no exemplo (05) a seguir, têm-se algumas ocorrências em que houve apagamento de coda, por ausência de concordância ou não.

(05)

- a) Ex 1.: “*Existem dois time[Ø], o Flamengo e Ipiranga*” (o falante não faz a marcação do plural) (inf. 06, nº 6)
- b) Ex 2.: “*Gosto do globo reporte[Ø]*”. (ocorre o apagamento da coda /R/) (inf. 01, nº1)
- c) Ex 3.: “*Dô forraze [Ø] pros pinto*”. (apagamento da coda /N/) (inf. 01, nº 1)
- d) Ex 4.: “*Gosto de jogá vól[i Ø]*”. (apagamento da coda [j]) (inf 08, nº 8)

Além do apagamento de coda, também há ocorrências em que o falante fez o apagamento de toda a sílaba final, casos que, por esse motivo, não foram considerados na amostra, tais como no exemplo (06) a seguir:

(06)

- a) “*As mulher[Ø] não costumam freqüentá o clube...*” (inf. 2, nº 2).
- b) “*‘Aí tu coloca duas colher[Ø] de sal e dexa fervê..’*” (inf.3 nº 3)

5.2.2.4 Contexto Seguinte

Os resultados descritos na Tabela 4 a seguir indicam que o fator vogais é o que mais tende a favorecer o processo de alçamento, com um peso relativo de 0,77. Os fatores coronal [-anterior] amalgamado com dorsal e pausa, com peso relativo de 0,53 e 0,52, respectivamente, figuram como neutros. As labiais e as coronais [+anteriores] demonstram pouco favorecimento à aplicação da regra, como revelam os pesos relativos de 0,37 para o fator labial e de 0,40 para o fator coronal [+anterior].

Tabela 4- Elevação da vogal postônica final /e/ e Contexto Seguinte

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Vogais <i>(tarde inteira; açougue aqui)</i>	201/579	34,7%	0,77
Pausa <i>(comunidade//)</i>	139/896	15,5%	0,52
Coronal [+anterior] <i>(gente não)</i>	202/1462	13,8%	0,40
Coronal [-anterior] e Dorsal <i>(quinze dzias)</i>	62/466	13,3%	0,53
Labial <i>(gente pobre)</i>	43/480	9%	0,37
Total	647/3883		

Input: 0.088

Significância: 0.000

É preciso considerar que nos fatores coronal [+anterior] e coronal [-anterior] amalgamado com dorsal, conforme constata-se na Tabela 4 anterior, o maior peso relativo não corresponde à maior porcentagem. Dessa forma, para verificar o motivo desse comportamento, foi analisado o desenvolvimento da variável nos níveis do *setp-up*, os quais estão representados no Quadro 08 a seguir.

Quadro 08 – Elevação da vogal postônica final /e/: desenvolvimento da variável Contexto Seguinte nos níveis do *step up*

Fatores	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6	Nível 7
Vogais 34,7%	0,74	0,67	0,69	0,75	0,77	0,77	0,77
Pausa 15,5%	0,50	0,47	0,46	0,52	0,53	0,52	0,52
Coronal [+anterior] 13,8%	0,46	0,49	0,50	0,40	0,40	0,40	0,40
Coronal [-anterior] + dorsal 13,3%	0,45	0,49	0,49	0,54	0,54	0,53	0,53
Labial 9%	0,35	0,38	0,34	0,39	0,38	0,37	0,37

Input: 0.088

Significância: 0.000

Observa-se no Quadro 08 anterior que no primeiro nível, onde não há iteração com nenhuma variável, há uma boa correspondência de peso relativo e porcentagem entre os fatores. No segundo nível, quando há iteração com outra variável, no caso Contexto Precedente, há um leve decréscimo do peso relativo do fator pausa e um pequeno aumento do peso relativo do fator coronal [+ anterior]; esses valores continuam praticamente os mesmos no terceiro nível. No entanto, no quarto nível quando a variável interage com Tipo de Sílabas, o peso relativo aumenta para o fator coronal [-anterior] amalgamado com dorsal e diminui para o fator coronal [+ anterior]. Esse resultado mantém-se praticamente o mesmo nos demais níveis, denotando com isso que a não correspondência entre peso relativo e porcentagem verificada na Tabela 4 para os fatores coronal [+ anterior] e coronal [- anterior] amalgamado com dorsal é decorrente da iteração com a variável Tipo de Sílabas que, conforme visto anteriormente (cf 5.2.2.3), exerce forte influência no comportamento das vogais postônicas finais.

Os resultados alcançados neste estudo para essa variável estão em conformidade com os dados de Schimitt (1987) quanto à análise da variável Juntura. Nesse estudo, os contextos com Juntura Sândi em processos de ditongação e degeminação, por exemplo, mostraram-se mais propícios ao alçamento da postônica /e/. De acordo com a autora, as regras que transformam um segmento em glide, ou que elidem o segmento, também podem ser consideradas regras de redução silábica. Sua hipótese é a de que quando ocorrem essas alterações a regra de levantamento da postônica é aplicada.

O comportamento verificado neste trabalho condiz com a hipótese de Schimitt (1987), pois percebe-se que, nos casos onde ocorre processos de sândi, a vogal média /e/ mostra-se

mais suscetível ao alçamento, conforme observa-se na Tabela 4 para o fator vogal. Exemplos dos processos que envolvem o contexto seguinte vogais são representados em (07), a seguir.

(07)

a) degeminação

- *Aí tu pó[dʒis]pera que ele tá no ponto* (inf. 05, nº 5)

b) ditongação

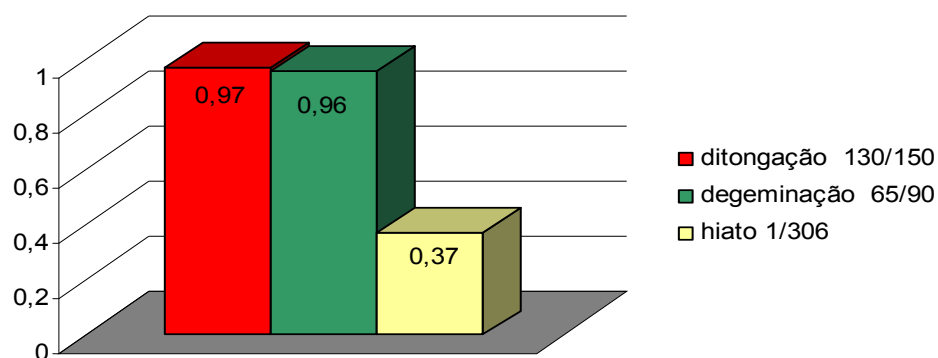
- *O aço[gjaki] é perto* (inf. 02, nº 2)

d) hiato

- *No verão tem bastan[te a]campamento* (inf. 08, nº 8)

Com a finalidade de verificar quais dos casos seriam mais recorrentes na amostra, realizou-se uma rodada, considerando separadamente cada um dos processos de sândi externo. Os resultados obtidos estão representados no Gráfico 4 a seguir.

**Gráfico 4 -Elevação da vogal postônica final /e/: Contexto
Seguinte Vocálico e processos de sândi externo**



Pode-se observar, considerando o número total de dados, que os casos de hiato (306 ocorrências) na amostra são mais recorrentes do que os de ditongação (150 ocorrências) e de degeminação (90 ocorrências) e, os de ditongação, mais recorrentes do que os de degeminação. Os casos de ditongação e degeminação mostram uma elevação quase categórica, 0,97 e 0,96 de peso relativo, respectivamente. Diferentemente, os de hiato apresentam tendência a preservar a vogal média /e/. É o que se conclui do peso relativo 0,37 para esse fator.

Estes resultados reforçam a suposição de Schimitt (1987) de que quando há alteração silábica há maior probabilidade de ocorrer o alçamento da postônica final.

5.2.2.5 Localização da Postônica

Conforme pode ser visualizado na Tabela 5 a seguir, os resultados indicam que quando a postônica está localizada no tema da palavra o peso relativo, de 0,54, figura próximo ao ponto neutro. Quando a vogal encontra-se no sufixo, há tendência a ser preservada, conforme indica o peso relativo de 0,40.

Tabela 5 – Elevação da vogal postônica final /e/ e Localização da Postônica

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
No tema (<i>carne, gente</i>)	552/2841	19,4%	0,54
No sufixo (<i>tranqüilidade, pastagem</i>)	95/1042	9,1%	0,40
Total	647/3883		

Input: 0.088

Significância: 0.000

É importante considerar que essa variável não foi selecionada para a posição postônica final no estudo de Vieira (2002). Pela análise dos resultados da pesquisa, verifica-se que essa variável também não parece exercer um papel significativo para o alçamento da vogal postônica /e/ em posição final.

O desfavorecimento apontado para o fator sufixo pode estar relacionado a alguns contextos mais recorrentes. Ao observar o arquivo de dados, percebe-se que são frequentes as formas de advérbios em *-mente*. Nesses advérbios, /e/ encontra-se no sufixo da palavra (ex.: *antigamente, preferivelmente, atualmente*) e raramente é elevado pelos falantes. No total, na amostra, foram encontradas **209** ocorrências com esse contexto e dessas apenas **três** foram produzidas com alçamento da postônica final /e/.

A partir desses dados, é possível postular que a tendência à preservação da vogal /e/ no sufixo, no presente estudo, é decorrente da baixa aplicação de alçamento encontrada

principalmente nos advérbios em *mente*, conforme pode-se constatar na discussão referente à variável Classe Gramatical, a seguir.

5.2.2.6 Classe Gramatical

Devido à pouca ortogonalidade na iteração com outras variáveis, na segunda rodada não foi considerada a variável Classe Gramatical. Desse modo, os resultados para essa variável foram extraídos da primeira rodada.

Conforme indicam os resultados descritos na Tabela 6 a seguir, os numerais com peso relativo de 0,91 são os mais favoráveis ao processo de alçamento da postônica /e/ final. Em segundo, tem-se como condicionador do processo de elevação o fator verbo, que apresenta peso relativo de 0,62. Mostram também contribuir para o alçamento os advérbios, com peso relativo de 0,58.

O fator substantivo apresenta a maior concentração de dados (2 353) da variável. Seu peso relativo de 0,46 caracteriza uma aplicação próxima ao ponto neutro. Os fatores adjetivo e advérbios terminados em *mente*, com peso relativo de 0,34 e 0,18, respectivamente, mostram-se pouco favorecedores ao processo de elevação da vogal média /e/ final.

Tabela 6- Elevação da vogal postônica final /e/ e Classe Gramatical

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Numeral (<i>vinte, doze</i>)	147/232	63,1%	0,91
Advérbio (<i>bastante, longe</i>)	129/574	22,5%	0,58
Verbo (<i>parece, pode</i>)	40/249	16,1%	0,62
Substantivo (<i>leite, cidade</i>)	308/2353	13,1%	0,46
Adjetivo (<i>grande, simples</i>)	20/265	7,5%	0,34
Advérbios terminados em – <i>mente</i> (<i>antigamente, atualmente</i>)	3/209	1,4%	0,18
Total	647/3883		

Input: 0.070

Significância: 0.000

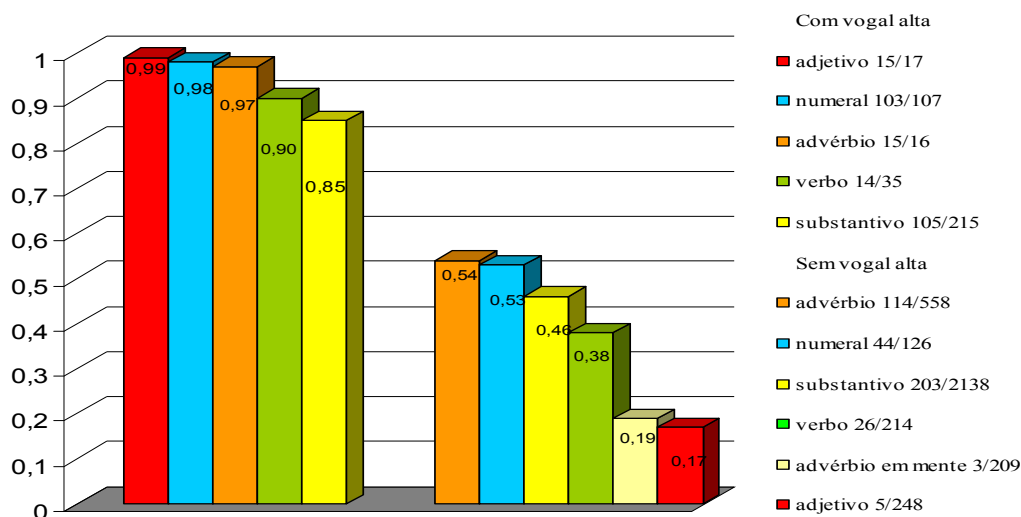
A hipótese inicial, com base nos resultados de Roveda (1998), era a de que os verbos se apresentariam como mais favoráveis ao processo de alçamento da vogal média /e/ em posição final. Como pode ser visto na Tabela 6 anterior, a hipótese é confirmada no sentido desse fator contribuir para a elevação; entretanto, os resultados apontam o fator numeral como o primeiro condicionador da regra de alçamento.

É preciso salientar que, no estudo de Roveda (1998), a variável foi estruturada de forma diferente da deste estudo. A autora analisou o comportamento de *nomes, advérbios e verbos*, não medindo separadamente a classe dos numerais.

O fato de os numerais desempenharem um papel relevante no processo de alçamento de /e/ em sílaba final é bastante significativo. Voltando aos dados, percebeu-se que entre os numerais que compõem a presente amostra, uma grande parte contém em sua sílaba tônica uma vogal alta que, a exemplo da variável Contexto Vocálico da Tônica, possui grande influência na elevação da postônica. Neste estudo, as formas que mais sofreram elevação foram *quinze* (das 61 ocorrências 59 foram elevadas- *quinz[i]*) e *vinte* (de 46 ocorrências 44 foram produzidas com alçamento - *vintfi]*).

Desse modo, com a finalidade de observar se o contexto vocálico da tônica estaria influenciando o comportamento favorável apresentado pelos numerais, foi realizado um cruzamento considerando as variáveis Classe Gramatical e Contexto Vocálico da Tônica, o qual está representado no Gráfico 5 a seguir.

Gráfico 5 - Elevação da vogal postônica final /e/: Contexto Vocálico da Tônica e Classe Gramatical



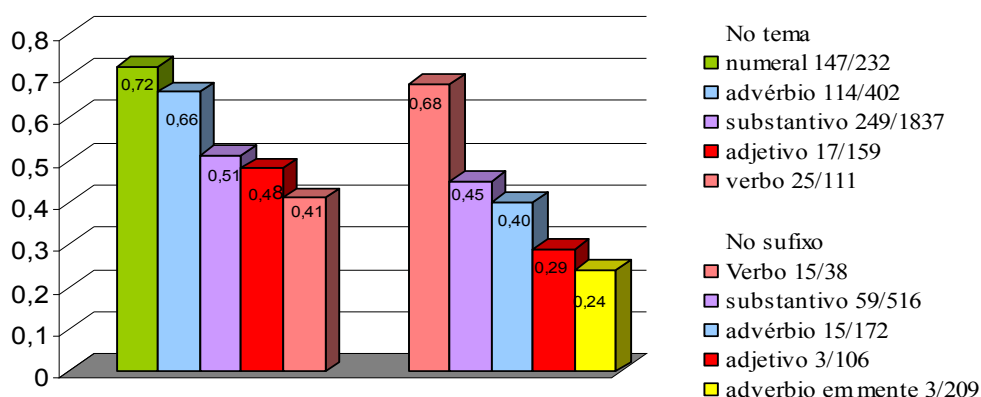
Percebe-se no Gráfico 5 anterior que todos os contextos com vogal alta mostraram alto índice de alçamento da vogal média /e/ em posição final. Os fatores adjetivo, numeral e advérbio, com pesos relativos de 0,99, 0,98 e 0,97, respectivamente, apresentaram no contexto vogal alta elevação quase categórica. Os verbos, com peso relativo de 0,90, e os substantivos com peso relativo 0,85 também mostraram-se altamente favoráveis ao alçamento no contexto vogal alta.

Quanto aos contextos sem vogal alta, nota-se que os fatores advérbio, numeral e substantivo apresentam pesos relativos de 0,54, 0,53 e 0,46, respectivamente, figurando próximos ao ponto neutro. Os fatores verbo, com peso relativo de 0,38, advérbios em *mente*, com peso relativo de 0,19, e adjetivo, com peso relativo de 0,17, mostram uma baixa aplicação da regra de alçamento da vogal /e/ nesse contexto.

Esses resultados permitem constatar que o comportamento favorável apresentado pela classe dos numerais e também das demais classes está relacionado com a presença da vogal alta na sílaba tônica da palavra. Na classe dos numerais, do total de 147 produções com alçamento (cf. Tabela 6), percebe-se, no Gráfico anterior, que 103 são referentes ao contexto com vogal alta e apenas 44 ao contexto sem vogal alta.

Outra consideração importante a fazer é quanto ao baixo índice de elevação apresentado pelo fator advérbio em *mente*. Sugeriu-se anteriormente, para a variável Localização da Postônica, que a tendência à preservação da vogal média /e/ no sufixo estaria relacionada principalmente ao comportamento desfavorável ao alçamento desses advérbios. Desse modo, para verificar tal hipótese, realizou-se um cruzamento entre as variáveis Localização da Postônica e Classe Gramatical, o qual está representado no Gráfico 6 a seguir.

Gráfico 6 - Elevação da vogal postônica final /e/: Localização da Postônica e Classe Gramatical



Pode-se verificar no gráfico anterior que, quando a postônica /e/ está localizada no tema da palavra, mostram-se mais suscetíveis ao alçamento as classes dos numerais, com peso relativo de 0,72, e a dos advérbios, com peso relativo de 0,66. Substantivos e adjetivos nesse contexto figuram como neutros, apresentando pesos relativos de 0,51 e 0,48, respectivamente. Já os verbos, quando localizados no tema da palavra, tendem a apresentar um baixo índice de elevação.

Com a localização de /e/ no sufixo, pode-se perceber que a classe dos verbos, com peso relativo de 0,68, é a mais favorável ao alçamento. Os substantivos que apresentam peso relativo de 0,45 figuram próximos ao ponto neutro. Os demais fatores, advérbios, adjetivos e advérbios em *mente*, com pesos relativos de 0,40, 0,29 e 0,24, respectivamente, mostram uma baixa aplicação da regra de alçamento de /e/.

Esses resultados levam a constatar que, quando a postônica /e/ está localizada no sufixo da palavra, as classes dos advérbios em *mente* e dos adjetivos são as que apresentam maior tendência a preservar a vogal. Por outro lado, quando a postônica encontra-se no tema da palavra, as classes dos numerais e dos advérbios mostram um índice maior de elevação.

Com isso, pode-se inferir que o resultado discutido anteriormente para a variável Localização da Postônica, de que há tendência da vogal média /e/ ser preservada quando localizada no sufixo e ser alçada quando se encontra no tema da palavra, está relacionado a classes gramaticais específicas, tais como advérbio em *mente* e adjetivos, principalmente.

5.2.3 Variáveis Sociais

5.2.3.1 Sexo

Os resultados descritos na Tabela 7 a seguir mostram que na comunidade em estudo os homens elevam a vogal postônica /e/ com mais frequência do que as mulheres, já que o peso relativo é de 0,61 para os homens e de 0,40 para as mulheres.

Tabela 7- Elevação da vogal postônica final /e/ e Sexo

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Masculino	415/1875	22,1%	0,61
Feminino	232/2008	11,6%	0,40
Total	647/3883		

Input: 0.088

Significância: 0.000

Era esperado que as mulheres, as quais costumam dar maior atenção às formas de prestígio lingüístico, desempenhassem um papel mais favorecedor ao processo de alçamento, conforme verificado no estudo de Mallmann (2001). Porém, os resultados obtidos neste estudo não confirmam tal hipótese.

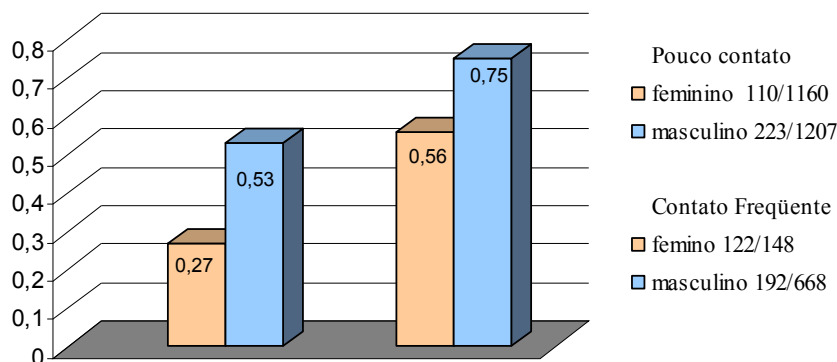
Deve-se considerar que existem outras questões sociais na comunidade que podem estar influenciando o comportamento lingüístico de homens e mulheres. Conforme aponta Labov (1983 [1972a], p 375), a tendência de liderança das mulheres às formas inovadoras não pode ser generalizada, visto que é preciso verificar o papel de outros fatores que podem interferir nesse comportamento.

Na comunidade em estudo, uma das características importantes a ser apontada é que as mulheres, em sua maioria, realizam as mesmas atividades sociais que os homens, ou seja, atuam no mercado de trabalho, na lavoura e não apenas se ocupam das tarefas de casa e da educação dos filhos. Não se pode dizer que há uma inversão de papéis, mas sim uma divisão de tarefas, em que homens e mulheres, conjuntamente, cuidam da educação dos filhos e participam das atividades sociais.

Desse modo, a suposição é a de que o tipo de contato com os centros urbanos vizinhos esteja exercendo alguma influência no comportamento diferenciado entre homens e mulheres.

Para testar tal hipótese, foi realizado um cruzamento entre as variáveis Tipo de Contato com Centros Urbanos e Sexo, representado no Gráfico 7 a seguir.

Gráfico 07- Elevação da vogal postônica final /e/: Tipo de Contato com Centros Urbanos e Sexo



Os resultados do Gráfico 7 anterior indicam que as mulheres, quando possuem uma relação de pouco contato com os centros urbanos, mostram tendência a preservar a vogal média /e/ final, conforme indica o peso relativo 0,27. Já os homens, em situação de pouco contato, demonstram um comportamento praticamente neutro, apresentando 0,53 de peso relativo.

Com relação ao contato freqüente com centros urbanos, percebe-se que as mulheres apresentam peso relativo de 0,56, denotando um comportamento levemente favorável ao alçamento, enquanto os homens, com peso relativo de 0,75, demonstram maior tendência a elevar a vogal média /e/ final nessa situação.

Tais resultados confirmam a hipótese de há que uma influência do tipo de contato com centros urbanos no comportamento lingüístico de homens e mulheres. Nota-se que a elevação de /e/ é mais freqüente para ambos os sexos quando há uma relação de contato freqüente com os centros urbanos. No entanto, é preciso considerar que os homens elevam a vogal /e/ mais do que as mulheres, independentemente do tipo de contato.

5.2.3.2 Escolaridade

Em razão de não ter sido considerada a variável escolaridade na segunda rodada da qual foram extraídos os resultados, apresentam-se aqui os dados para essa variável obtidos na primeira rodada.

É possível verificar na Tabela 8 a seguir que os informantes de ensino superior são os que mais praticam o alçamento da vogal /e/ na posição postônica final, com um peso relativo de 0,73. Os informantes do ensino médio, por sua vez, apresentam um comportamento neutro, com 0,51 de peso relativo. Já os informantes do ensino fundamental mostram uma aplicação de 0,40, um pouco abaixo do ponto neutro, mostrando tendência a preservar a vogal nessa posição.

Tabela 8 - Elevação da vogal postônica final /e/ e Escolaridade

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Ensino Superior	167/655	25,5%	0,73
Ensino Médio	265/1618	16,4%	0,51
Ensino Fundamental	215/1610	13,4%	0,40
Total	647/3883		

Input: 0.070

Significância: 0.000

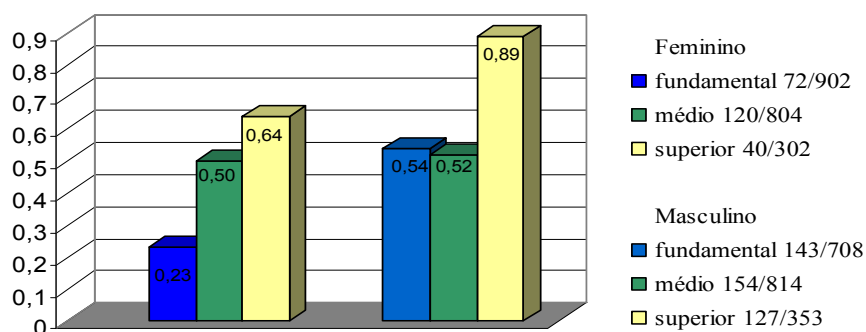
Esse resultado confirma a hipótese de que quanto maior o grau de escolaridade, mais alto o índice de aplicação da regra.

É preciso considerar que, na amostra, o fator Ensino Superior apresenta um número menor de dados com relação ao Ensino Médio e Ensino Fundamental. Tal diferença, como já explicado anteriormente (cf. 4.4.3.3), deve-se ao fato de a pesquisa contar com apenas dois informantes com tal nível de escolaridade.

Foi mencionado anteriormente, na discussão dos resultados da variável Sexo, que na comunidade em estudo o alçamento da vogal média /e/ final é mais freqüente nos falantes do sexo masculino e nas situações de contato freqüente com centros urbanos. Com isso, postulava-se que há também nesse comportamento influência da variável escolaridade, pois os informantes que possuem maior grau de escolaridade são aqueles que possuem contato com as

idades vizinhas. Desse modo, buscando verificar qual é a relação entre essas variáveis, realizou-se um cruzamento considerando Sexo e Escolaridade, representado no Gráfico 8 a seguir.

**Gráfico 8 - Elevação da vogal postônica final /e/:
Escolaridade e Sexo**



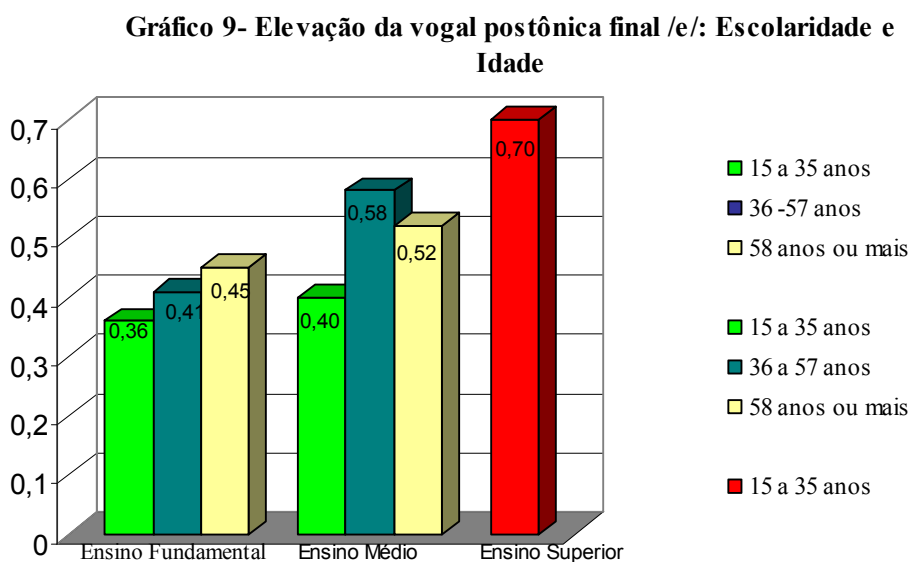
Pode-se verificar no Gráfico 8 que as mulheres com ensino fundamental mostram uma baixa aplicação da regra de alçamento de /e/ em posição final, apresentando peso relativo de 0,23. As mulheres com ensino médio demonstram um comportamento neutro, com peso relativo de 0,50. A informante de nível superior, com peso relativo de 0,64, é a que mais pratica o alçamento de /e/ final.

Com relação ao sexo masculino, nota-se que entre os que se incluem no Ensino Fundamental e Médio o comportamento é neutro, pois os pesos relativos para esses fatores são de 0,54 e 0,52, respectivamente. Diferentemente, no Ensino Superior há uma alta aplicação da regra de alçamento pelo informante do sexo masculino, conforme demonstra o peso relativo de 0,89.

Esses resultados permitem constatar que a elevação de /e/ está mais presente no comportamento lingüístico de homens e mulheres com maior grau de escolaridade. Entretanto, é preciso ressaltar que há na amostra apenas um informante do sexo feminino e um informante do sexo masculino com grau superior. Desse modo, o comportamento lingüístico desses informantes está de certa forma influenciando o resultado da variável sexo, discutido anteriormente.

Nota-se que, até o momento, pode-se inferir que na comunidade em estudo são os informantes com maior contato com centros urbanos e maior grau de escolaridade que mais

praticam o alçamento de /e/ final. Tais constatações permitem hipotetizar que há também, nessa relação, uma influência da variável idade, pois supõe-se que os informantes mais jovens são os que possuem maior acesso à escola. Objetivando confirmar essa hipótese, foi realizado um cruzamento entre as variáveis Escolaridade e Idade, representado no Gráfico 9 a seguir.



Os resultados representados no Gráfico 9 anterior, apontam que os informantes com ensino fundamental, entre 15 e 35 anos e entre 36 e 57 anos, que apresentam peso relativo de 0,36 e 0,41, respectivamente, mostram tendência a preservar a postônica /e/ final. Os informantes com ensino fundamental e com 58 anos ou mais possuem peso relativo de 0,45, tendendo para a neutralidade.

Com relação ao ensino médio, percebe-se que os informantes com idades entre 15 e 35 anos, com peso relativo de 0,40, tendem a preservar a vogal média /e/ enquanto os informantes com idades entre 36 a 57 anos, que apresentam peso relativo de 0,58, demonstram tendência a praticar o alçamento de /e/ final. Os informantes com 58 anos ou mais figuram como neutros, apresentando peso relativo de 0,52. Quanto ao ensino superior, os informantes com idades entre 15 e 35 anos, mostram uma aplicação de 0,70 a favor do alçamento.

Esses resultados obtidos permitem constatar que a variável Escolaridade desempenha um papel mais significativo quanto ao fenômeno estudado em comparação à variável Idade, pois, independentemente da idade, a elevação da postônica /e/ está mais presente nos informantes com ensino médio e superior.

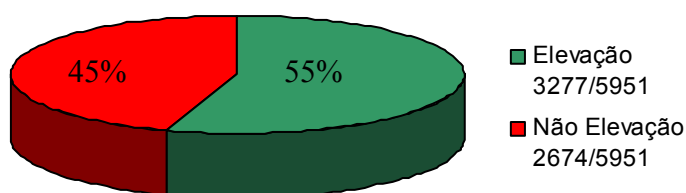
5.3 Discussão dos resultados para a vogal /o/ em posição postônica final

Nesta seção são apresentados os resultados obtidos pela análise *multidimensional* realizada pelo programa Goldvarb (2003) para a vogal média /o/ em posição final, apontando as variáveis lingüísticas e extralingüísticas consideradas relevantes. Reitera-se que, da mesma forma como procedido com a vogal /e/, os resultados foram extraídos do grupo de iteração com significância mais próxima a de 0.000. A apresentação das variáveis segue a seguinte ordem: Contexto Vocálico da Tônica, Contexto Precedente, Tipo de Sílabas, Contexto Seguinte, Localização da Postônica, Classe Gramatical, Sexo, Idade, Escolaridade.

5.3.1 Frequência global

Pode-se verificar, através do Gráfico 2 a seguir, que os falantes da comunidade em estudo elevam a vogal média /o/ final quase na mesma medida em que a preservam, apresentando apenas uma leve tendência para o alçamento. Das 5 951 ocorrências com postônica final /o/, 55% elevam a vogal nessa posição e 45% não elevam.

**Gráfico 10 - Elevação da vogal postônica final /o/ :
frequência global**



Esse resultado confirma a hipótese de que a postônica final /o/ apresentaria um índice maior de alçamento em relação à postônica final /e/. No entanto, era esperado que o percentual de não elevação fosse maior que o percentual de elevação da vogal nessa posição.

Em trabalhos realizados anteriormente sobre o tema, verifica-se que há tendência maior de alçamento da postônica /o/ final em relação à postônica /e/, principalmente para as regiões de fronteira. Nos resultados de Schimitt (1987) o percentual de elevação no grupo dos fronteiriços foi de 93 % para /o/ e 77% para /e/. No estudo de Vieira (1994) a elevação no grupo dos fronteiriços foi 66% para /o/ e 22% para /e/. Em Mallmann (2001), nos dados referentes à comunidade de Santo Ângelo o percentual de elevação de /e/ foi de 20% e o percentual de elevação de /o/ 17%, entretanto, o autor ressalta que o comportamento das vogais neste caso é muito semelhante.

Salienta-se que, foneticamente, a vogal média /o/ é mais propícia ao alçamento do que a vogal média /e/, visto que há maior proximidade no trato oral entre as articulações de [o] e [u] do que entre as de [e] e [i], fato já relato por Schimitt (1987) e Bisol (1981).

Deve-se considerar também, com relação à comunidade em estudo, a influência de outros fatores intervenientes. Possivelmente, o comportamento favorável ao alçamento apresentado pela vogal /o/ seja característico da comunidade, que no momento passa por uma série de inovações sociais, como maior acesso aos centros urbanos, linhas telefônicas residenciais e *internet*.

5.3.2 Variáveis Lingüísticas

5.3.2.1 Contexto Vocálico da Tônica

Conforme indica a Tabela 9 a seguir, a presença de uma vogal alta na sílaba tônica da palavra favorece o alçamento da vogal média /o/, conforme indica o peso relativo de 0,90 para o fator com vogal alta. Por outro lado, a ausência de vogal alta, inibe o processo de alçamento, já que o peso relativo apontado para esse fator é de 0,28 .

Tabela 9 – Elevação da vogal postônica final /o/ e Contexto Vocálico da Tônica

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Com vogal alta (<i>motivo, serviço</i>)	1659/1809	91,7%	0,90
Sem vogal alta (<i>ano, campo</i>)	1618/4142	39,1%	0,28
Total	3277/5951		

Input: 0.617

Significância: 0.025

Esse resultado vem ao encontro da hipótese de que a vogal alta presente na sílaba tônica possui, da mesma forma como foi constatado para a vogal /e/, importante influência no processo de alçamento de /o/. A relevância do papel das vogais altas no comportamento das vogais médias finais já foi apontada nos resultados apresentados por Vieira (1994, 2002).

Conforme já comentado anteriormente na seção 5.2, referente aos resultados da postônica /e/, Vieira (2002) propõe que esse comportamento esteja associado a um processo de assimilação progressiva, pelo qual a vogal média postônica assimila o traço de altura da vogal da sílaba precedente.

Os resultados obtidos para a vogal média /o/, estudo ora apresentado, reforçam a influência da vogal alta. Voltando ao arquivo de dados referentes à postônica /o/ em posição final, foi possível comprovar a relevância da vogal alta tônica presente na palavra, principalmente nas classes de substantivos e verbos em algumas conjugações. As ocorrências no Quadro 09 a seguir, exemplificam os vocábulos que se mostraram mais suscetíveis à elevação e os que apresentaram baixa aplicação de alçamento.

Quadro 09 – Elevação da vogal postônica final /o/: ocorrências com ou sem a presença de vogal alta na sílaba tônica

Vogal alta na tônica			Sem vogal alta na sílaba tônica		
Vocábulo	Aplicação/ total	Porcentagem	Vocábulo	Aplicação/ total	Porcentagem
<i>serviço</i>	68/72	94,4%	ano	68/180	37,8%
<i>filho</i>	54/58	93,1%	porto (Porto Xavier)	11/53	20,8%
<i>aluno</i>	84/87	96,6%	vermelho (Rincão Vermelho)	2/34	5,9%

Nos exemplos do Quadro 8 anterior, percebe-se que os vocábulos com presença de vogal alta na sílaba tônica foram quase categoricamente produzidos com alçamento da postônica final /o/. Já os vocábulos sem vogal alta em sílaba tônica apresentaram um baixo percentual de alçamento. Tais resultados ilustram a influência que a vogal alta tônica exerce no comportamento das vogais médias postônicas apresentado na Tabela 9 anterior.

5.3.2.2 Contexto Precedente

A Tabela 10 a seguir revela que o fator Coronal [+anterior], com peso relativo de 0,55, apresenta um leve favorecimento ao processo de elevação. O fator labial apresentou peso relativo de 0,45, figurando como neutro, apenas com leve tendência à preservação. Com menor peso relativo, 0,38, encontra-se o fator coronal [-anterior] amalgamado com dorsal, mostrando ser o contexto que mais inibe o alçamento da vogal /o/ final.¹⁰

Tabela 10 - Elevação da vogal postônica final /o/ e Contexto Precedente

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Coronal [+anterior] <i>(brinquedo, curso)</i>	2104/3731	56,4%	0,55
Labial <i>(adubo, primo)</i>	352/646	54,6%	0,45
Coronal [-anterior] / Dorsal <i>(tacho, plástico)</i>	713/1306	54,5%	0,38
Total	3277/5951		

Input: 0.617

Significância: 0.025

A hipótese inicial era a de que se mostrariam mais favoráveis ao processo de alçamento de /o/ final as consoantes labiais [p, b, f, v,m]. Tal hipótese encontra respaldo nos resultados de Schimitt (1987) para o grupo dos alemães e em Vieira (1994). Vê-se, portanto,

¹⁰ Na variável Contexto Precedente desconsideramos o fator [+soante, -consonantal] na segunda rodada, em razão da pouca ortogonalidade apresentada no cruzamento com a variável Classe Gramatical (cf.seção 5.1). O resultado para esse fator, na primeira rodada em que foi considerado, foi de 0,41, mostrando não favorecer o alçamento.

que os resultados não permitem confirmar essa hipótese, pois as consoantes labiais, neste estudo, apresentam um comportamento praticamente neutro, com leve tendência a preservar a vogal média /o/ em posição postônica final.

Deve-se considerar que o índice de favorecimento apresentado para o fator coronal [+anterior] não é relativamente alto, pois seu peso relativo de 0,55 está apenas um pouco acima do ponto neutro. Por essa razão, sentiu-se a necessidade de analisar mais detalhadamente os resultados obtidos.

Voltando aos dados, buscou-se alguns itens mais recorrentes que continham como contexto precedente uma coronal [+ anterior], os quais estão exemplificados no Quadro 10 a seguir.

**Quadro 10– Elevação da vogal postônica final /o/:
ocorrências com contexto precedente coronal [+ anterior]**

Vocábulo	Aplicação/total	Porcentagem
<i>serviço</i>	68/72	94,4%
<i>aluno</i>	84/87	96,6%
<i>muito (advérbio)</i>	143/190	75,3%
<i>bonito</i>	35/38	92,1%
<i>lembro</i>	13/75	17,3%
<i>gosto (v. gostar)</i>	8/91	8,8%
<i>acho (v. achar)</i>	3/124	2,4%

Percebe-se no Quadro 10 anterior que os itens mais propícios à elevação (*serviço*, *aluno*, *muito*, *bonito*) são os que possuem vogal alta na tônica. Isso leva a hipotetizar que o leve favorecimento demonstrado pelo fator coronal [+ anterior] seja decorrente da repetição de alguns vocábulos com vogal alta na tônica que, como visto na seção anterior, a respeito da variável Contexto Vocálico da Tônica, são mais suscetíveis à elevação nesse contexto.

Desse modo, para verificar detalhadamente o comportamento da variável Contexto Precedente neste estudo, foi analisado o seu desenvolvimento em peso relativo nos níveis do *step- up* da rodada, que são apresentados no Quadro 11 a seguir:

Quadro 11 – Elevação da vogal postônica final /o/: desenvolvimento da variável Contexto Precedente nos níveis do *Step up*

Fatores	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6	Nível 7	Nível 8
Coronal [+anterior]	0,51	0,55	0,55	0,55	0,55	0,55	0,55	0,55
Coronal [-anterior] / dorsal	0,50	0,35	0,38	0,38	0,38	0,37	0,38	0,38
Labial	0,49	0,48	0,44	0,43	0,45	0,44	0,45	0,45

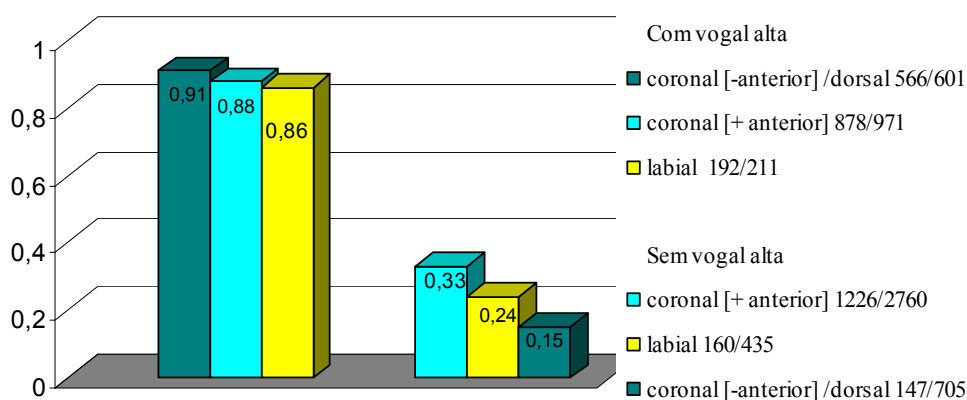
Input: 0.617

Significância: 0.025

Percebe-se, através do Quadro 11 anterior, que no primeiro nível do *step up*, onde não há interação com nenhuma variável, todos os fatores encontram-se próximos ao ponto neutro. No segundo nível, quando o contexto precedente interage com a variável Contexto Vocálico da Tônica, observa-se que ocorre alteração de valores: o peso relativo do fator coronal [+anterior] aumenta e diminui o dos fatores coronal [-anterior] (amalgamado com dorsal) e labial. O resultado para o fator coronal [+anterior] mantém-se o mesmo até o final enquanto as labiais sofrem um leve decréscimo no terceiro nível onde há interação com a variável Tipo de Sílabas. Nos demais níveis, os valores para essa variável apresentam apenas leves alterações. Considerando que o peso relativo do fator coronal [+anterior], principalmente, manteve-se o mesmo do segundo nível até o final, pode-se postular que a variável Contexto Vocálico da Tônica possui influência nos resultados da variável Contexto Precedente.

Com a finalidade de investigar mais profundamente a relação entre as duas variáveis, realizou-se um cruzamento entre Contexto Precedente e Contexto Vocálico da Tônica, o qual está representado no Gráfico 11 a seguir.

Gráfico 11 - Elevação da vogal postônica final /o/: Contexto Vocálico da Tônica e Contexto Precedente



Pode-se verificar no Gráfico que há maior probabilidade de alçamento da postônica /o/ nos contextos com vogal alta na tônica, pois os fatores coronal [-anterior] (amalgamado com dorsal), coronal [+anterior] e labial apresentam nesse contexto peso relativo de 0,91, 0,88 e 0,86, respectivamente, mostrando-se altamente favoráveis ao alçamento.

Diferentemente, verifica-se que nos contextos sem vogal alta há um baixo índice de elevação, pois os pesos relativos, abaixo do ponto neutro, são de 0,33 para o fator coronal [+anterior], de 0,24 para o fator labial e de 0,15 para o fator coronal [-anterior] amalgamado com dorsal.

Esses resultados confirmam que as consoantes coronais [+anteriores] apresentam maior índice de alçamento em contextos com vogal alta. É preciso considerar, entretanto, que a presença da vogal alta tônica exerce influência no comportamento das demais consoantes também.

5.3.2.3 Tipo de Sílabas

Os resultados apresentados na Tabela 11 a seguir apontam que os contextos com coda /S/ e coda /l/ são, com peso relativo de 0,90, os mais favoráveis ao processo de alçamento da postônica /o/. Já a inexistência de coda na sílaba ou o apagamento de coda figura com peso relativo de 0,45, próximo ao ponto neutro, indicando apenas uma pequena tendência à preservação da vogal.

Tabela 11 - Elevação da vogal postônica final /o/ e Tipo de Sílabas

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Coda /S/ Coda /l/ (<i>canteiros, álcool</i>)	447/499	89,6%	0,90
Sem coda Apagamento de coda (<i>campo, moramo</i> ⊙)	2830/5452	51,9%	0,45
Total	3277/5951		

Input: 0.617

Significância: 0.025

Esse resultado confirma a hipótese inicial de que os contextos com coda /S/ se mostrariam favoráveis ao processo de alçamento da vogal média /o/ em posição final, conforme já constatado nos estudos de Roveda (1998) e Vieira (1994, 2002).

É necessário considerar que, diferentemente desses trabalhos, nesta pesquisa o fator coda /S/ encontra-se amalgamado com o fator coda /l/. A coda /l/, de acordo com Vieira (1994, 2002), assume, diferentemente da coda /S/, um comportamento que contribui para a preservação das vogais médias finais. Considerando tal fato, retornou-se aos dados e verificou-se que o número de ocorrências obtidas com coda /l/ na presente amostra é insignificante, com apenas quatro ocorrências e todas do mesmo vocábulo, no caso, *álcool*. Dessa forma, pode-se afirmar que o fato de os fatores estarem amalgamados não interfere no resultado favorável encontrado para a coda /S/.

Nos resultados deste estudo observa-se ainda o grande número de dados no fator sem coda ou apagamento de coda. Uma explicação plausível é que forma amalgamados dois fatores linguisticamente bem recorrentes, a saber: *sem coda* e *apagamento de coda*. Aponta-se como recorrente esse último, já que verificou-se que há uma tendência dos falantes realizarem o apagamento da coda final, mais precisamente nos casos em que não realizam a marcação de plural e de desinência número pessoa, processo mais saliente entre os informantes com ensino fundamental. As ocorrências em (08) exemplificam alguns dos contextos obtidos com o apagamento de coda.

(08)

- a) *Há, mas aqui nós vivemo[Ø] bem.* (inf. 2, nº 2)
- b) *Não podemo [Ø] ter tudo, mas o suficiente* (inf. 5, nº 5)
- c) *Nós gostemo [Ø] de ta la no verão.* (inf. 2, nº 2)
- d) *Fica uns quadrinhu [Ø] pequeno[Ø]* (inf. 1, nº1)

Os resultados obtidos para os contextos sem coda e apagamento de coda condizem, de certa forma, com os dados de Vieira (2002) com relação ao fator sem coda. A autora aponta que a inexistência de coda na sílaba parece não desempenhar nenhum papel na elevação ou preservação da vogal média /o/.

5.3.2.4 Contexto Seguinte

Na Tabela 12 a seguir, verifica-se que o fator vogal com peso relativo de 0,57 apresenta tendência a favorecer o alçamento da vogal /o/ em posição final. Os fatores coronal [+ anterior] e pausa apresentam peso relativo de 0,50, figurando como neutros. Também observa-se comportamento neutro para o fator labial, com peso relativo de 0,48. As consoantes coronais [-anteriores] amalgamadas com dorsais, com peso relativo de 0,43, demonstram leve tendência à preservação da vogal.

Tabela 12 – Elevação da vogal postônica final /o/ e Contexto Seguinte

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Coronal [+anterior] (<i>adubo de</i>)	1396/2307	60,5%	0,50
Vogal	447/809	55,3%	0,57
Labial (<i>cabelo bonito</i>)	437/818	53,4%	0,48
Pausa (<i>coloquemo θ veneno//</i>)	681/1324	51,4%	0,50
Coronal [-anterior + dorsal] (<i>cavalo xucro</i>)	316/693	45,6%	0,43
Total	3277/5951		

Input: 0.617

Significância: 0.025

É importante observar na Tabela 12 anterior que, nos fatores coronal [+ anterior], vogal, labial e pausa, o maior peso relativo não corresponde à maior porcentagem. Desse modo, objetivando explicar o motivo dessa não correspondência de valores, uma vez que é esperada nos resultados fornecidos pelo Goldvarb (2003), recuperou-se o comportamento da variável nos níveis do *step-up*, conforme expresso no Quadro 12 a seguir.

Quadro 12 – Elevação da vogal postônica final /o/: desenvolvimento da variável Contexto Seguinte nos níveis do *Step up*

Fatores	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6	Nível 7	Nível 8
Coronal [+anterior] 60,5%	0,55	0,57	0,51	0,50	0,50	0,50	0,50	0,50
Vogal 55,3%	0,50	0,53	0,57	0,57	0,57	0,57	0,57	0,57
Labial 53,4%	0,48	0,43	0,47	0,47	0,48	0,48	0,48	0,48
Pausa 51,4%	0,46	0,46	0,50	0,51	0,50	0,50	0,50	0,50
Coronal [-anterior] / dorsal 45,6%	0,41	0,38	0,42	0,42	0,43	0,43	0,43	0,43

Input: 0.617

Significância: 0.025

Verificando os níveis representados no Quadro 12 anterior, percebe-se que no primeiro nível, onde não há iteração com nenhuma variável, o fator coronal [+ anterior] apresenta peso relativo de 0,55; os fatores vogal, labial e pausa figuram próximos ao ponto neutro e o fator coronal [- anterior], amalgamado com dorsal, apresenta 0,41 de peso relativo, tendendo à preservação. Todavia, no segundo nível, quando há iteração com a variável Contexto Vocálico da Tônica, percebe-se que diminui o peso relativo do fator labial e aumenta o peso relativo do fator pausa, que possui menor porcentagem. No terceiro nível, em que a variável interage com Tipo de Sílabas, o peso relativo aumenta no fator vogal e diminui no fator coronal [+ anterior]. Esse resultado permanece praticamente o mesmo em todos os níveis seqüentes, demonstrando com isso que a não correspondência entre peso relativo e porcentagem verificada para os fatores coronal [+anterior] e vogal, e para os fatores labial e pausa, é decorrente da iteração do Contexto Seguinte com as variáveis Contexto Vocálico da Tônica e Tipo de Sílabas que, conforme discutido nas seções anteriores (cf. 5.3.2.1 e 5.3.2.3), são variáveis que exercem forte influência no alçamento das vogais postônicas.

Os resultados para a postônica /o/ em posição final assemelham-se aos resultados da postônica /e/ nessa mesma posição (cf. seção 5.2) e condizem com o que foi apontado para a variável Juntura no estudo de Schimitt (1987). Nos três grupos étnicos controlados pela autora, alemães, fronteiriços e italianos, o contexto que se mostrou mais favorável para o alçamento de /o/ foi o de sândi, em que foram consideradas as junturas provocadas por alterações silábicas como, por exemplo, os casos de ditongação e degeminação.

Na amostra do presente estudo, as ocorrências para o fator vogais são exemplificadas em (09) a seguir.

(09)

a) degeminação

- *tava olhand[ã] quadro* (inf. 05, nº 5)

b) ditongação

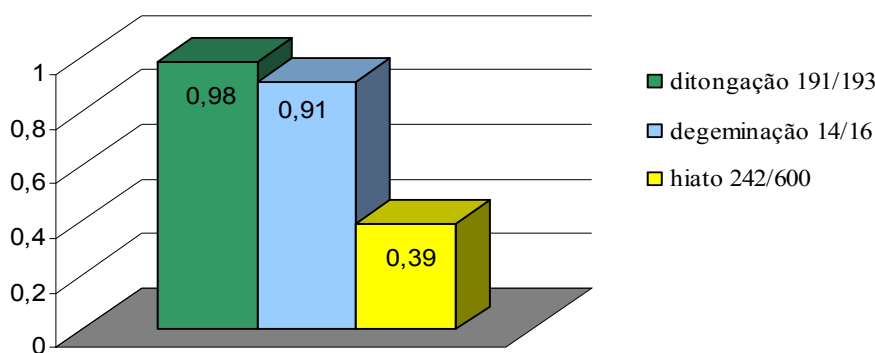
- *O tamanquinh[wa]quele* (inf. 01, nº 1)

d) hiato

- *aqui nós fizem[o Ø a]ssim* (inf. 02, nº 2)

No caso da postônica /o/, os casos de degeminação não foram tão recorrentes em relação aos casos de hiato e ditongação. Para verificar o papel de tais contextos, foi realizada uma rodada considerando os processos de sândi (hiato, degeminação e ditongação) Os resultados obtidos estão representados no Gráfico 12 a seguir.

**Gráfico 12 - Elevação da vogal postônica final /o/:
Contexto Seguinte Vogal (sândi)**



Pode-se verificar no Gráfico 12 anterior que nos casos de ditongação, a elevação da vogal média /o/ é quase categórica, apresentando peso relativo de 0,98. Nos processos de degeminação nota-se também alto índice de alçamento, com 0,91 de peso relativo, embora haja apenas 16 ocorrências. Conforme esperado, os casos de hiato apresentaram baixa aplicação de alçamento, com peso relativo de 0,39. Tais resultados reforçam a afirmação de Schimitt (1987) de que o alçamento é mais propício nas formas em que há alteração silábica, tais como na ditongação e na degeminação.

5.3.2.5 Localização da Postônica

Na Tabela 13 a seguir, percebe-se que há uma leve tendência de a vogal média /o/ ser elevada quando está localizada no sufixo da palavra, caso em que o peso relativo é de 0,56. Quando se encontra no tema, a vogal /o/ possui um papel praticamente neutro, apresentando 0,47 de peso relativo.

Tabela 13 - Elevação da vogal postônica final /o/ e Localização da Postônica

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
No tema (<i>trigo, campo</i>)	2165/3781	57,3%	0,47
No sufixo (<i>potreiro, canteiro</i>)	1112/2170	51,2%	0,56
Total	3277/5951		

Input: 0.617

Significância: 0.025

Verifica-se na Tabela 13, anterior, que o maior peso relativo não corresponde à maior porcentagem. Dessa forma, objetivando explicar esse comportamento, analisou-se o desenvolvimento da variável nos diversos níveis do *step-up* da rodada. Os valores obtidos estão representados no Quadro 13 a seguir.

Quadro 13 – Elevação da vogal postônica final /o/: desenvolvimento da variável Localização da Postônica nos níveis do *Step up*

Fatores	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6	Nível 7	Nível 8
No tema 57,3%	0,52	0,50	0,55	0,49	0,47	0,47	0,47	0,47
No sufixo 51,25%	0,46	0,50	0,38	0,51	0,55	0,56	0,56	0,56

Input: 0.617

Significância: 0.025

Observa-se no Quadro 13 anterior que, nos dois primeiros níveis, os pesos relativos dos fatores da variável mostraram-se próximos ao ponto neutro. No terceiro nível, quando há iteração com outra variável, no caso Tipo de Sílabas, o peso relativo cresce para o fator tema e diminui para o fator sufixo. Entretanto, no quarto nível, em que há iteração com Contexto Precedente, os pesos relativos equilibram-se novamente ao redor do ponto neutro e só no quinto nível, quando entra a variável Classe Gramatical, é que o peso relativo do fator sufixo torna-se mais alto, mantendo-se assim nos demais níveis.

Tais resultados permitem constatar que a não correspondência entre porcentagem e peso relativo entre os fatores é ocasionada pela iteração com a variável Classe Gramatical, apresentada a seguir.

5.3.2.6 Classe Gramatical

Os resultados da Tabela 14 a seguir revelam que a classe dos adjetivos, com peso relativo de 0,60, é a que mais favorece o alçamento da postônica /o/ em posição final. Os fatores numeral e substantivo apresentam pesos relativos de 0,53 e 0,52, respectivamente, figurando como neutros. Já os advérbios, com peso relativo de 0,41, e os verbos, com peso relativo de 0,40, mostram-se não favoráveis ao alçamento da postônica /o/ final.

Tabela 14 - Elevação da vogal postônica final /o/ e Classe Gramatical

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Adjetivo (lindo, tranqüilo)	394/588	67%	0,60
Advérbio (muito)	298/466	63,9%	0,41
Numeral (cinco, oito)	162/268	60,4%	0,53
Substantivo (filho, amigo)	1860/3242	57,4%	0,52
Verbo (tenho, fizemos)	563/1387	40,6%	0,40
Total	3277/5951	55,1%	

Input: 0.617

Significance: 0.025

Nota-se na Tabela 14 anterior que entre os fatores numeral e advérbio o maior peso relativo não corresponde à maior porcentagem. Em razão dessa não correspondência, surgiu a necessidade de observar mais detalhadamente o desenvolvimento da variável ao longo dos níveis do *step-up*, os quais estão representados no Quadro 14 a seguir.

Quadro 14 – Elevação da vogal postônica final /o/: desenvolvimento da variável Classe Gramatical nos níveis do *Step up*

Fatores	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6	Nível 7	Nível 8
Adjetivo 67%	0,62	0,61	0,62	0,61	0,62	0,61	0,60	0,60
Advérbio 63,9%	0,60	0,39	0,40	0,38	0,38	0,39	0,41	0,41
Numeral 60,4%	0,55	0,56	0,52	0,49	0,49	0,49	0,53	0,53
Substantivo 57,4%	0,52	0,52	0,51	0,51	0,51	0,51	0,53	0,52
Verbo 40,6%	0,36	0,44	0,46	0,46	0,46	0,46	0,41	0,40

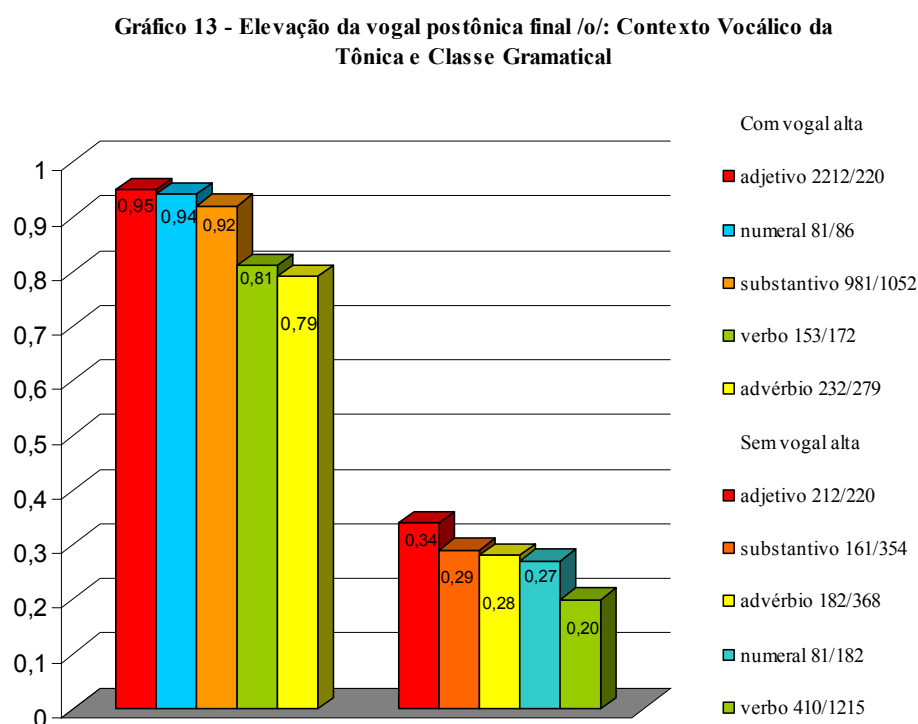
Input: 0.617

Significance: 0.025

Observa-se que, já no primeiro nível do *step-up*, o fator adjetivo mostrou peso relativo favorável ao alçamento e praticamente manteve esse valor até o último nível. Os verbos, por sua vez, apresentaram peso relativo baixo desde o primeiro nível, tiveram um leve acréscimo no segundo e no terceiro nível, mas sua média continuou abaixo do ponto neutro. Já nos advérbios nota-se que houve uma mudança significativa. No primeiro nível, seu peso relativo

era de 0,60, configurando como favorável ao alçamento e, no segundo, quando há iteração com a variável Contexto Vocálico da Tônica, seu peso relativo diminui para 0,39.

Diante disso, postula-se que a variável Contexto Vocálico da Tônica está influenciando o comportamento dos advérbios ou até mesmo dos adjetivos. Com a finalidade de constatar tal hipótese, realizou-se um cruzamento entre as duas variáveis. Os resultados estão representados no Gráfico 13 a seguir.



Pela leitura do Gráfico 13 anterior, nota-se que em todas as classes gramaticais há uma tendência maior à elevação de /o/ nos contextos com vogal alta na tônica. É o que apontam os pesos relativos de 0,95 para os adjetivos; 0,94 para os numerais; 0,92 para os substantivos; 0,81 para os verbos e 0,79 para os advérbios.

Diferentemente, nos contextos sem vogal alta, o índice de elevação mostra-se sempre baixo, apresentando peso relativo de 0,34 para os adjetivos, 0,29 para os substantivos, 0,28 para os advérbios, 0,27 para os numerais e 0,20 para os verbos.

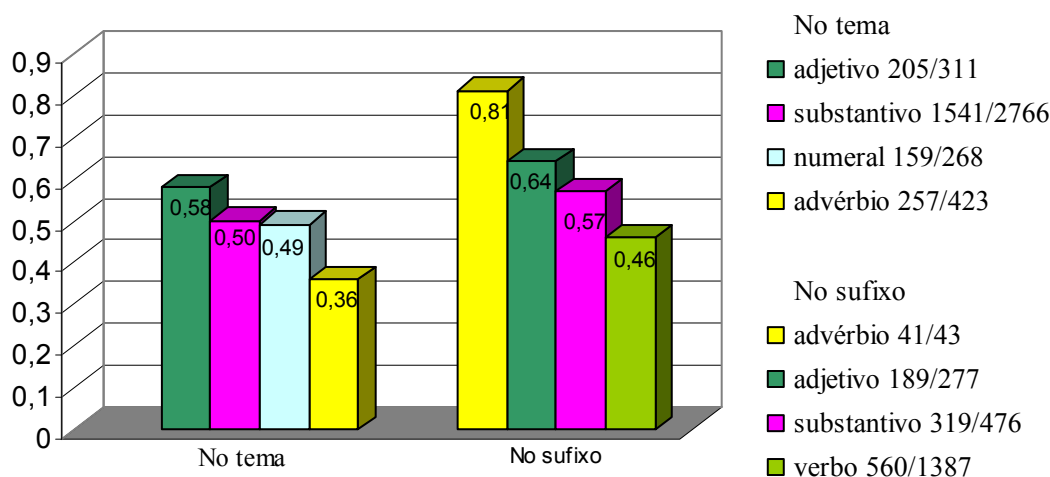
É importante considerar, com relação aos verbos, que há uma diferença do número total de dados de verbos com vogal baixa na tônica e de verbos com vogal alta. Na Tabela 14, citada anteriormente, o total de verbos da amostra é de 1387. Desses, verifica-se no Gráfico

13 anterior, que 1215 referem-se ao fator sem vogal alta e apenas 172 ao fator com vogal alta na tônica, o que justifica o papel pouco favorecedor demonstrado pelo fator.

Esses resultados comprovam a forte influência da vogal alta na sílaba tônica no comportamento das classes gramaticais. Entretanto, não se pode dizer que o favorecimento apresentado pelos adjetivos tenha sido influenciado pela variável Contexto Vocálico da Tônica, pois esse fator mostrou um peso relativo alto desde o primeiro nível do *step-up*, conforme verificado no Quadro 14 anterior.

Na seção anterior, quando foram discutidos os resultados para a variável Localização da Postônica, foi constatado que havia problemas de iteração com a variável Classe Gramatical pela não correspondência entre porcentagem e peso relativo nos fatores tema e sufixo. Desse modo, para verificar a relação entre as duas variáveis, foi realizado um cruzamento, o qual está representado no Gráfico 14 a seguir.

Gráfico 14 - Elevação da vogal postônica final /o/: Localização da Postônica e Classe Gramatical



Os resultados do Gráfico permitem apontar que quando a postônica está localizada no tema da palavra a classe dos adjetivos, com peso relativo de 0,58, é a única que se mostra favorável ao alçamento. Os substantivos e numerais apresentam peso relativo de 0,50 e 0,49, respectivamente, figurando como neutros. Já os advérbios, com peso relativo de 0,36, mostram um baixo índice de alçamento de /o/ nesse contexto.

Quando a postônica se encontra no sufixo, a classe dos advérbios apresenta peso relativo de 0,81, mostrando-se altamente favorável ao alçamento. Da mesma forma, os

adjetivos com peso relativo de 0,64 e os substantivos com peso relativo de 0,57 configuram como favoráveis à elevação. Já os verbos com postônica no sufixo apresentam um comportamento neutro com leve tendência à preservação, mostrando peso relativo de 0,46. É importante considerar, com relação aos advérbios, que o total de dados verificados no Gráfico 14 para o fator sufixo (43 ocorrências) é menor em relação ao total de dados para o fator tema (423 ocorrências).

A partir desses resultados, pode-se inferir que a não correspondência entre porcentagem e peso relativo constatada entre os fatores tema e sufixo da variável Localização da Postônica é decorrente do alto índice de elevação apresentado pelos advérbios e adjetivos, principalmente no contexto sufixo. Verificou-se, nesta amostra, que os exemplos de advérbios e adjetivos, com postônica no sufixo, são das formas com o sufixo *inho* e o sufixo *oso*, principalmente, em palavras como *pouquinho*, *pertinho*, *gostoso*, *maravilhoso*, *bonitinho*, por exemplo.

5.3.3 Variáveis Sociais

5.3.3.1 Sexo

Nos resultados apresentados na Tabela 15 a seguir, percebe-se que os valores para a variável Sexo figuram praticamente como neutros. Os homens apresentam peso relativo de 0,54, apenas um pouco acima do ponto neutro, e as mulheres peso relativo de 0,46, próximo ao ponto neutro, indicativo de leve tendência para a preservação da vogal média /o/ final.

Tabela 15 - Elevação da vogal postônica final /o/ e Sexo

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Masculino	1702/2977	57,2%	0,54
Feminino	1575/2974	53%	0,46
Total	3277/5951	55,1%	

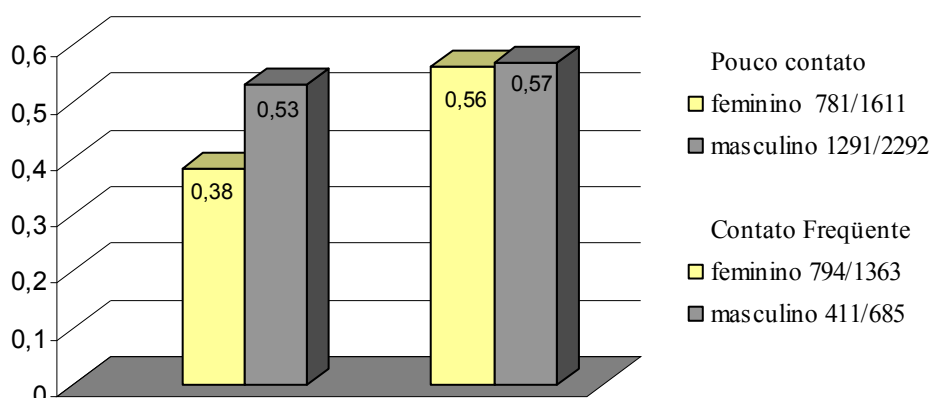
Input: 0.617

Significance: 0.025

A hipótese deste estudo era a de que as mulheres, geralmente mais sensíveis às normas de maior prestígio se mostrariam mais favoráveis ao alçamento da postônica /o/. Os resultados, porém, não permitem confirmar essa hipótese, pois os valores figuram muito próximos ao ponto neutro. Pode-se apontar apenas que os resultados denotam uma leve tendência para que os homens realizem o alçamento.

Nos resultados referentes à vogal média /e/ final (cf 5.2.3.1), constatou-se a influência do tipo de contato com centros urbanos no comportamento lingüístico de homens e mulheres. Dessa forma, buscando analisar se esse comportamento ocorria também para a postônica final /o/, foi realizado um cruzamento considerando as variáveis Tipo de Contato com Centros Urbanos e Sexo, representado no Gráfico 15 a seguir.

Gráfico 15- Elevação da vogal postônica final /o/: Tipo de Contato com Centros Urbanos e Sexo



Observa-se no Gráfico 15 anterior que, em situação de pouco contato, as mulheres tendem a preservar a vogal média /o/, mostrando peso relativo de 0,38. Já os homens, em situação semelhante, mostram um comportamento praticamente neutro, com 0,53 de peso relativo. Diferentemente, homens e mulheres que possuem contato freqüente tendem a elevar a vogal postônica final /o/, apresentando peso relativo de 0,56 e 0,57, respectivamente. Tais resultados confirmam que o tipo de contato com centros urbanos exerce influência no comportamento lingüístico de homens e mulheres, mostrando-se mais evidente entre as mulheres.

5.3.3.2 Idade

Analisando os resultados da Tabela 16 a seguir, verifica-se que os pesos relativos referentes ao papel da Idade estão muito próximos ao ponto neutro. Os mais jovens apresentam peso relativo de 0,52, os informantes com idade entre 36 e 57 anos, de 0,47 e os informantes com 58 anos ou mais, de 0,49.

Tabela 16 – Elevação da vogal postônica final /o/ e Idade

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
15 -35	1442/2521	57,2	0,52
36-57	953/1765	54%	0,47
58 anos ou mais	882/1665	53%	0,49
Total	3277/5951	55,1%	

Input: 0.617

Significance: 0.025

A hipótese inicial era a de que os mais jovens, que buscam incorporar-se às formas inovadoras, mostrariam um comportamento favorável à elevação da postônica final /o/, tendência já apontada na literatura por Roveda (1998) e Mallmann (2001). Não se pode afirmar, no entanto, que os resultados deste estudo confirmam essa hipótese, pois os pesos relativos obtidos figuram muito próximos ao ponto neutro.

Os resultados descritos na Tabela 16 anterior indicam que não há variação entre as faixas etárias, denotando com isso que na comunidade em estudo a regra de alçamento da vogal média /o/ final caracteriza uma situação de variável estável.

5.3.3.3 Escolaridade

Em razão de não ter sido considerada a variável Escolaridade na segunda rodada da vogal /o/, de onde extraíram-se os resultados, são apresentados aqui os dados obtidos para essa variável na primeira rodada.

A análise dos resultados descritos na Tabela 17 a seguir permite concluir que os informantes com ensino superior e ensino médio, com peso relativo de 0,71 e 0,66, respectivamente, mostram-se mais favoráveis ao processo de alçamento da postônica /o/ em

posição final. Já os informantes com ensino fundamental tendem a preservar a vogal nessa posição, já que o peso relativo obtido para esse fator é de 0,24.

Tabela 17 - Elevação da vogal postônica final /o/ e Escolaridade

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Ensino superior	638/973	65,6%	0,71
Ensino Médio	1698/2673	63,5%	0,66
Ensino Fundamental	941/2305	40,8%	0,24
Total	3277/5951	55,1%	

Input: 0.624

Significance: 0.194

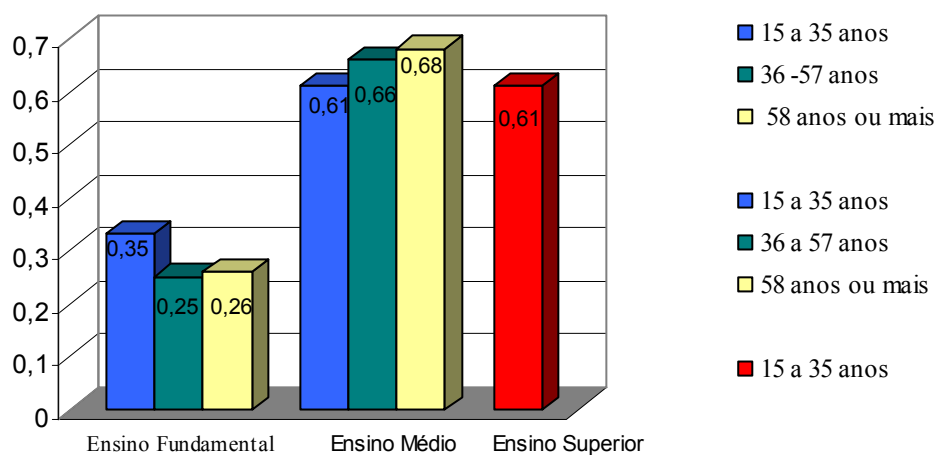
Esses resultados confirmam a hipótese de que os informantes com maior grau de escolaridade apresentariam um comportamento mais favorável ao processo de alçamento das vogais médias postônicas.

A vogal média /e/ em posição final, conforme verificado na seção 5.2, apresentou um resultado semelhante ao da vogal média /o/ na mesma posição, mostrando um índice de elevação maior no fator ensino superior. Já entre os informantes de ensino médio, percebe-se uma diferença de comportamento entre as duas vogais. Para a vogal média /o/, esses informantes mostraram favorecer a elevação; para /e/ apresentaram um comportamento neutro.

A partir da análise de ambos os resultados é possível comprovar a influência que a escola exerce no comportamento lingüístico. Os mais escolarizados procuram adaptar-se às formas mais cultas ou socialmente prestigiadas. Na comunidade em estudo, por ser uma área rural, com apenas escola de nível fundamental, essa diferença de comportamento torna-se ainda mais significativa, pois nem todas as pessoas têm as mesmas oportunidades de acesso à escola.

Os resultados para as variáveis sociais, verificados até agora, permitem postular que, enquanto a escolaridade exerce forte influência no comportamento lingüístico da comunidade, a idade, diferentemente, mostra um papel não significativo. Para testar a relação entre a variável Idade e a variável Escolaridade, procedeu-se a um cruzamento entre essas duas variáveis. Os resultados estão representados no Gráfico 16 a seguir.

Gráfico 16 - Elevação da vogal postônica final /o/: Idade e Escolaridade



Pode-se verificar no Gráfico 16 anterior que todos os informantes com ensino fundamental tendem a preservar a vogal média /o/ final, pois o peso relativo para esse fator é de 0,35 para os mais jovens, 0,25 para os com idade entre 36 e 57 anos e 0,26 para os com idade de 58 anos ou mais.

Com relação aos informantes com ensino médio, nota-se que a tendência é elevar a vogal média /o/, já que para esse fator o peso relativo é de 0,61 para os mais jovens, 0,66 para os com idade entre 36 e 57 anos e 0,68 para os com idade de 58 anos ou mais. No ensino superior, os dois informantes, que se incluem no grupo dos mais jovens, apresentam peso relativo de 0,61, figurando como favoráveis ao alçamento de /o/ final.

Tais resultados permitem concluir que a idade não é tão influente quanto a escolaridade, já que os informantes de Ensino Médio e Ensino Superior são os que mais elevam as vogais médias em posição postônica final. Por outro lado, os informantes de Ensino Fundamental mostraram um comportamento desfavorável ao alçamento.

5.4 Síntese do comportamento das vogais médias /e/ e /o/ em posição final

A análise do comportamento das vogais médias /e/ e /o/ em posição final, discutidas nas seções anteriores, indicou que de fato são produzidas variavelmente na amostra referente à localidade de Rincão Vermelho – RS. A primeira constatação feita foi que essas vogais apresentam comportamentos diferenciados, sendo que a vogal média /o/ final mostrou-se mais suscetível ao alçamento em relação à vogal /e/. O percentual de /e/ foi de apenas 16,7% de elevação para 83,3% de não elevação. Já para a vogal /o/ o percentual foi 55% de elevação e 45% de não elevação.

Foi possível observar também que tanto para /e/ quanto para /o/ esteve presente a força de determinados condicionadores lingüísticos e sociais no processo de alçamento. O Quadro 15 a seguir reúne as variáveis lingüísticas e sociais que se mostraram relevantes ao processo de alçamento das vogais médias em posição final.

**Quadro 15 – Elevação das vogais postônicas finais /e/ e /o/:
condicionadores lingüísticos e sociais**

Elevação de /e/ final		Elevação de /o/ final	
Variáveis lingüísticas	Fator mais influente	Variáveis lingüísticas	Fator mais influente
Contexto Precedente	Dorsais e segmentos [s, z, ʃ, ʒ, dʒ, tʃ]	Contexto Precedente	Coronal [+anterior]
Contexto Vocálico da Tônica	Com vogal alta	Contexto Vocálico da Tônica	Com vogal alta
Tipo de Sílabas	Coda /S/	Tipo de Sílabas	Coda /S/
Contexto Seguinte	Vogal (ditongação e degeminação)	Contexto Seguinte	Vogal (ditongação e degeminação)
Localização da Postônica	No tema	Localização da Postônica	No sufixo
Classe Gramatical	Numeral e Verbo	Classe Gramatical	Adjetivo
Variáveis sociais	Fator mais influente	Variáveis sociais	Fator mais influente
Sexo	Homens	Sexo	Comportamento neutro
Escolaridade	Superior	Escolaridade	Ensino Superior e Médio
		Idade	Comportamento neutro/

Pode-se verificar no Quadro 15 anterior que praticamente os mesmos condicionadores mostraram-se presentes tanto na elevação de /e/ quanto na elevação de /o/, a saber: Contexto Precedente, Contexto Vocálico da Tônica, Tipo de Sílabas, Contexto Seguinte, Localização da Postônica, Classe Gramatical, Sexo e Escolaridade.

No que se refere aos contextos lingüísticos, é possível apontar como mais atuantes no processo de elevação das vogais médias /e/ e /o/ as variáveis Contexto Vocálico da Tônica e Tipo de Sílabas. Em conformidade, os resultados para ambas as vogais indicam que há maior probabilidade de alçamento em vocábulos com vogal alta na tônica (equipe, consumo) e vocábulos fechados por coda /S/ (antes, carros). Percebeu-se, também, que apresentou um papel relevante para o alçamento de /e/ e de /o/ o contexto seguinte vogal em processos de sândi (degeminação e ditongação).

Quanto aos condicionadores sociais, notou-se que a variável mais influente para o processo de elevação tanto de /e/ quanto de /o/ foi a Escolaridade. Os resultados indicaram que os informantes com maior grau de escolaridade mostram tendência a elevar as vogais postônicas, enquanto os informantes com menor grau de escolaridade tendem a preservar essas vogais.

Ainda com relação às variáveis sociais, pode-se apontar a relevância da variável Sexo. Nesse caso, os resultados para /e/ indicam que os homens apresentam um comportamento mais favorável à elevação em relação às mulheres. Já para /o/ os valores figuraram próximos ao ponto neutro, mas com leve tendência ao alçamento para o sexo masculino. É importante salientar que, de acordo com essa variável, para ambas as vogais, há a influência do tipo de contato com centros urbanos no comportamento lingüístico de homens e mulheres.

O papel desempenhado pelas variáveis lingüísticas, quanto ao comportamento das postônicas finais permite inferir que a variação das vogais médias em posição final é foneticamente motivada e compreende certa regularidade; por essa razão, aproxima-se das características do modelo neogramático apresentado nas seções iniciais deste estudo (cf 3.1).

5.5 Discussão dos resultados para as vogais médias /e/ e /o/ em posição não final

Nesta seção são apresentados os resultados obtidos na análise *multidimensional* realizada pelo programa Goldvarb (2003) para as vogais médias /e/ e /o/ em posição não final. Ressalta-se que, em virtude de o número de dados ter-se mostrado insuficiente para uma análise estatística separada de cada vogal, optou-se por tratar conjuntamente os dados de /e/ e de /o/. Reitera-se que os resultados apresentados a seguir foram extraídos do grupo de iteração com significância mais próxima a de 0.000. A apresentação das variáveis segue a seguinte ordem: Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Contexto Vocálico da Tônica, Localização da Postônica, Tipo de Entrevista e Sexo.

5.5.1 Variáveis Linguísticas

5.5.1.1 Tipo de Vogal

Os resultados descritos na Tabela 18 a seguir indicam que a postônica /o/ em posição não final, com peso relativo de 0,69, mostrou-se suscetível ao alçamento. Diferentemente, a postônica /e/ apresentou baixo índice de elevação, de 0,25.

Tabela 18 – Elevação das vogais postônicas não finais e Tipo de Vogal

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Vogal /o/ (época, fósforo)	64/223	72,6%	0,69
Vogal /e/ (número, mamífero)	225/310	28,7%	0,25
Total	289/533		

Imput.: 0.549

Significance: 0.044

Esse resultado está em conformidade com a hipótese inicial de que, na referida comunidade, a postônica não final /o/ apresentaria um comportamento mais favorável ao alçamento do que a postônica /e/, resultado também constatado no estudo de Vieira (2002).

É possível observar, conforme as seções anteriores, um comportamento semelhante em relação às vogais médias em posição final, em que /o/ apresentou maior índice de elevação. Tais resultados permitem inferir que, na comunidade de Rincão Vermelho, em ambas as posições, a vogal /o/ tende a ser mais alçada em relação à /e/, conforme referido na seção 5.3. Tal fato provavelmente esteja relacionado à proximidade fonética maior existente entre as vogais [o] e [u] na parte posterior do trato oral em relação à existente entre [e] e [i] na parte anterior do trato oral.

5.5.1.2 Variável Contexto Precedente

Na Tabela 19 a seguir pode-se verificar que o fator dorsal amalgamado com coronal [-anterior] apresenta o maior peso relativo, 0,67, figurando como altamente favorável ao alçamento das vogais médias /e/ e /o/ não finais. Mostraram-se também favoráveis à elevação, com peso relativo de 0,60, as labiais. Com peso relativo de 0,25, as coronais [-anterior] mostram não contribuir para o alçamento.¹¹

Tabela 19 Elevação das vogais postônicas não finais e Contexto Precedente

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Labial (época, número)	204/306	66,7%	0,60
Dorsal /Coronal [-anterior] (Ângelo)	47/71	66,2%	0,67
Coronal [+anterior] (crisântemo)	38/156	24,4%	0,25
Total	289/533		

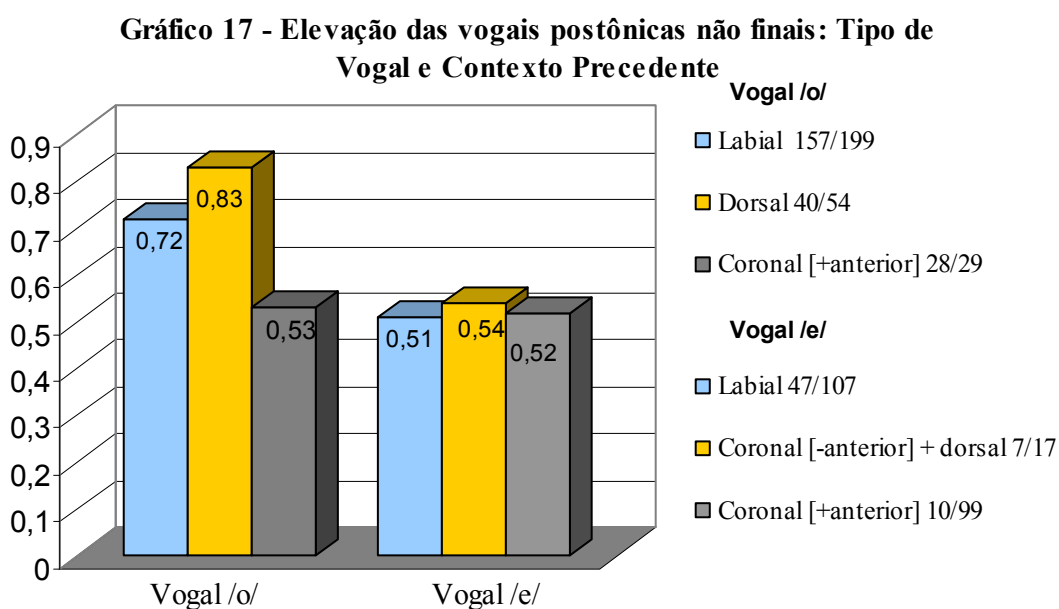
Imput.: 0.549

Significance: 0.044

¹¹ Nota-se, na Tabela 19 que, entre os fatores labial e dorsal amalgamado com coronal [-anterior], o maior peso relativo não corresponde à maior porcentagem. Desse modo, buscando uma explicação para o fato, analisamos o comportamento da variável nos níveis do *step-up* e constatamos que o aumento do peso relativo para o fator dorsal (amalgamado com coronal [-anterior]) em relação ao fator labial foi decorrente da iteração com a variável Contexto Vocálico da Tônica que será apresentada na seção 5.5.1.5.

A hipótese inicial, neste estudo, para a variável Contexto Precedente era a de que se mostrariam favoráveis ao alçamento de /e/ em posição não final as consoantes fricativas /s, z/ e, ao alçamento de /o/, as labiais [p, b, f, v, m], contextos indicados como favoráveis no estudo de Vieira (2002).

Ressalta-se porém, que diferentemente de Vieira (2002), os resultados para /e/ e para /o/ nesta análise estão apresentados conjuntamente, sem a especificação individual de cada vogal. Por essa razão, para que houvesse possibilidade de comparação entre os resultados, foi realizado um cruzamento entre as variáveis Tipo de Vogal e Contexto Precedente, o qual está representado no Gráfico 17 a seguir.



É possível visualizar no Gráfico 17 anterior que os resultados para a vogal média /e/, com relação ao contexto precedente, figuram próximos ao ponto neutro, indicando que esse fator exerce pouco papel para o processo de alçamento de /e/. Com relação à vogal média /o/, os contextos que se mostraram mais favoráveis ao alçamento foram coronal [-anterior] amalgamado com dorsal, com peso relativo de 0,83, e labial, com peso relativo de 0,72.

O favorecimento apontado pelas labiais no processo de alçamento de /o/ está em conformidade com a hipótese inicial desta pesquisa e com o estudo de Vieira (2002). No entanto, é preciso salientar que, do total das 199 ocorrências obtidas para a postônica /o/ na amostra, 120 são do mesmo vocábulo, no caso, *época*. Desse total, 112 foram produzidos com alçamento.

No que se refere ao fator coronal [- anterior] amalgamado com dorsal, constatou-se em que o comportamento favorável ao alçamento de /o/ está relacionado apenas a alguns itens, com contexto precedente dorsal, os quais estão exemplificados no Quadro 16 a seguir.

Quadro 16 – Elevação das vogais postônicas não finais: Ocorrências com contexto precedente dorsal

Vocábulo	Aplicação/total	Porcentagem
horóscopo	6/10	68,2%
agrícola	20/24	83,3%
brócolis	14/15	93,3%
Total	40 (aplicação)	

Percebe-se que a soma do total de aplicação, considerando os três itens, foi de 40, exatamente o número total de elevações obtidas nesse contexto, conforme demonstrado no Gráfico 17 anterior.¹²

Com relação aos segmentos [s, z], favoráveis ao alçamento de /e/ conforme estudo de Vieira (2002), salienta-se que não é possível comparar os resultados. Retornando aos dados verificou-se que não há, na amostra, nenhuma ocorrência com contexto precedente [z] para a vogal média /e/. Com contexto precedente [s], houve um total de 36 ocorrências, sendo 22 do vocábulo *pêssego*, que apresentou 9% de alçamento, e 14 do vocábulo *cócegas*, com 50% de alçamento.

5.5.1.3 Variável Contexto Seguinte

Os resultados apresentados na Tabela 20 a seguir apontam que o contexto seguinte dorsal, com peso relativo de 0,68, é o que mais contribui para a elevação das vogais médias em posição não final. Os fatores coronal [+ anterior] e labial apresentam-se como inibidores do processo de elevação, já que o peso relativo é de 0,43 para o fator coronal [+anterior] e de 0,24 para o fator labial.

¹² Salienta-se que não há ocorrências com postônica /o/ não final com contexto precedente coronal [-anterior].

Tabela 20 - Elevação das vogais postônicas não finais e Contexto Seguinte

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Dorsal (psicólogo)	125/188	66,5%	0,68
Coronal [+anterior] (útero)	155/292	53,1%	0,43
Labial (crisântemo)	9/53	17%	0,24
Total	289/533		

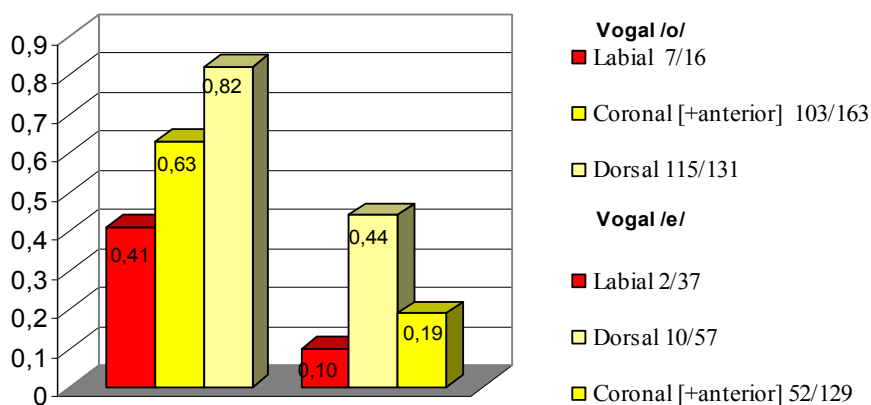
Imput.: 0.549

Significance: 0.044

A hipótese inicial da presente pesquisa, em conformidade com Vieira (2002), era a de que se mostrariam favoráveis ao alçamento de /o/, em posição não final, os contextos labiais [p, b, f, v, m]. Com relação à vogal média /e/, a proposta era observar o comportamento da variável, pois no estudo mencionado o contexto seguinte não se mostrou relevante para esta vogal.

Conforme apresentado na Tabela 20, os resultados obtidos neste estudo não confirmam àqueles obtidos em Vieira (2002) para a vogal /o/. É preciso considerar que, nesta pesquisa, as vogais /e/ e /o/ não finais foram consideradas conjuntamente. Assim, para proceder-se uma análise mais segura dos resultados, optou-se por realizar um cruzamento entre a variável Contexto Seguinte e a variável Tipo de Vogal, o qual está representado no Gráfico 18 a seguir.

Gráfico 18 - Elevação das vogais postônicas não finais: Contexto Seguinte e Tipo de Vogal



A análise do Gráfico 18 anterior permite verificar que para a vogal média /e/ não final nenhum contexto mostrou-se favorável ao alçamento. Com relação à postônica /o/, mostraram-se favoráveis ao processo de elevação da postônica os contextos com coronal [+anterior] e dorsal. Salienta-se, no entanto, que das 131 ocorrências obtidas para o fator contexto seguinte dorsal, 120 são do vocábulo *época* que, como já apontado na variável Contexto Precedente, foi produzido com elevação em 112 ocorrências. Esse número corresponde praticamente a todo o total de aplicação para o contexto dorsal. Por essa razão, o resultado exposto para esse fator precisa ser considerado de forma relativa.

Outra questão que deve ser observada nos resultados é que o fator labial contém apenas 16 ocorrências com postônica /o/; dessas, 10 são de um mesmo vocábulo, no caso *horóscopo*. Das dez ocorrências, 07 foram produzidas com elevação, número que corresponde ao total de elevação obtido para esse contexto, denotando que esse foi o único vocábulo com postônica /o/ seguido de labial produzido com alçamento. Nesta amostra, foi constatado que as demais formas, produzidas sem elevação nesse contexto, foram *ecônomo* (03 ocorrências) e *agrônomo* (03 ocorrências).

5.5.1.4 Variável Contexto Vocálico da Tônica

Conforme pode-se observar na Tabela 21 a seguir, o fator com vogal alta apresenta peso relativo de 0,69, figurando como favorável ao alçamento das vogais médias não finais. Já o fator sem vogal alta, que possui peso relativo de 0,44, situa-se um pouco abaixo do ponto, mostrando leve tendência para a preservação das vogais não finais.

Tabela 21 Elevação das vogais postônicas não finais e Contexto Vocálico da Tônica

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Com vogal alta (número, ídolo)	222/417	57,8%	0,69
Sem vogal alta (época, hóspede)	67/116	53,2%	0,44
Total	289/533		

Imput.: 0.549

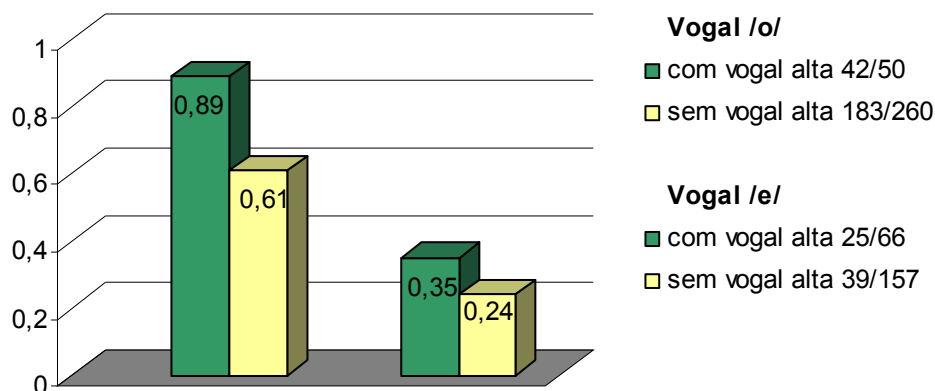
Significance: 0.044

Os resultados descritos na tabela anterior confirmam a hipótese de que se mostrariam mais suscetíveis ao alçamento os vocábulos com vogal alta em sílaba tônica, reiterando, assim, os resultados apontados por Vieira (2002).

Conforme defendido nas seções anteriores (cf 5.2 e 5.3), a vogal alta presente na sílaba tônica da palavra exerce papel significativo no comportamento das vogais postônicas finais. De acordo com Vieira (2002), esse processo poderia ser interpretado como uma assimilação progressiva através da qual a vogal alta espalha para a vogal média seus traços de altura.

Os resultados para as vogais em posição não final permitem postular que também nessa posição as vogais médias sofrem influência do contexto vocálico tônico com vogal alta. Todavia, para saber se esse processo está presente no comportamento de ambas as vogais, /e/ e /o/ na posição não final, realizou-se um cruzamento entre as variáveis Tipo de Vogal e Contexto Vocálico da Tônica, representado no Gráfico 19 a seguir.

**Gráfico 19 - Elevação das vogais postônicas não finais:
Contexto Vocálico da Tônica e Tipo de Vogal**



A análise do Gráfico 19 permite verificar que a vogal média /o/ apresentou peso relativo de 0,89 para o fator com vogal alta e 0,61 para o fator sem vogal alta. Já a vogal média /e/ apresentou baixo índice de elevação, independentemente do contexto vocálico tônico, embora o fator com vogal alta tenha apresentado peso relativo de 0,35, superior ao do fator sem vogal alta, com peso relativo de 0,24. Desse modo, com o objetivo de verificar quais vocábulos com postônica /e/ apresentaram menor índice de elevação e quais se mostraram mais suscetíveis ao alçamento, foram resgatados do arquivo de dados alguns exemplos, os quais são apresentados no Quadro 17 a seguir.

Quadro 17 – Elevação das vogais postônicas não finais: ocorrências com vogal /e/

Vocábulo	Aplicação/total	Porcentagem
pêssego	2/22	9,1%
crisântemo	0/8	0%
almôndega	1/11	9,1%
córrego	0/10	0%
útero	0/16	0%
número	17/36	47,2%
cérebro	0/14	0%
Total	20 (aplicação)	

Pode-se verificar, nesses exemplos, que a postônica /e/ em posição não final mostra tendência a ser preservada, pois o único vocábulo que se apresentou mais suscetível ao alçamento foi *número* com um total de aplicação de 17 em 36 ocorrências. Nota-se também que os vocábulos *útero*, *cérebro* *córrego* não apresentam nenhuma ocorrência com alçamento, o que permite postular que há uma tendência ao alçamento apenas em determinados itens lexicais.

Com relação à vogal média /o/, é preciso considerar que os vocábulos mostraram alto índice de alçamento em ambos os contextos, com vogal alta e sem vogal alta. Entretanto, o comportamento favorável para os contextos sem vogal alta pode estar relacionado à repetição de alguns vocábulos, como é o caso de *época*, já citado anteriormente, que apresentou um total de aplicação de 112 em 120 ocorrências. Outro vocábulo com postônica /o/ não final, sem vogal na tônica, produzido com alçamento em 100% das 14 ocorrências foi o vocábulo *fósforo*.

5.5.1.5 Variável Localização da Postônica

Na Tabela 22 a seguir percebe-se que as vogais médias postônicas não finais são mais facilmente elevadas quando se encontram no sufixo da palavra, já que o peso relativo é de 0,65 para esse fator. As vogais médias não finais que se localizam no tema da palavra apresentam um comportamento praticamente neutro, com um peso relativo de 0,47.

Tabela 22 - Elevação das vogais postônicas não finais e Localização da Postônica

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
No tema (época, árvore)	252/451	55,9%	0,47
No sufixo (psicólogo, mamífero)	37/82	45,1%	0,65
Total	289/533		

Imput.: 0.549

Significance: 0.044

É preciso verificar, entretanto, que o maior peso relativo apresentado na Tabela 22 não corresponde à maior porcentagem. Desse modo, para entender a razão da não correspondência entre porcentagem e peso relativo, analisou-se o comportamento da variável nos níveis do *step-up* da rodada em que a variável foi considerada. A representação dos valores está no Quadro 18 a seguir.

Quadro 18 –Elevação das vogais postônicas não finais: Desenvolvimento da variável Localização da Postônica nos níveis do *Step up*

Fatores	Porcentagem	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6	Nível 7
No tema	55,9%	0,52	0,48	0,48	0,48	0,47	0,47	0,47
No sufixo	45,1%	0,41	0,59	0,61	0,62	0,65	0,66	0,65

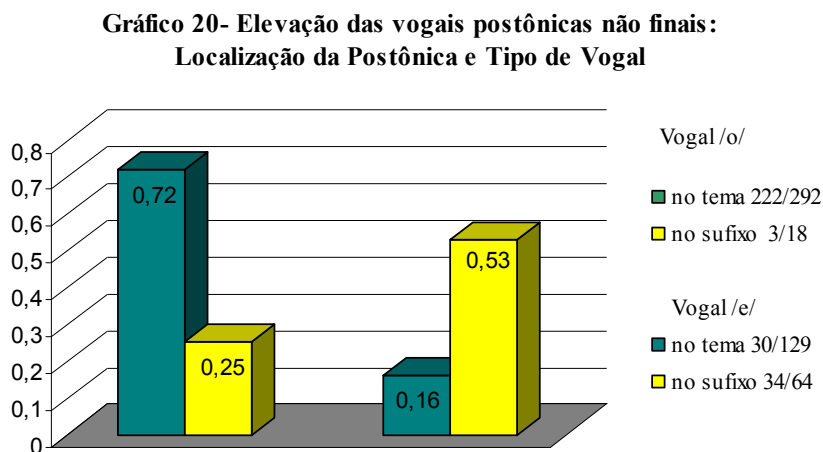
Imput.: 0.549

Significance: 0.044

Pela análise do Quadro 18 anterior é possível verificar que, no primeiro nível, o fator tema figura como neutro e o fator sufixo figura abaixo do ponto neutro. Esse comportamento muda, no entanto, no segundo nível, quando há interação com outra variável, no caso Tipo de Vogal. Observa-se que houve um aumento do peso relativo para o fator sufixo de 0,41 para 0,59, enquanto o fator tema sofreu um leve decréscimo passando de 0,52 para 0,48. Nos demais níveis, o fator tema mantém seu peso relativo próximo ao do ponto neutro e o fator sufixo apresenta leve crescimento.

Tais resultados permitem constatar que o desequilíbrio entre porcentagem e peso relativo é decorrente da interação com a variável Tipo de Vogal. Dessa forma, para compreender melhor o comportamento individual de cada vogal com relação à sua localização

na palavra, foi realizado um cruzamento entre Tipo de Vogal e Localização da Postônica, o qual está representado no Gráfico 20 a seguir.



Os resultados representados no Gráfico 20 mostram que há maior probabilidade de alçamento quando a postônica /o/ não final encontra-se no tema da palavra, pois o peso relativo para o fator referente à posição foi de 0,72.

No entanto, é preciso verificar a discrepância do número de dados com postônica não final /o/ no tema em relação ao da postônica não final /o/ no sufixo. O fator tema contém 292 ocorrências enquanto o fator sufixo possui apenas 18 ocorrências. Voltando ao arquivo de dados, percebeu-se que os únicos vocábulos com /o/ no sufixo são *psicólogo*, *ecônomo* e *agrônomo*, presentes na fala de apenas 02 informantes. Desses, o mais recorrente e o único pronunciado com alçamento, em 03 ocorrências, foi *psicólogo*. Por tais razões, os resultados para a vogal média /o/ não final precisam ser considerados de forma relativa.

Com relação à postônica /e/ não final, os resultados expressos no Gráfico 20 mostram que quando a vogal /e/ está localizada no sufixo da palavra apresenta um comportamento praticamente neutro e, quando está no tema, sua tendência é ser preservada.

A hipótese inicial para essa variável era a de que as postônicas se mostrariam mais suscetíveis ao alçamento quando localizadas no sufixo da palavra, comportamento já verificado no estudo de Vieira (2002). Nos resultados obtidos na análise conjunta das duas vogais aqui apresentados, essa hipótese parece ser comprovada. Considerando, porém, o comportamento individual de cada vogal, pelas razões expostas anteriormente, não há confirmação da hipótese.

5.5.2 Variáveis Sociais

5.5.2.1 Variável Tipo de Entrevista

Os resultados descritos na Tabela 23 a seguir indicam que os dados de postônicas não finais obtidos através de entrevista pessoal mostram maior probabilidade de alçamento em relação aos dados obtidos na forma de instrumento. O peso relativo foi de 0,61 para o fator entrevista de experiência pessoal e 0,42 para o fator instrumento.

Tabela 23 - Elevação das vogais postônicas não finais e Tipo de Entrevista

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Entrevista de experiência pessoal	166/232	71,6%	0,61
Instrumento	123/301	40,9%	0,42
Total	289/533		

Imput.: 0.549

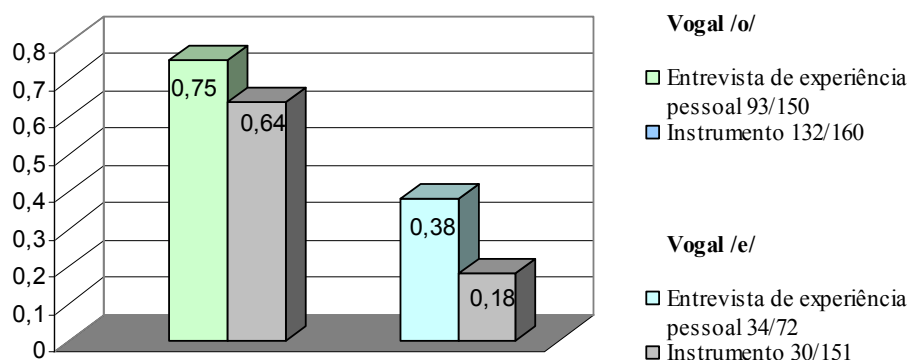
Significance: 0.044

De acordo com Labov (1983 [1972a], p. 211), a entrevista de experiência pessoal constitui um dos métodos mais eficientes para a obtenção do vernáculo. Segundo o autor, os métodos de listas de palavras e leitura de textos, diferentemente da entrevista de experiência pessoal, implicam uma fala mais cuidada em que o informante presta maior atenção em sua pronúncia.

Considerando a relevância das constatações do autor, o instrumento utilizado para a coleta das vogais não finais neste estudo foi elaborado cuidadosamente, de forma a propiciar uma interação menos formal com os informantes. Verifica-se, entretanto, que mesmo com esse cuidado houve diferenças no comportamento dos falantes com relação ao método utilizado.

Para a obtenção de resultados mais precisos e para poder verificar o índice de alçamento de cada vogal com relação ao tipo de entrevista, realizou-se um cruzamento entre as variáveis Tipo de Vogal e Tipo de Entrevista, o qual está representado no Gráfico 21 a seguir.

Gráfico 21 - Elevação das vogais postônicas não finais: Tipo de Entrevista e Tipo de Vogal



Pelo Gráfico 21 anterior pode-se verificar que o índice de alçamento de /e/ foi relativamente baixo, apresentando peso relativo de 0,34 para o fator entrevista de experiência pessoal e 0,18 para o fator instrumento. Nota-se, no entanto, que há uma maior probabilidade de alçamento em entrevista de experiência pessoal.

Quanto à vogal média /o/, verifica-se que os dois valores estão acima do ponto neutro: 0,75 para a entrevista de experiência pessoal e 0,64 para o instrumento. Entretanto, da mesma forma que para /e/, as ocorrências obtidas através da entrevista de experiência pessoal apresentaram-se mais suscetíveis ao alçamento.

Os resultados obtidos assemelham-se, de certa forma, aos dados de Schimitt (1987) na análise da variável Tipo de Entrevista. A autora constatou em seu estudo que no grupo dos fronteirços a vogal média /e/ apresentou baixo índice de elevação em ambos os instrumentos aplicados, fala livre e teste; já a vogal média /o/ mostrou-se mais favorável ao alçamento no teste de fala livre (entrevista de experiência pessoal). É importante ressaltar que Schimitt (1987) analisou conjuntamente os dados de postônica final e não final, diferentemente deste estudo, em que o instrumento só foi utilizado para a coleta das postônicas não finais.

5.5.2.2 Sexo

Pode-se constatar na Tabela 24 a seguir que os homens apresentam peso relativo de 0,56, denotando leve tendência ao alçamento, enquanto as mulheres, com peso relativo de 0,46, demonstram comportamento praticamente neutro.

Tabela 24 Elevação das vogais postônicas não finais e Sexo

FATORES	APLIC/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Masculino	145/244	58%	0,56
Feminino	144/289	50,7%	0,46
Total	289/533		

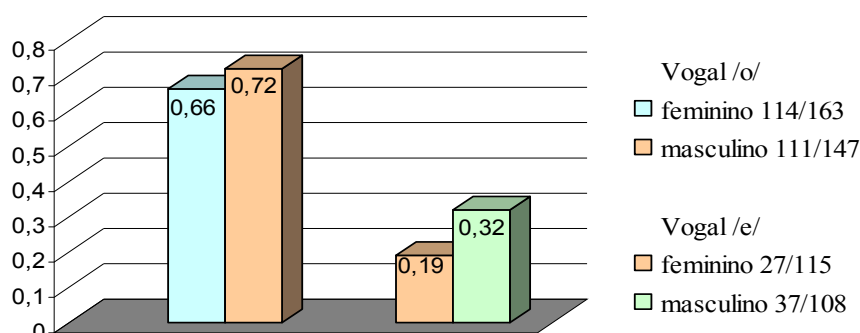
Imput.: 0.549

Significance: 0.044

A hipótese inicial era a de que o maior índice de alçamento estaria presente na fala das mulheres. Os resultados, entretanto, não confirmam essa hipótese, pois percebe-se uma leve tendência de alçamento para os homens e um comportamento neutro para as mulheres.

Com a finalidade de analisar o comportamento de cada vogal na fala de homens e mulheres, foi realizado um cruzamento entre as variáveis Tipo de Vogal e Sexo, o qual está representado no Gráfico 22 a seguir.

**Gráfico 22- Elevação das vogais postônicas não finais:
Sexo e Tipo de Vogal**



Pode-se observar no Gráfico 22 anterior que a vogal média /e/ mostrou baixo índice de aplicação na fala de homens e mulheres, apresentando pesos relativos de 0,32 e 0,19, respectivamente. Quanto à vogal média /o/, nota-se que o comportamento de mulheres e homens foi muito semelhante, apresentando uma pequena diferença em favor do sexo masculino. Assim, enquanto o peso relativo foi de 0,72 para os homens, para as mulheres obteve-se 0,66.

Com a finalidade de analisar mais detalhadamente o comportamento das vogais em posição não final, apresenta-se na seção 5.6 a seguir uma síntese dos resultados obtidos para essa posição.

5.6 Síntese do comportamento das vogais médias /e/ e /o/ em posição não final

Na seção anterior, foram discutidos os resultados obtidos para as vogais /e/ e /o/ em posição não final. Foi possível verificar, através da variável Tipo de Vogal, que as vogais médias postônicas não finais apresentaram comportamentos diferenciados, sendo que /o/ mostrou-se mais suscetível ao alçamento em relação à /e/.

Quanto aos condicionadores lingüísticos e sociais, para entender a força que exercem no processo de alçamento, deve-se considerar, além da análise conjunta das vogais, o comportamento de cada vogal separadamente. Por essa razão, estão sintetizadas no Quadro 19 a seguir as variáveis relevantes em cada análise e os fatores que se mostraram mais influentes.

**Quadro 19 – Elevação das vogais postônicas não finais:
condicionadores lingüísticos e sociais**

ANÁLISE CONJUNTA /E/ e /O/			
Variáveis lingüísticas		Fator mais influente	
Contexto Precedente		Dorsal com coronal [-anterior] e labial	
Contexto Seguinte		Dorsal	
Contexto Vocálico da Tônica		Com vogal alta	
Localização da Postônica		No sufixo	
Variáveis sociais		Fator mais influente	
Tipo de Entrevista		Entrevista de experiência pessoal	
Sexo		Masculino	
ANÁLISE INDIVIDUAL			
Elevação de /e/ final		Elevação de /o/ final	
Variáveis lingüísticas	Fator mais influente	Variáveis lingüísticas	Fator mais influente
Contexto Precedente	Os valores figuram próximos ao ponto neutro	Contexto Precedente	Dorsal
Contexto Seguinte	Todos apresentam baixa aplicação	Contexto Seguinte	Dorsal
Contexto Vocálico da Tônica	Baixa aplicação em ambos os contextos	Contexto Vocálico da Tônica	Com vogal alta
Localização da Postônica	Sufixo - próximo ao ponto neutro Tema- baixa aplicação	Localização da Postônica	No tema
Variáveis sociais	Fator mais influente	Variáveis sociais	Fator mais influente
Tipo de Entrevista	- Baixa aplicação em ambos	Tipo de Entrevista	- As duas formas mostraram-se relevantes
Sexo	- Baixa aplicação em homens e mulheres	Sexo	- Homens e mulheres mostraram alta aplicação

Verifica-se no Quadro 19 que, quando considerados /e/ e /o/ conjuntamente, os grupos de fatores lingüísticos e sociais mostram-se relevantes. Porém, na análise das vogais individualmente, nota-se que os grupos de fatores Contexto Precedente, Contexto Vocálico da Tônica, Contexto Seguinte, Localização da Postônica, Tipo de Entrevista e Sexo, que se mostraram relevantes na análise conjunta, estão mais presentes no processo de alçamento de /o/. Para a vogal média /e/ os resultados para essas variáveis figuram em alguns casos ao redor do ponto neutro e, em outros, abaixo do ponto neutro.

Diante disso, pode-se inferir que os grupos de fatores lingüísticos não possuem papel relevante na elevação de /e/. Quando refere-se à vogal /o/, o condicionamento é específico a determinados vocábulos que podem influenciar o comportamento de alguns fatores.

A seção anterior permite observar que o favorecimento apontado pelas dorsais em contexto precedente refere-se apenas a três vocábulos, *horóscopo*, *agrícola* e *brócolis*. Da mesma forma, em contexto seguinte, o papel relevante das dorsais está relacionado à repetição da palavra *época*, pronunciada em 93,3% dos casos com elevação.

Tais considerações postulam que, para o alçamento das vogais postônicas não finais, os condicionadores lingüísticos agem mais fortemente em determinados itens lexicais, que se mostram mais propícios ao alçamento. Tem-se, assim, vocábulos em que as vogais médias nunca são alçadas, vocábulos em que o alçamento é variável e outros em que o alçamento é categórico.

Ribeiro (2007), em estudo variacionista sobre as vogais médias em posição não final no português falado em Belo Horizonte, enfatiza que a variação na posição não final ocorre por um processo de Difusão Lexical. Entre os argumentos que a autora utiliza para defender sua posição, está o fato de alguns itens serem produzidos sempre com alçamento e outros itens nunca serem alçados.

Considerando a proposta da autora, e o fato de alguns itens mostrarem-se mais suscetíveis ao alçamento no presente estudo, foram selecionados da amostra os exemplos mais recorrentes e comparados esses vocábulos como o estudo de Ribeiro (2007, p. 154). As ocorrências e o número de aplicação em cada amostra estão representados no Quadro 20 a seguir.

Quadro 20 – Elevação das vogais postônicas não finais: comparação da frequência de ocorrência de vocábulos proparoxítonos entre o estudo de Ribeiro (2007) e o presente estudo

Vocábulos	Aplicação/ total em nossa amostra	Aplicação /total na amostra de Ribeiro (2007)
pêssego	2/22	10/59
pálpebras	nunca alçado	nunca alçado
crisântemo	nunca alçado	nunca alçado
número	17/36	6/85
almôndega	1/11	9/47
cérebro	nunca alçado	2/29
córrego	nunca alçado	6/37
cócegas	7/14	9/30
útero	nunca alçado	nunca alçado
hóspede	1/12	1/23
mamíferos	8/14	3/44
cômoda	2/14	28/39
fósforo	sempre alçado	36/38
brócolis	14/15	29/56
horóscopo	7/10	25/26
cócoras	2/8	2/23
abóbora	3/13	42/47
árvore	12/22	46/49
pérola	8/13	35/46
símbolo	12/14	Sempre alçado
época	112/120	37/58
ídolo	10/12	Sempre alçado
termômetro	1/14	3/51

No Quadro 20 anterior, pode-se verificar que alguns itens apresentam um comportamento semelhante em ambos os estudos, tal como *útero*, *pálpebra* e *crisântemo*, nunca sendo alçados. Já os vocábulos *símbolo* e *ídolo* apresentaram neste estudo um comportamento variável, enquanto no estudo de Ribeiro foram produzidos sempre com alçamento. Pode-se apontar ainda que os estudos se diferem quanto à produção dos vocábulos

fósforo e córrego. No estudo de Ribeiro, esses vocábulos mostraram um comportamento variável; já na presente pesquisa, *fósforo* teve aplicação categórica e *córrego* não foi alçado em nenhuma das produções. Os demais vocábulos apresentaram um comportamento variável em ambos os estudos.

O comportamento dos vocábulos *útero, pálpebra e crisântemo*, nunca alçados, em relação a outros vocábulos pronunciados na maioria das vezes com alçamento, como *brócolis, símbolo, época e fósforo* (elevado categoricamente), neste estudo, permite postular que, com relação às vogais em posição postônica não final, a elevação parece ser lexicalmente condicionada.

Salienta-se, entretanto, que para tomar uma posição mais segura quanto ao comportamento das vogais não finais, seria necessária uma análise conduzida a partir de um número maior de ocorrências de /e/ e de /o/ em contexto postônico não final.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo contribuir para o quadro de descrição das vogais no português brasileiro através da pesquisa referente à elevação das vogais médias finais e não finais na amostra referente à comunidade de Rincão Vermelho, Rio Grande do Sul, à luz dos pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria da Variação.

Uma das propostas iniciais deste trabalho foi estabelecer uma comparação entre os estudos sobre as vogais médias finais e não finais desenvolvidos no Rio Grande do Sul, a fim de investigar quais resultados poderiam ser generalizáveis. Quanto a esse aspecto, observaram-se nos trabalhos diferenças relacionadas principalmente a questões metodológicas relacionadas à composição de amostras e estratégias analíticas adotadas. Em decorrência disso, notou-se que nem todos os resultados são generalizáveis. Pode-se apontar que a principal generalidade quanto ao comportamento das vogais postônicas no Estado foi em relação ao índice de aplicação da regra de alçamento, que se encontra em um estágio mais avançado na região metropolitana de Porto Alegre e em estágio inicial nas comunidades de fronteira e de colonização italiana e alemã.

A hipótese inicial para a presente pesquisa era a de que na referida comunidade as vogais médias assumiriam um comportamento variável em ambas as posições, tendendo mais para a preservação do que para o alçamento. Esperava-se também um comportamento diferente para as vogais /e/ e /o/, com maior probabilidade de alçamento de /o/.

A análise estatística permitiu confirmar tais hipóteses, tendo revelado que o alçamento das vogais /e/ e /o/ em posição final e em posição não final ocorre variavelmente, com maior probabilidade de aplicação para a vogal média /o/, tanto em posição final quanto em posição não final.

As variáveis lingüísticas selecionadas como relevantes para o alçamento de /e/ em posição final foram Contexto Precedente, Tipo de Sílabas, Contexto Seguinte, Localização da Postônica e Classe Gramatical. Para a vogal /o/, nessa mesma posição, mostraram-se relevantes as variáveis Contexto Vocálico da Tônica, Contexto Precedente, Tipo de Sílabas, Contexto Seguinte, Localização da Postônica e Classe Gramatical.

Entre os grupos de fatores lingüísticos, mostrou-se como mais influente no processo de alçamento das vogais médias /e/ e /o/ finais a variável Contexto Vocálico da Tônica,

confirmando com isso que os vocábulos com vogal alta na sílaba tônica são os mais suscetíveis ao alçamento.

Destaca-se também, entre as variáveis lingüísticas fortemente relevantes para o alçamento de /o/ e de /e/, a variável Tipo de Sílabas. Nesse caso, os resultados apontam que a elevação tende a ocorrer com maior freqüência em palavras que têm em sua sílaba final coda /S/.

Quanto à variável Contexto Seguinte, percebeu-se também certa conformidade entre os resultados de /e/ e /o/ finais. Para ambas as vogais apresentou-se mais relevante o contexto seguinte vogal em processos de ditongação e degeminação, casos em que ocorre, portanto, alteração silábica.

Com relação ao Contexto Precedente, os resultados permitem constatar que para a vogal média /e/ são mais influentes as dorsais e os segmentos [s, z, ʃ, ʒ]. Para a vogal média /o/, o único fator que se mostrou levemente favorável foi o contexto das consoantes coronais [+anteriores].

No que se refere à variável Localização da Postônica, os resultados para a vogal média /e/ final figuraram próximos ao ponto neutro para o fator sufixo e apresentaram baixa aplicação para o fator tema. Em relação à vogal /o/ final, notou-se uma leve tendência à elevação quando a postônica se encontra no sufixo.

Entre as variáveis lingüísticas, mostrou-se ainda relevante para o alçamento das vogais em posição final a variável Classe Gramatical, indicando a classe dos numerais como mais favorável à elevação de /e/ e a classe dos adjetivos como mais favorável à elevação de /o/.

Quanto às variáveis sociais, apresentaram-se relevantes para /e/ apenas as variáveis Sexo e Escolaridade; para /o/, as variáveis Sexo, Idade e Escolaridade. A variável Idade, embora selecionada para /o/, apresentou um papel pouco expressivo, com valores próximos ao ponto neutro, denotando uma situação de variação estável. Diferentemente, a Escolaridade mostrou-se relevante tanto para /e/ quanto para /o/, tendo apontado em seus resultados que há maior probabilidade de alçamento para os falantes com maior grau de escolaridade.

Quanto ao Sexo, notou-se para a vogal média /e/ que os informantes do sexo masculino apresentam maior tendência ao alçamento. Os resultados para a vogal /o/ figuraram

próximos ao ponto neutro. Salienta-se que, embora não tenha sido selecionada, a variável Tipo de Contato com Centros Urbanos demonstrou influenciar o comportamento lingüístico de homens e mulheres, apresentando maior probabilidade de elevação para os informantes que possuem contato mais freqüente. Tal resultado foi constatado através do cruzamento entre as variáveis Sexo e Tipo de Contato com Centros Urbanos.

O comportamento dos informantes em relação às variáveis Escolaridade e Tipo de Contato com Centros Urbanos principalmente, permite inferir que a elevação das vogais é considerada uma variante de prestígio na comunidade em estudo.

Com relação às vogais em posição não final, a análise conjunta das vogais /e/ e /o/ apontou a relevância estatística das variáveis Tipo de Postônica, Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Contexto Vocálico da Tônica, Localização da Postônica, Tipo de Entrevista e Sexo.

Entre os fatores das variáveis Contexto Precedente e Contexto Seguinte mostraram-se mais atuantes em contexto precedente as consoantes labiais e dorsais e, em contexto seguinte, as dorsais e coronais [-anterior].

Quanto ao Contexto Vocálico da Tônica, constatou-se, como para a posição final, que as vogais tendem a ser mais facilmente alçadas quando a palavra contém vogal alta em sílaba tônica.

Apresentou-se ainda como relevante ao alçamento das vogais em posição não final a variável Localização da Postônica, cujos resultados indicam maior probabilidade de alçamento das vogais localizadas no sufixo.

No que se refere às variáveis sociais, mostraram-se relevantes Sexo e Tipo de Entrevista. Para a variável Sexo, os resultados apontam que os homens elevam mais freqüentemente em relação às mulheres. Quanto ao tipo de entrevista, percebeu-se maior índice de elevação nas palavras coletadas através da entrevista de experiência pessoal.

Com relação às vogais não finais, a análise em separado das vogais /e/ e /o/ apontou que a vogal média /e/ apresenta baixo índice de elevação e que os grupos de fatores lingüísticos e sociais mostraram-se mais influentes no processo de elevação de /o/.

Ressalta-se ainda que a análise dos resultados permitiu constatar que os condicionadores lingüísticos e sociais são mais influentes para a elevação das vogais em posição final do que para as vogais em posição não final. No entanto, quanto às vogais não finais, constatou-se que o alçamento sofre condicionamento lexical, visto que está mais presente em determinados vocábulos, não sendo completamente regular.

Os resultados permitem ainda concluir que o sistema vocálico postônico final e não final do português falado em Rincão Vermelho-RS assume um comportamento variável, diferente do que foi proposto por Mattoso Câmara para o dialeto do Rio de Janeiro. Foi possível observar também que a regra de neutralização da vogal média /o/, na referida comunidade, encontra-se em um estágio mais avançado em relação à vogal média /e/.

Assim, ao responder às hipóteses iniciais propostas para a presente investigação e análise, espera-se que esta pesquisa possa contribuir para a descrição do português brasileiro. Certamente são necessárias outras investigações sobre o tema no Brasil a propósito de ampliar as informações acerca do português falado nas diversas e diferentes regiões do País.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. P. do. **As proparoxítonas: teoria e variação**. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) – Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1999.

AZEREDO, José Carlos. **Iniciação à sintaxe**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

BAILEY, Guy and TILLERY, Jan. **Some sources of divergent data in sociolinguistics**. In: FOUGHT, Carmen . Sociolinguistic Variation: Critical Reflections. New York: Oxford University, 2004 b. 11 – 30.

BATTISTI, Elisa. **Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

BISOL, Leda & BRESCANCINI, Cláudia (org.). **Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro**. 4ª ed. rev. e amp. Porto Alegre: EDPUCRS, 2005.

BISOL, Leda. **A neutralização das átonas**. Revista Letras. Curitiba, n. 61, especial, Editora UFPR, p. 273-283, 2003.

_____. **Harmonia vocálica: uma regra variável**. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.

_____. **Sândi vocálico externo: degeminação e elisão**. Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, (23): 83-101, jul/dez 1992.

_____; BRESCANCINI, Cláudia. **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

CALLOU, D. LEITE, Y.; COUTINHO, L. **Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro**. *Organon*, Porto Alegre, v. 5, n.18, p.71-89, 1991.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 39ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **História da lingüística**. Petrópolis: Vozes, 1975.

CARNIATO, Miriam Cristina. **A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar**. Pelotas: UCPEL, 2000.

CLEMENTS, George. **The geometry of phonological features**. *Phonological Yearbook*, n. 2 p. 225-252, 1985.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. **Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

GUY, Gregory R. VARBRUL: **Análise avançada**. Tradução de Ana Maria Stahl Zilles. Cadernos de Tradução, n. 1. 2ª ed.

HENSEY, Frederik Gerald. **The sociolinguistics of the Brazilian – Uruguayan Border**. Paris: Mouton, 1972.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University Pennsylvania, 1972a.

_____. **La motivación social de um cambio fonético**. In: Modelos Sociolingüísticos. Madrid: Cátedra, 1983.

_____. **The intersection of sex and social class in the course of linguistic change**. *Language Variation and Change*, n.2, 1991.

_____. **A proposed resolution of the regularity question**. In: LABOV, W. *Principles of linguistic change: Internal Factors*. Oxford: Basil Blackwell, 1994. v. 1, cap. 18, p.502-543.

_____. **Resolving the neogrammarian controversy**. *Language* 57(2), 1981, p. 267-308.

LAVILLE, Christian. **A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre : UFMG, 1999.

LEMOS, Fernando Antônio Pereira. **O alçamento das vogais médias pretônicas e postônicas médias**. Revista de Filosofia, n. 26. Minas Gerais, 2005

LÓPEZ, B. **The sound pattern of Brazillian Portuguese (Cariocan Dialect)**. Tese de doutorado. University of California, Los Angeles, 1979.

MALLMAN, Dalcio Otelan. **A elevação das vogais médias átonas finais no português falado em Santo Ângelo (RS)**. (Dissertação). Porto Alegre: PUCRS, 2001.

MARASCA, Isabel. **Rincão Vermelho do princípio até os dias atuais**. (Monografia), Ijuí, 2005.

MATZENAUER, Carmen Lúcia. **Introdução à teoria fonológica**. In: BISOL, Leda (org.). Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

NARO, Anthoni Julius. **Estudos diacrônicos**. Petrópolis: Vozes, 1973.

NASCENTES, Antenor. **Elementos de filologia românica**. Rio de Janeiro: Simões, 1954.

OLIVEIRA, G. M. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à sociolinguística variacionista**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

RIBEIRO, Darinka Fortunato S. **Alçamento de vogais postônicas não-finais no português de Belo Horizonte – Minas Gerais: uma abordagem difusionista**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Minas Gerais, 2007.

ROVEDA, Suzana Damiani. **Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngües: Português e Italiano**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, 1998.

SANKOFF, David. **Variable rules**. In: AMMON, Ulrich, DTTMAR, Norbert e MATTEIR, Klaus J. (eds.) Sociolinguistics: an international handbook of the science language and society. New York: Walter de Gruyter, 1988, p. 984-998.

SANTOS, Pedro Marques dos. **Município de Roque Gonzales: terra e sangue das missões**. Gráf. Santo Ângelo, 1989.

SCHMITT, Cristina Job. **Redução Vocálica Postônica e Estrutura Prosódica**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1987.

SCHWINDT, L. C. S. **Harmonia vocálica em dialetos do Sul do País: uma análise variacionista**. (Dissertação) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira. **Coleta de dados**. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004.

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1992.

_____. **Guia para estudos dialectológicos**. 2ª ed. Belém: IMPA, 1957.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa sociolinguística**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1985.

_____. **Tempos linguísticos: Itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1990.

TRUDGILL, Peter. **The handbook of language variation and change**. Blackwell Publishers, 2004.

VIEIRA, M. José Blascowski. **Neutralização das vogais médias postônicas**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1994.

_____. **Aspectos do sistema vocálico do português**. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1997.

_____. **As vogais médias postônicas: uma análise variacionista**. In: BISOL, Leda & BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

VOTRE, Josué Sebastião. **Relevância da variável escolaridade**. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

WANG, W. S-Y. **Competing change as a cause of residue**. *Language*, Washington, v. 45, n.1, p. 9-25, 1969.

WEINREICH, U., LABOV, W & HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma mudança lingüística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

WETZELS, W. L. 1992. **Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese**. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, **23**. 19-55. Campinas: UNICAMP/IEL.

WODAK, R.; BENKE, G. **Gender as a sociolinguistic variable: new perspectives on variation studies**. In COULMAN, F. (org.), *The handbook of sociolinguistics*. Oxford: Blackwell, 1997.

ANEXOS - Anexo A – Modelo de Ficha social

FICHA SOCIAL

Nome:	
Endereço:	
Idade:	Sexo:
Local de Nascimento:	
Outras localidades onde residiu e por quanto tempo:	
Grau de Instrução:	
Profissão:	
Segunda Língua:	
Local de Nascimento dos pais:	
Pai:	
Mãe:	
Estado Civil:	
Número de Filhos:	
Idade:	Sexo:
Grau de Instrução:	
Atividades Sociais/ Lazer:	
Assuntos de maior interesse:	

Entrevistador: _____

Data da entrevista: ____ / ____ / ____ Duração da entrevista: _____

Observações gerais:

Anexo B – Roteiro de questões para pesquisa de campo**ENTREVISTA PESSOAL****A) Questões descritivas:**

- 1) Como é a vida aqui na comunidade?
- 2) Quais são suas atividades diárias
- 3) Voltando alguns anos atrás, na sua infância, como era a comunidade?
- 4) Que brincadeiras você costumava fazer com seus amigos? Quais eram as atividades dos seus pais?

B) Questões estruturais

- 1) Na sua infância, que brincadeiras você costumava fazer com seus amigos?
- 2) Quando você era pequeno(a), nos seus primeiros anos escolares, você lembra de alguma coisa que tenha sido importante? Que atividades eram feitas?

C) Questões de contraste**Tipo 1-**

- 1) Como era a vida na comunidade quando as pessoas não tinham acesso aos meios de comunicação, como a televisão, por exemplo? O que era diferente com relação a hoje? O que as pessoas faziam nos momentos de folga?
- 2) Gostaria de saber um pouco mais de você, as coisas que você gosta de fazer nos finais de semana, as atividades da comunidade que você costuma participar: eventos, festas, entre outros.
- 3) Que tipos de atividades de lazer você costuma fazer ou gostaria de fazer?

Tipo 2

- 1) Tem algum momento de sua vida que você consideraria o mais difícil?
- 2) Que coisas mais te deixam saudades do tempo de tua infância ?

- 3) Olhando para trás, existe algo que você gostaria de ter feito, mas que por algum motivo não foi possível, como por exemplo: ter estudado mais, ter feito algumas viagens, ter feito algum trabalho?
- 4) Aqui na comunidade, quais as coisas que você mais admira? E o que você acha que poderia ser diferente?

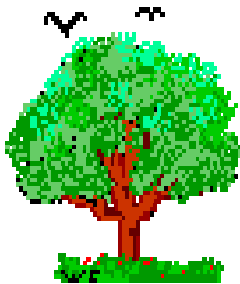
D) Situação hipotética

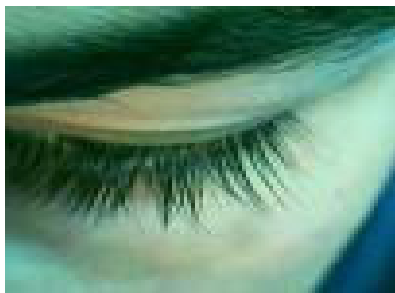
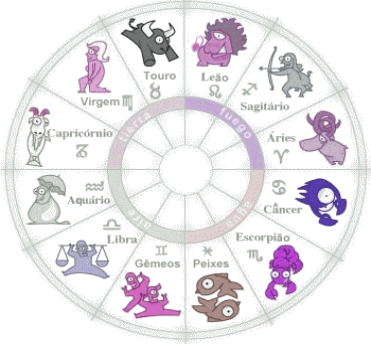
- 1) Se você recebesse uma proposta de trabalho na cidade, você deixaria a comunidade?
- 2) Se você recebesse um bom dinheiro para ser usado em algo para a comunidade, em que você investiria?

Anexo C – Instrumento para coleta das vogais médias não-finais**a) Questionário**

- 1) Móvel com gavetas utilizado para guardar roupas _____
- 2) Esta parte do corpo que cobre os olhos _____
- 3) Flor plantada em jardins ou canteiros _____
- 4) Para acendermos o fogo utilizamos _____
- 5) Profissional que conversa com as pessoas sobre seus problemas _____
- 6) Nome dado ao fruto do pessegueiro _____
- 7) Tipo de verdura plantada na horta _____
- 8) Para escrever utilizamos letras e para contar utilizamos _____
- 9) Previsões feitas pelos astrólogos a partir da data de nascimento _____
- 10) Bolinho de carne moída com ovos e temperos _____
- 11) Posição em que nos agachamos ou sentamos nos calcanhares _____
- 12) Órgão localizado em nossa cabeça _____
- 13) Pode ser plantada na horta e utilizada para fazer doce _____
- 14) Fornece sombra, flores e frutos _____
- 15) São utilizadas para fazer colares e brincos _____
- 16) Utilizamos para medir a temperatura do corpo _____
- 17) Um pequeno rio com água corrente nós chamamos de _____
- 18) Quando nos fazem temos vontade de rir _____
- 19) Órgão do corpo da mãe onde fica o neném antes de nascer _____
- 20) Em uma pensão, um hotel, as pessoas que ficam algum tempo são _____
- 22) Um artista ou cantor que admiramos muito é nosso _____
- 21) Os seres que mamam são conhecidos como _____
- 23) O trigo, a soja, são produtos _____
- 24) Nas camisetas do grêmio e do inter nós encontramos um _____ do time

b) Fichas com imagens utilizadas





Anexo D fotos da comunidade

Vila de Rincão Vermelho



Igreja católica Santo Antônio



Igreja da comunidade evangélica São João



Subprefeitura de Rincão Vermelho



Praça de Rincão Vermelho



Rio Ijuí